

Capítulo III

As revistas durante a Ditadura Militar (1926-1933) e o Estado Novo (1933-1974)

Magazines during Military dictatorship (1926-1933) and Estado Novo (1933-1974)

Carla Rodrigues Cardoso

Universidade Lusófona de Humanidades
e Tecnologias — CICANT

carla.cardoso@ulusofona.pt

ORCID ID: 0000-0003-0790-6924

CIÊNCIA ID: 7D10-6290-4765

Celiana Azevedo

Instituto Politécnico de Setúbal,
NOVA — FCSH e ICNOVA —
Instituto de Comunicação da NOVA

celiana.azevedo@ese.ips.pt

ORCID ID: 0000-0002-1768-2525

CIÊNCIA ID: 0E10-C185-DB0A

Resumo: Durante o século XX, Portugal viveu 48 anos sem liberdade de expressão. Primeiro de 1926 a 1933, fruto do Golpe Militar que encerrou a I República e iniciou um período de ditadura, depois com a instauração do Estado Novo, que se prolongou de 1933 a 1974, até à Revolução do 25 de Abril, primeiro passo rumo à Democracia. É, por isso, sem surpresas, que se registam apenas quatro novas revistas de informação geral neste interregno não democrático, todas elas nascidas já durante o Estado Novo. O jornalismo livre era inexistente, devido à censura estatal da imprensa, o que tornava a profissão de jornalista pouco atrativa e o negócio dos media privados subdesenvolvido por falta de incentivos. Apesar da parcimónia de títulos, três dos quatro que se registam pautam-se por uma longa história que se prolongou pelos primeiros anos pós-Revolução 25 de Abril: *O Século Ilustrado* (1938-1977), *Flama* (1944-1976) e *Vida Mundial* (1967-1977)¹. O quarto título, a revista *Observador* (1971-1974) é o único título que nasce e morre durante o Estado Novo, sucumbindo dois meses antes da revolução de 1974. O período histórico em análise neste capítulo, apesar de todos os condicionantes e de incluir apenas quatro revistas, é de profunda transformação na história da revista de informação geral em Portugal. *O Século Ilustrado* e a *Flama* são os dois últimos grandes títulos de revistas semanais ilustradas, formato iniciado no final do século XIX, ainda durante a Monarquia (Cf. 1.4). Por outro lado, é também durante o Estado Novo que surgem os títulos precursores da revista semanal de informação geral moderna (também designada por newsmagazine²), na senda do modelo iniciado com a *Time* nos Estados Unidos. Assim, a *Vida Mundial* nasce do jornal homónimo em 1967, acompanhando uma tendência da imprensa europeia da época, enquanto a *Observador* se configura como a primeira newsmagazine portuguesa criada de raiz em 1971.

Palavras-chave: história da imprensa; história das revistas; Portugal; Ditadura Militar; Estado Novo.

Abstract: During the 20th century, Portugal lived without freedom of speech for 48 years. First, from 1926 to 1933, as a result of the Military Coup which brought the 1st Republic to an end and brought on a period of dictatorship; then with the establishment of the *Estado Novo*, which would last from 1933 to 1974, until the 25 April Revolution, the first step towards democracy. It is, thus, without surprise that only four new general-interest magazines can be identified in this non-democratic interregnum, all of which already founded during the *Estado Novo*. Free journalism was inexistent due to the state censorship of the press, which rendered the profession of journalist unattractive and stifled the private media business due to lack of incentives. Despite the scarcity of publications, three of the four were characterised by a long history, which included the first years after the 25 April Revolution: *O Século Ilustrado* (1938-1977), *Flama* (1944-1976) and *Vida Mundial* (1967-1977)³. The fourth publication, *Observador* (1971-1974) is the only magazine that was founded and came to an end during the *Estado Novo*, succumbing two months before the 1974 revolution. Despite all constraints and only comprehending four magazines, the period under analysis in this chapter is one of deep transformation in the history of general-interest magazines in Portugal. *O Século Ilustrado* and *Flama* are the two last great weekly illustrated magazines, a format that started in the early 19th century, still during the Monarchy (see 1.4). Moreover, it is also during the *Estado Novo* that the forerunners of the modern weekly general-interest magazine (also known as newsmagazine⁴) would emerge, in the wake of the model began with *Time* in the United States. Thus, *Vida Mundial* derived from the newspaper of the same name in 1967, following a trend of the European press at the time, while *Observador* can be considered the first Portuguese newsmagazine created from scratch in 1971.

Keywords: history of the press; history of magazines; Portugal; Military Dictatorship; *Estado Novo*.

1 *O Século Ilustrado* teve uma fase inicial muito incerta, enquanto *Flama* e *Vida Mundial* pré-existiram no formato jornal. As datas de início assinaladas correspondem ao momento em que cada um dos títulos adotou o formato de revista.

2 Os materiais referentes aos 15 títulos identificados neste livro como newsmagazines, (*Vida Mundial* e *Observador*, que integram este Capítulo III, e as 13 restantes revistas analisadas no Capítulo IV), foram alvo de outras publicações — especialmente no caso das revistas *Observador* e *Opção* — no âmbito do projeto FCT de financiamento em que se enquadra esta obra. As 15 newsmagazines também foram trabalhadas na tese de doutoramento, por publicar, de Carla Rodrigues Cardoso (2015). Todas as fontes em questão estão identificadas na bibliografia.

3 *O Século Ilustrado* had a very uncertain initial phase, while *Flama* and *Vida Mundial* existed previously as newspapers. The launch dates indicated correspond to the year when they shifted to the magazine format.

4 The materials concerning the 15 publications identified in this book as newsmagazines (*Vida Mundial* and *Observador*, which integrate this chapter, and the 13 other magazines which constitute the corpus of Chapter 4), have been the subject of further academic work — especially in the case of *Observador* and *Opção* — within the scope of the FCT funding research project which also frames the present volume. The 15 newsmagazines were also discussed in the unpublished doctoral thesis submitted by Carla Rodrigues Cardoso (2015). All the sources in question are identified in the bibliography.

Introdução

O golpe de 28 de Maio de 1926 abre uma longa luta em torno do domínio do Estado. Se o objetivo de retirar o Partido Republicano do poder tinha aproximado “oposições distintas”, a verdade é que estas o fizeram “sem grandes compromissos e sempre com muita desconfiança, em torno de um programa mínimo”, que se traduzia, segundo Fernando Rosas, em “pôr termo à «corrupção», à «demagogia», à «ditadura» dos «democráticos», substituindo-a por um vago «regime de ordem», de «exceção», que saneasse as finanças, relançasse a economia na metrópole e nas colónias e criasse as condições de uma «nova ordem política» republicana, cujo conteúdo ninguém se apressava a explicitar” (Rosas, 2012, p. 58). Sobre o futuro nada se dizia. Por isso, durante sete anos assiste-se a um complexo período de confrontos, que apenas se clarificará com a chegada de António de Oliveira Salazar ao poder e a institucionalização do Estado Novo, em 1933.

A partir de então, Salazar vai liderar, até 1968, a longa ditadura portuguesa, com recurso a forte repressão, à censura e suprimindo todas as liberdades fundamentais em geral, entre muitos outros mecanismos indispensáveis à manutenção do Regime. Ultrapassa habilmente as grandes crises que o Estado Novo atravessa no pós II Guerra Mundial e os fortes abalos que significaram as candidaturas da oposição democrática do general Norton de Matos (não concretizada, 1949) e, sobretudo, a de Humberto Delgado, em 1958, que provocou um autêntico “terramoto” político, mobilizando e entusiasmando multidões em torno da figura do “general sem medo”.

É neste contexto político que *O Século Ilustrado* e a *Flama* surgem como as duas últimas grandes representantes da revista ilustrada de informação em Portugal, um tipo de publicação em que a imagem assume o protagonismo enquanto veículo informativo, com raízes no final do século XIX, ainda durante a Monarquia (Cf. 1.4).

Após uma fase embrionária de 1933 a 1937, *O Século Ilustrado* assume o formato de revista em 1938, cinco anos após a instauração do Estado Novo. Propriedade da Sociedade Nacional de Tipografia, a revista surge com uma designação masculina e com o estatuto inicial de suplemento do jornal *O Século*, embora fosse vendida em separado, com preço de capa próprio.

A *Flama* é lançada em 1937 como um jornal quinzenal, detido pela Igreja Católica. Ao longo de quase 40 anos de história, sofreu as mais diversas mutações. A mais marcante acontece em 1944, após dois anos em que o título esteve suspenso. Renasce como revista ilustrada de informação geral e passa a dividir as bancas com *O Século Ilustrado*. Na etapa final do seu percurso, a *Flama* aproxima-se muito do território das newsmagazines, o que faz desta revista uma publicação híbrida, de transição, entre um modelo que se aproximava do fim, e um outro que dava os primeiros passos.

De facto, é também no Estado Novo que surgem as duas primeiras newsmagazines portuguesas — *Vida Mundial* e *Observador* —, também elas sujeitas aos constrangimentos da censura da imprensa e à ausência de liberdade de expressão. Caracterizando-se as revistas

semanais de informação geral por um jornalismo interpretativo, dificilmente compaginável com um regime não democrático, torna-se necessário procurar os fatores que terão propiciado a transformação, em 1967, do jornal *Vida Mundial* em newsmagazine e, em 1971, o aparecimento da *Observador*, a primeira newsmagazine criada de raiz em Portugal.

Apesar da Primavera Marcelista (1968-1970) e das esperanças de mudanças políticas, económicas e sociais, a máquina repressiva do Estado Novo manteve-se inalterada. Os apelos à liberdade de expressão por parte dos jornalistas culminaram na manutenção da censura, mas de forma encapotada, com consequências ainda mais danosas depois do Decreto-lei n.º150/72 de 5 de maio. Explica o investigador Álvaro Costa de Matos que “o novo decreto estipulava agora que os artigos que eram submetidos à acção do exame prévio não podiam ser referenciados como tal. Os jornais deixavam assim de poder publicar o tradicional “visado pela censura”” (Costa de Matos, 2006, p. 45). Na prática, significava que a censura se mantinha, mas no total anonimato. Sem a referência à sua presença, perde-se o “sinal vermelho” de alerta aos leitores de jornais e revistas. A camada maioritária da população menos politizada passa a correr o risco provável de aceitar o que é publicado como reflexo da realidade, na inconsciência do trabalho operado pelos censores.

Se as mudanças políticas nos anos em que as newsmagazines *Vida Mundial* e *Observador* nascem são quase inexistentes, as eventuais alterações terão de provir da economia, da sociedade e, em particular, do campo jornalístico. No que diz respeito à economia, Fernando Correia e Carla Baptista indicam que “a partir da década de 50, o crescimento do sector secundário criou condições que desencadearam uma maior mobilidade social”. Os investigadores destacam também a redução do analfabetismo, que desce de 55%, em 1950, para 35%, em 1969, e o crescimento da população estudantil universitária (Correia & Baptista, 2007, p. 61).

Outra alteração que se verifica é o decréscimo da emigração. Depois de ter ultrapassado os 120 mil portugueses em 1966, dois anos depois já se cifrava nos 80 mil, continuando a descer nos três anos seguintes, até 1971, em que ronda os 50 mil, uma redução de quase 60% em cinco anos, de acordo com dados da Pordata. A tendência inverte-se durante os dois últimos anos do Estado Novo. Nesta conjuntura, reuniram-se condições para a consolidação da classe média, o desenvolvimento urbano e cultural, com consequências no jornalismo. Correia & Baptista (2007, p. 23) estabelecem uma “década distorcida”, de 1956 a 1968, como o período em que as principais mudanças se registam.

De finais dos anos 50 até ao 25 de Abril de 1974, “vários dos jornalistas que entram nesta altura nas redacções são activistas católicos e, despertados para a consciência das profundas desigualdades sociais e económicas da sociedade portuguesa, insistirão sempre na cobertura preferencial desse tipo de assuntos” (Correia & Baptista, 2007, p. 65). Esta procura de temas afastados da política partidária, mas que respiram mensagens políticas reais, pode ter sido um motor de desenvolvimento das newsmagazines, uma vez que as temáticas de sociedade e as histórias de pessoas são assuntos em que este tipo de publicação aposta. Contam os

investigadores que “a reportagem empenhada tornou-se uma *arma de destruição maciça*⁵ da imagem de bem-estar material e paz social propalada pelo regime e o argumentário católico de justiça social foi amplamente manejado mesmo por aqueles que não viviam interiormente a crença religiosa” (Correia & Baptista, 2007, p. 65).

Por seu turno, Ana Cabrera, autora do livro *Marcello Caetano: Poder e Imprensa*, destaca o intervalo entre 1961, que corresponde ao início da crise académica de 1961-62, e a revolução do 25 de Abril de 1974 como um período em que “vão sucessivamente ingressando na profissão jovens saídos das universidades”. Uma geração com características particulares: “uns com experiência directa no Movimento Associativo, outros que estabeleceram contactos e receberam influências dessas movimentações — todos eles unidos por um laço comum, sobretudo os homens que eram a maioria nas redacções: a guerra de África que marcava o seu horizonte de vida, a liberdade de acção, a liberdade de expressão e a contestação geral ao regime”. Para a investigadora, a decisão de optar pela “profissão de jornalista consubstanciava a necessidade de participar e a possibilidade de mudar a sociedade” (Cabrera, 2006, p. 20).

No que diz respeito aos proprietários dos meios de comunicação social, “novos empresários e gestores mais abertos à modernização (...) introduzem uma certa brisa de mudança nas empresas e nas salas de redacção — directamente apenas em algumas, mas noutras por contágio e por necessidades da concorrência”. Associadas ao aumento da publicidade e às inovações tecnológicas, são alterações que anunciam “a morte das velhas empresas familiares e a entrada numa nova fase da luta pelas audiências e da comercialização da informação” (Correia & Baptista, 2007, p. 69). Dois novos títulos surgem nas bancas em consequência deste período excecional, o vespertino *A Capital*, em 1968, e o semanário *Expresso*, em 1973.

Propriedade da Sociedade Nacional de Tipografia, tal como *O Século Ilustrado*, a *Vida Mundial* transforma-se de jornal em newsmagazine, em 1967, em linha com as transformações que ocorriam na imprensa europeia e que visavam a melhoria dos resultados financeiros das empresas. Muitos jornais europeus em busca de mais leitores apostaram na mudança de formato adotando a orgânica e o conceito de revista semanal de informação geral que venceria do outro lado do oceano com Henry Luce e Briton Hadden, em 1923. Em França, por exemplo, a *L'Express* e a *Le Nouvel Observateur*, passam de jornais a newsmagazines em 1964, apenas três anos mais cedo que a *Vida Mundial*.

O êxito da *Time*, ao qual se sucedeu o da *Newsweek*, em 1933, também nos Estados Unidos, consagrou a fórmula newsmagazine, que acabou por ser reproduzida um pouco por todo o mundo. As newsmagazines afirmaram-se internacionalmente como “revistas semanais de distribuição nacional, dirigidas a uma audiência com interesses gerais, focadas primariamente em reportar acontecimentos recentes e a atualidade” (Sumner, 2003, p. 87). O formato

5 Em itálico, no original.

desenhado em 1923 tinha como objetivo “ajudar os leitores ocupados, com pouco tempo disponível, a tomar conhecimento das notícias, tendências e pessoas mais importantes (ou pelo menos mais interessantes)” (Sterling, 2009: p. 1006), e existem autores que fazem recuar os primórdios do jornalismo interpretativo à fundação da revista americana (Santamaría Suárez & Casals Carro, 2000, p. 18). Apesar de todas as mutações sofridas ao longo de quase um século, o formato newsmagazine mantém-se vivo e é o tipo de revista mais investigado por académicos da área dos Estudos do Jornalismo.

No ocaso da Primavera Marcelista, a *Observador*, em 1971, traduz-se numa aposta de um grupo editorial forte, a Verbo, numa revista cuidada, organizada, pensada para um público mais elitista do que aquele que lia *A Vida Mundial*, título com o qual passa a disputar o mercado. A *Observador*, mais uma revista de nome masculino, prepara durante meses a fórmula certa a utilizar e publica quatro números zeros, os três primeiros ainda em 1970, num processo que só voltaria a encontrar semelhanças com o lançamento da *Visão*, 22 anos mais tarde, em 1993.

Um dos aspetos mais interessantes nesta etapa da história das revistas de informação geral em Portugal é o facto de os quatro novos títulos que comporta terem convivido e disputado leitores, no exíguo mercado português, durante três anos, ou seja, o tempo de vida da *Observador* (1971-74). Será necessário esperar mais de 30 anos, até 2004, para se registar uma situação semelhante no setor, como se verificará no quarto e último capítulo deste livro.

Tabela 1

Principais revistas de informação geral publicadas em Portugal 1926-1974.

Título	Anos de publicação	Local de edição	Preço (inicial)		Dimensões (cm)	Páginas	Periodicidade	Forma dominante de ilustração
			Exemplar	Assinatura anual				
O Século Ilustrado	1938-1977*	Lisboa	1\$50 escudos	78 escudos	31x39,5 cm	16	Semanal	Fotografia
Promotores: João Pereira da Rosa. Pertencia à empresa <u>Sociedade Nacional de Tipografia, ed. com.</u> ;								
Flama	1937-1976**	Lisboa	0,50 escudos	12 escudos	30x37,5 cm	4	Quinzenal	Fotografia
Promotores: António dos Reis Rodrigues (diretor). Pertencia à Juventude Escolar Católica.								
A Vida Mundial	1967-1977***	Lisboa	5 escudos	230 escudos	20x26,5 cm	68	Semanal	Fotografia
Promotores: Francisco Eugénio Martins (diretor). Pertencia à empresa <u>Sociedade Nacional de Tipografia, ed. com.</u>								
Observador	1971-1974	Lisboa	7,50 escudos	Sem indicação	22x29 cm	88	Semanal	Fotografia
Promotores: Artur Anselmo (diretor). Pertencia à Verbo.								

Notas:

* A publicação tem uma primeira fase embrionária de 1933 a 1937, ano a partir do qual assume o formato de revista. Entre fevereiro de 1977 e junho de 1982, *O Século Ilustrado* edita um número anual para garantia de título; entre 1988 e 1990, reaparece em formato de revista e jornal.

** Passa ao formato de revista semanal em 1944, após uma paragem de dois anos. Foi editada até 1983 um número anual da *Flama* para garantia de título.

*** De 1939 a 1967 a *Vida Mundial* foi um semanário. Apesar de anunciar a alteração, a revista continua a numeração iniciada com o jornal.

Fonte: elaboração própria.

3.1. As últimas grandes revistas ilustradas de informação

3.1.1. *O Século Ilustrado*

O Século Ilustrado (SI) foi uma revista de informação geral publicada pela primeira vez em 7 de novembro de 1933. Apesar de ser identificada como um suplemento semanal do jornal *O Século*, de Lisboa, era vendida separadamente sendo, portanto, considerada uma publicação independente. Naquela que consideramos a primeira fase de sua história, entre 1933 e 1937, *O Século Ilustrado* publicou seis números. A Biblioteca Nacional de Portugal possui todos os seus exemplares, porém, os de números um, dois e três não se encontravam disponíveis para consulta quando esta pesquisa foi realizada devido a sua raridade e fragilidade. Assim, o primeiro exemplar a que tivemos acesso data de 23 de setembro de 1935, é o número quatro, e custava 0,30 escudos.

O conteúdo destes primeiros números de *O Século Ilustrado* foi publicado em preto e branco, em papel de jornal, com layout organizado em duas ou três colunas, possuía oito páginas, com peças assinadas e ilustradas por desenhos, cuja autoria era raramente identificada e, como era de se esperar, não possuía uma única foto. Apesar da revista se consolidar ao longo de sua história como sendo uma publicação dirigida ao público feminino, nesta fase, podemos identificar facilmente, a partir dos conteúdos e da linguagem apresentados, que o seu público alvo era o infantil ou o juvenil, apesar de não haver qualquer referência explícita a isso. A revista trazia em sua primeira página a informação de que aquele número fora visado pela Comissão de Censura, visto que Portugal já se encontrava sob um regime ditatorial desde 1926.

A revista número quatro era composta principalmente por pequenas histórias lúdicas com um fundo moral implícito. A primeira página estava composta por um poema ilustrado por duas gravuras e assinado por Laura Chaves e conta uma estória dialogada entre duas fogueiras sobre “orgulho e castigo”; nas páginas dois e três, poder-se-ia ler um texto intitulado “O menino mexelhão” assinada por Graciette Branco e o anúncio dos prémios para os primeiros colocados do concurso “Uma Vila completa”. Como veremos mais à frente, ao longo de sua história, muitos outros concursos se seguiram, mas acreditamos ser esse o primeiro da revista. Nas páginas quatro e cinco encontramos “A desculpa do menino guloso” escrita em verso e o “Retrato do melharudo maluco” escrita em prosa. Na página seis, *O Século Ilustrado* chama os seus leitores de “Queridas abelhinhas” e a peça, que está assinada pela “Abelha Mestra”, dá instruções sobre como fazer roupa para bonecas. Nesta mesma matéria, mais abaixo, Américo Taborda dirige-se ao leitor como “meus meninos” e “amiguinhos” e discorre sobre como fazer um ascensor utilizando duas bengalas e como montar uma máquina a vapor com latas. Nas gravuras, podemos identificar uma assinatura composta com “At”, que supomos ser as iniciais do autor da peça.



Figuras 1, 2 e 3
O Século Ilustrado, 23 de setembro de 1935, pp. 1, 4, 5 e 7.
Fonte: Reproduções do original.

Vou-lhes hoje ensinar como se faz uma máquina a vapor, muito simples e prática, que poderão adaptar a qualquer outro engenho. Numa caixinha de lata, de graxa por exemplo, abre-se um pequeno orifício na parte superior. Verticalmente deve dispor-se um moinho construído por seis asas de cartão, uma rolha e um arame que lhe servirá de eixo, o qual se apoia a dois suportes que podem ser de folha, soldados à tampa da caixa, como indica a gravura. Pratica-se novamente outro furo, também na tampa, mas maior e oposto ao primeiro, pelo qual se enche a caixa de água quente. Depois é só tapar hermeticamente este último buraco aberto e levar o engenho ao lume, o que faz ferver a água imediatamente. O vapor produzido, escapando-se pelo outro buraco, virá pôr em movimento o curioso moinho. Por hoje fiquemos por aqui, mas brevemente ensinarei outras curiosas experiências e engenhocas que muito os deverão divertir

(*O Século Ilustrado*, 23 de setembro de 1935, p. 6).

Na página sete há o resultado de um concurso de charadas, cujo autor é Américo Tabor. A revista apresenta os “decifradores” e atribui-lhes uma classificação geral por pontos. O primeiro classificado teve como prêmio a publicação de sua foto no quadro de honra. Nesta mesma página, podemos ver um desenho “para os meninos colorirem” e mais abaixo, um outro em forma de “Advinha”: “Querem saber porque foge este menino? Unam as duas séries de pontos numerados, tracejando-os pela respetiva ordem” (*O Século Ilustrado*, 23 de setembro de 1935, p. 7). Na última página, temos desenhos de personagens com indicações para serem recortados para compor um “Teatro de Robertos”. As instruções são artesanais e parecem terem sido escritas à mão.

Aquela que consideramos como a segunda fase de *O Século Ilustrado* começa em 1 de janeiro de 1938. A partir dessa data, a sua numeração é reiniciada para marcar um recomeço, apesar de não fazer nenhuma referência à fase anterior. Era uma edição semanal e continuava a poder ser adquirida separadamente com um número avulso a custar 1\$50 escudos ou através de assinaturas semestrais (39 escudos para o Continente e Ilhas) ou anuais (78 escudos para o Continente e Ilhas). Possuía 16 páginas (1,9 metros quadrados de superfície total impressa ou 31x39,5 cm), o dobro da versão anterior e apresentou-se com um layout mais moderno combinando fotografias e gravuras, com predominância destas últimas, e com um aspeto estético que se aproximava muito da de um jornal. Só depois de vários anos, mais especificamente a partir de 1944, o *SI* ganha uma aparência semelhante àquilo que entendemos hoje como revista.

Valendo-se da notoriedade que o jornal *O Século* possuía já há algumas décadas, principalmente desde a queda da monarquia, a revista *O Século Ilustrado* contou, desde o início, com a cooperação de uma vasta gama de colaboradores, especialmente jornalistas e intelectuais da elite portuguesa. Alguns nomes como José Gomes Ferreira, Júlio Dantas, Armando Ferreira, Teresa Leitão de Barros, Bastos Guerra, Armando Vieira Pinto, Francisco Guedes Carneiro, Paiva de Magalhães e Tomé Vieira contribuíram com textos da mais diversa natureza. Estruturada

em cinco ou seis colunas, o seu conteúdo era diversificado e repleto de pequenos e grandes textos que iam desde contos, poemas, reportagens e notícias para além de textos literários e de opinião. Dentre esses estilos de textos jornalísticos, foi através da reportagem, um dos marcos da SI, que o leitor poderia encontrar diversos temas sempre acompanhados de ilustrações.

Não identificamos neste primeiro número de *O Século Ilustrado* nenhuma apresentação da revista aos portugueses. Esta falta de “diálogo” com os leitores viria a apresentar-se como característica da revista que raramente falava de suas modificações editoriais. Em seu cabeçalho podemos ler que a revista era da propriedade e edição da Sociedade Nacional de Tipografia, sob a direção de João Pereira da Rosa e edição de Fernando Canto e com a redação, administração e oficinas a localizarem-se na rua do Século, 43, da capital portuguesa.

João Pereira da Rosa foi um grande nome da revista *O Século Ilustrado* e também do jornal *O Século*, sendo seu diretor por 36 anos. Nasceu em Évora em 26 de setembro de 1885 e trabalhou desde os 14 anos de idade no jornal *O Século*, como empregado administrativo e, alguns anos depois, como inspetor-geral das oficinas do jornal (Departamento de Património Cultural da Câmara Municipal de Lisboa, 2013). Mais tarde, foi subdiretor e, a partir de 9 de junho de 1926, foi o diretor, vindo ainda mais tarde a ser o proprietário desse órgão de comunicação social⁶. Na sua direção, fundou em 1927 a Colónia Balnear Infantil *O Século* que, em 1959, lhe valeu a Grã-Cruz da Ordem da Benemerência (Departamento de Património Cultural da Câmara Municipal de Lisboa, 2013), um tema recorrente nas páginas de *O SI*: “Não teve tempo para brincar com as outras crianças; daí, a sua imensa ternura pelas crianças pobres, o seu veemente desejo de possibilitar ao maior número possível delas férias anuais, saudáveis, alegres e frutuosas do ponto de vista espiritual. Nasceu, assim, a Colónia Balnear infantil de ‘O Seculo’ ” (*O Século Ilustrado*, 25 de março de 1972, p. 3).

João Pereira da Rosa permaneceu à frente da Sociedade Nacional de Tipografia por 63 anos, quando a doença o impossibilitou. Em 25 de março de 1972, quando completou-se dez anos sobre a data do falecimento de João Pereira da Rosa, a revista *O Século Ilustrado* prestou-lhe homenagem: “João Pereira da Rosa, saudoso director de ‘O Seculo’, ao qual dedicou toda a sua vida, numa entrega total e entusiástica, apoiado nas excepcionais qualidades de inteligência e capacidade de trabalho que fizeram dele o jornalista que ocupa lugar cimeiro na história da imprensa portuguesa e o empresário com rasgada visão do futuro” (*O Século Ilustrado*, 25 de março de 1972, p. 3).

6 “Refira-se ainda que João Pereira da Rosa foi vereador da Câmara Municipal de Lisboa na Comissão Administrativa de 1918 e procurador à Câmara Corporativa na sua 1ª legislatura. E que, de igual forma, ao longo da sua vida se empenhou no desempenho de outros cargos, como diretor-secretário da Associação Comercial de Lisboa, fundador da União dos Interesses Económicos (1924), presidente do Grémio da Imprensa Diária (1936-1941), 1º presidente da direção da Caixa de Reforma dos Jornalistas, presidente da Assembleia-Geral do Ateneu Comercial de Lisboa, diretor do Automóvel Clube de Portugal e, sócio honorário dos Inválidos do Comércio” (Departamento de Património Cultural da Câmara Municipal de Lisboa, 2013).

Nesta segunda fase, sua primeira capa, trazia o logotipo da revista, *SI — O Século Ilustrado*, e a fotografia da atriz Elsa Rulina, protagonista do filme “Canção da Terra”, uma produção de Brum do Canto. A atriz ostenta um sorriso aberto e soalheiro, enquadrado por um lenço saloio e flores silvestres. Apesar de possuir páginas em preto e branco, trazia um grafismo exuberante em tons de azul na capa e em algumas páginas interiores. Na primeira página havia duas secções fixas: “Comentários” e “Acontecimentos”. A primeira peça que poderíamos ler estava assinada pelo escritor português, José Gomes Ferreira (1900-1985), na secção “Comentários” e trazia um curioso texto intitulado “Confissão” onde relata uma experiência de sua infância. Esse texto ditará o tom daquilo que será *O Século Ilustrado*: uma revista à frente do seu tempo, cheia de poesia e literatura e que mexeria com o imaginário de seus leitores durante várias décadas.

Desde os tempos loiros da infância que sinto uma paixão furiosa pela Verdade. Não pela palavra ou por uma noção abstrata qualquer, mas pela clássica e ingénua representação criada pelos homens que perturbou toda a minha meninice cábula: uma mulher nua a chafurdar na lama. Vi-a pela primeira vez, resplandecente e divina, num jornal infantil e fiquei deslumbrado. Impressionou-me, acima de tudo, — mais do que o poço, mais do que a nudez, mais do que a lama — a incrível abundância dos cabelos da Verdade. Eram tantos que lhe ocultavam o pescoço, os seios, os quadris e as pernas... Nessa ocasião, não percebi lá muito bem porque nos davam uma imagem humana da Verdade, ao mesmo tempo completamente vestida. Hoje, percebo. Quero dizer: já percebi tudo ontem. Posso até ser sincero e afirmar que comecei a perceber tudo, antes de ontem... Mau grado meu, porém, nem o tempo nem a cabeleira conseguiram apagar o meu amor por essa senhora meia deusa, meia reclamo a um produto rejuvenescedor de cabelos! Pelo contrário: as calças desceram, e a paixão subiu assustadoramente, acrescentada agora de mais esse desejo higiénico: secar o poço, libertar a Verdade e rapar-lhe o cabelo à escovinha!... (*O Século Ilustrado*, 1 de janeiro de 1938, p. 2).

Ainda na página dois, em “Apontamentos”, Barros Guerra fala com tom humorístico e crítico sobre alguns aspetos morais da sociedade portuguesa da época. Na mesma página ainda poderíamos ver uma banda desenhada com tom humorístico; e a secção “Bilhetes sem lê-lo”, assinado por Armando Vieira Pinto, com um breve texto em formato de carta endereçada a Marieta a contar-lhe o aparecimento de uma nova escritora: Raquel Bastos.



Figuras 4 e 5

O Século Ilustrado, 1 de janeiro de 1938, p. 1 e 3.

Fonte: Reproduções do original.

Na página três, Teresa Leitão de Barros assina a peça Ilustrada por Martins Barata sobre as aventuras amorosas do Imperador D. Pedro IV. A página seguinte é dedicada ao desporto praticado por jovens no rio Tejo. A exuberante matéria possui oito fotografias em tons de azul atribuídas a M. R. Carneiro e um texto escrito em diagonal que descreve como os estudantes da Mocidade Portuguesa praticam vela: “O Mar é sem dúvidas uma grande escola para criar rapazes fortes de corpo e de espírito — e a Direcção da Mocidade Portuguesa difundindo os desportos náuticos populariza o mais essencialmente de todos os exercícios a que se pode entregar a gente lusa” (*O Século Ilustrado*, 1 de janeiro de 1938, p. 4). A página cinco traz uma peça sobre a Serra da Estrela acompanhada por quatro fotografias e, ao lado, um texto assinado por Júlio Dantas intitulado “O berço e o Homem” combinando um luxuriante grafismo de fotos e gravuras. Matérias deste tipo são um perfeito exemplo de como *O Século Ilustrado* apostava no poder da imagem, especialmente da fotografia, para contar os acontecimentos.



Figuras 6 e 7

O Século Ilustrado, 1 de janeiro de 1938, p. 4 e 5.

Fonte: Reproduções do original.

A partir da página seis e sete, apresentam em preto e branco as secções “Página de Humorismo”, com anedotas e bandas desenhadas ilustradas com gravuras; e “Espetáculos”, com informações sobre espetáculos e crítica de cinema assinado por Chico de Alcântara. As páginas oito e nove trazem em tons de azul exuberante imagens que acompanham breves textos sobre a transformação do Convento de São Bento no Palácio da Assembleia e sobre a guerra espanhola: “O vasto convento dos beneditinos veio, de transformação em transformação, a ser o sumptuoso Palácio da Assembleia Nacional. Ventura Terra foi o iniciador do projecto de conclusão do palácio. Dentro de pouco tempo a Assembleia Nacional terá um edifício digno das suas altas funções que seja ao mesmo tempo, orgulho dos artistas portugueses” (*O Século Ilustrado*, 1938, p. 10). Na página seguinte de *O Século Ilustrado*, na secção “Bruxarias, Feitiços e Superstições”, podemos ler uma narrativa a propósito do aniversário em comemoração à Batalha de Aljubarrota e como os habitantes da cidade de Lisboa fizeram uma promessa que desafiava a lei contra bruxaria.

Na secção “O que vai neste mundo: ecos, curiosidades e novidades” podemos ler em tom irónico sobre Portugal, as novas regras dos exames de instrução primária; da Inglaterra, a fundação do “Clube dos Falecidos” constituído por todos os londrinos falecidos e que constavam nos registos civis e nos jornais da capital; sobre o Brasil, fala-se da curiosidade

dos nomes de pessoas de uma família de Belém, nomeadamente, Verso, Estância, Estrofe e Soneto; Da Alemanha, em pleno 1938, ou seja, às portas da Segunda Guerra Mundial, notícias do esforço de associações de proteção aos animais para salvar andorinhas; e de Nova Iorque a informação de que 12.000 queixas foram apresentadas contra os ruídos na cidade, principalmente o barulho de sinos, cães e leões: “As doze mil queixas apresentadas correspondem a doze mil indivíduos que andam em permanente estado de mau-humor; como este é contagioso, a polícia deve apressar-se em tomar providências se não quer que New York transformada em um ring de box” (*O Século Ilustrado*, 1938, p.11).

Algumas associações alemãs de proteção aos animais, estão interessando-se, desde o ano passado, pela sorte das andorinhas que, no princípio do outono, costumam deixar as regiões do norte da Europa em procura de mais brandos climas, na Itália e na África, mas que, por fraqueza ou doença, desistem a meio do percurso e vêm cair, exaustas, cheias de fome e de frio, nas encostas dos Alpes. Organismos locais estão encarregados de recolher as pobres viajantes aladas e entrega-as nos postos da polícia, que, por seu turno, se encarrega de as transportar até a mais próxima estação de caminho de ferro. Daí, seguem para Munich, onde os próprios ferroviários se apressam a levá-las ao aeroporto da ‘Lufthansa’, donde seguem em avião para Veneza. Todos os serviços necessários para restituir à vida e à alegria as simpáticas mensageiras na Primavera, são prestadas gratuitamente. Bela lição de humanidade e de respeito pela beleza frágil. Eis aqui um exemplo interessante para a ‘Protecção dos animais’” (*O Século Ilustrado*, 1938, p.11).

No segmento “Dos Jornais”, onde são publicados comentários de notícias da imprensa nacional e internacional, *O Século Ilustrado* convida à participação: “Os nossos leitores podem colaborar nesta secção. Queira-nos enviar um eco tirado dos jornais e comentado por si. Se for interessante será publicado” (*O Século Ilustrado*, 1938, p. 11). Podemos ler, em forma de diálogo, na secção “Inquéritos pelo telefone” a consulta a três personalidades portuguesas o que pensam sobre o fado — o renovador da Arte Nacional dos Azulejos Jorge Colaço, o maestro Ivo Cruz e o general da Marinha Beirão.

Mesmo sendo o primeiro número, há vários anúncios publicitários que ocupavam, principalmente, a parte inferior das páginas. A publicidade era variada e ia desde máquinas de escrever, tintas para cabelo, rádio, remédios para reumatismo até cintas elásticas, papel para cigarro, perfumes e joalheria, só para citar alguns exemplos. Isso quer dizer que estavam, em grande medida, direcionadas para o público feminino. Contudo, com o passar dos anos, os anúncios publicitários ganharam mais espaço ao mesmo tempo que se tornaram diversificados com o objetivo de alcançar outras parcelas da população. A exceção se dá em 1945 quando a publicidade nas páginas do *SI* se torna escassa, provavelmente devido às evidentes restrições financeiras impostas pela Segunda Guerra Mundial que assolava a Europa e que atingiu Portugal, mesmo que de maneira indireta. A título de ilustração poderíamos citar um

curioso anúncio desta primeira edição com o título “Não mate!!! Defenda-se com uma pistola E.M.G.E., a publicidade de uma arma falsa: A única pistola de alarme que se confunde com a verdadeira. De absoluta confiança e a mais barata. Isenta de todas as licenças. Chegou nova remessa. Descontos nos revendedores” (*O Século Ilustrado*, 1938, p. 11).

Figura 8

O Século Ilustrado, 1 de janeiro de 1938, p. 11.
Fonte: Reprodução do original.



Na página 12, assinada por Tomé Vieira, temos uma reportagem sobre a inexistência do serviço de espionagem português durante a I Guerra Mundial e, a página seguinte, na secção “As grandes obras de cinema”, conta a história do romance que virou filme, “Lobos do Mar”. Tanto a reportagem como a descrição do filme estão ricamente ilustradas com várias fotografias que ocupam grande parte das páginas.

Em “Os novos” um excerto do livro ainda por publicar, “Malícia de Amor” de Francisco Gonçalves Carneiro. A página 15 era dedicada a um misto de assuntos que iam desde jogos e anedotas a correspondência com os leitores. Dentre os assuntos, poderíamos identificar um jogo de damas e de xadrez e uma secção intitulada “Pergunte você! Consultório gratuito” onde eram dados conselhos aos leitores sobre os mais diversos temas.

Ao analisar a contracapa de *O Século Ilustrado* (SI — *O Século Ilustrado*: semanário de informação gráfica), concluímos que se aproxima daquilo que encontramos corriqueiramente nas capas das revistas contemporâneas: uma grande foto que informa o conteúdo da revista com várias chamadas de primeira página. Nesta contracapa, também identificamos uma das características mais marcantes da revista, ou seja, o facto de dedicar-se à imagem: “Muita gravura e muita leitura” (*O Século Ilustrado*, 1 de janeiro de 1938, p. 16), uma das características que acompanhariam a revistas por várias décadas de sua história e que justificaria o seu título: *O Século Ilustrado*. Para termos uma ideia sobre a importância da iconografia para a revista, especialmente a fotografia que era considerada uma grande inovação para a época, podemos contar, na edição de número três, 59 ilustrações, em sua maioria de pequenas dimensões, e 40 fotografias que ocupavam, em média, metade das páginas.

O número dois da revista e as seguintes seguem a mesma linha editorial, apesar de apresentarem pequenas diferenças com o acréscimo de novas secções que variavam de semana para semana. Por exemplo, é a partir da segunda edição que aparece a secção “Ecos apontamentos” por Bastos Guerra e “Actualidades” que tratam de breves notícias sobre acontecimentos nacionais e internacionais sempre acompanhadas de muitas fotografias; “Figuras do Momentos” ou “Perfis Célebres” por Carlos Reis, onde são apresentadas uma breve biografia de personalidades ilustres da sociedade portuguesa daquela época ou de outrora; na página dedica ao humorismo, a famosa “Crónica Alegre”; e “Cá por Dentro” por Gomes Ferreira, uma coluna que fala de diversos assuntos de comportamento.

A publicidade vai aos poucos ganhando mais espaço em suas páginas o que nos leva a crer que a SI era financeiramente bem-sucedida. Mesmo que não tenhamos identificado quaisquer indicações sobre a sua tiragem, desde 1941, a SI traz estampada em sua capa a informação de que seria a “Maior leitura de todos os ‘Magazines’ portugueses”, “A magazine mais popular da actualidade”, em 1943, “A maior leitura de todas as revistas gráficas portuguesas” e mais à frente “O grande semanário de actualidades”.

Uma de suas características não seria a abordagem de notícias factuais, mas sim uma aposta nas reportagens, crónicas e artigos sempre ricamente ilustrados, voltados para factos históricos e outras temáticas ligadas ao mundo das mulheres o que fez com que a revista fosse, durante muito tempo, identificada como sendo direccionada para o público feminino. Iniciou-se, portanto, de forma robusta, com um público já definido e sem grandes problemas de financiamento.

O primeiro vislumbre de uma peça dedicada exclusivamente à mulher, apresenta-se na revista número três, cuja capa mostra uma foto de atletas portuguesas do Belenenses.

O Século Ilustrado inicia hoje uma larga publicidade sobre as actividades físicas da mulher portuguesa. A nossa rapariga que até a pouco se conservará pacatamente em casa, enveredou já, abertamente, pelo caminho rasgado e saudável da cultura física e do desporto! Não são, porém,

— infelizmente ainda — unidas as praticantes convictas deste movimento que, em volta da sua emancipação desportiva, se têm feito (...). *O Século Ilustrado*, no desejo de bem informar o público e como jornal moderno que é, vai iniciar a exposição do friso encantador das nossas raparigas desportivas!... (*O Século Ilustrado*, 15 de janeiro de 1938, p. 9).

Muitos outros exemplos como esse se seguiram como a reportagem de 31 de maio de 1941, que foi também tema de capa, e que falava das portuguesas do Século XX e do culto pelo desporto e pelas atividades ao ar livre, até há pouco tempo quase exclusivas da parcela masculina da população: “Já não temos razão para lastimar, nas raparigas portuguesas, a falta de culto do ar livre. O desporto começou, felizmente, a interessá-las (...) os domingos, pela manhã, o Campo Grande é largamente animado de alegres e risonhas ciclistas. O número vem aumentando de semana para semana. Divertem-se, mas cuidam, acima de tudo, da saúde do corpo e do espírito” (*O Século Ilustrado*, 31 de maio de 1941, p. 7).

O *SI* falava muito da mulher, mas não a partir de temas que corriqueiramente encontraríamos nas revistas e jornais da época. Não seria possível, por exemplo, encontrar com facilidade nada relacionado aos afazeres da vida doméstica, mas sim temas mais voltados para o papel que a mulher desempenhava na sociedade. O facto de se passarem vários anos até possuir uma secção dedicada à moda e quase nunca falar de religião, também reforça essa ideia. A título de exemplo, poderíamos apontar o artigo do dia 29 de janeiro de 1938 que contava a história de Dona Ana Guedes, a primeira vereadora portuguesa. Esta seria uma tendência que a revista, aos poucos, iria estabelecer. Portanto, neste aspeto, o *SI* estava à frente de suas concorrentes e isso marcaria a trajetória da revista e conquistaria o seu espaço entre os leitores.



Figuras 9 e 10
O Século Ilustrado, 15 de janeiro de 1938, p. 01; 29 de janeiro de 1938, p. 4.
Fonte: Reproduções do original.

As peças que falavam de comportamento voltadas para o público feminino também eram uma constante nas edições de *O Século Ilustrado* e reforçam ainda mais a ideia de que nas primeiras décadas, esta revista era voltada para o público feminino. O título “As senhoras devem fumar?” é respondido por artistas: Irene Isidoro diz que “sim. É uma atitude como outra qualquer”; Emília de Oliveira responde que ela “fuma, mas acha que a mulher não deve fumar”; Maria Paula “não fuma, mas diz que é chique”; Maria Lalande “acha que o cigarro é um vício exclusivamente masculino” (*O Século Ilustrado*, 13 de janeiro de 1940, p. 17).

Ora o cigarro é, há muito, um complemento da mulher elegante e quasi, por assim dizer, um prolongamento da sua futilidade. Romancistas e poetas incensaram-no, escrevendo que ficava bem um “bout doré” entre dois níveis dedos salpicados de vermelho. E, francamente, a nossa época é mais estética. Dantes, damas gentis, com decotes quasi até à cinta, aspiravam o famigerado rapé e isso sem que romancistas e poetas gabassem o supremo bom gosto de então, ao verem um nariz formoso e petulante atafalhado assim (*O Século Ilustrado*, 13 de janeiro de 1940, p. 17).



Figura 11
O Século Ilustrado, 13 de janeiro de 1940, p.16.
Fonte: Reprodução do original.

Uma secção que fazia muito sucesso entre o público feminino era “Grafologia — Consultório Científico” que se iniciou na edição número dois e perdurou por vários anos. Consistia na descrição da personalidade de acordo com a letra da pessoa: “Sem contestação, o

caracter revela-se pela escrita, porque a mão de uma pessoa que escreve, não se desloca à vontade e transforma-se apenas em um instrumento do seu espírito e estado de saúde” (*O Século Ilustrado*, 15 de janeiro de 1938, p. 14). Em uma destas análises, a revista revela que uma leitora possui “vontade forte, principalmente orientada no sentido da iniciativa sempre que o seu temperamento não é posto à prova. O espírito revela-se ponderado e metódico, procurando manter-se, primeiro a si próprio e em seguida tudo o que a rodeia, no seu devido lugar” (*O Século Ilustrado*, 15 de janeiro de 1938, p. 14). A secção “Horoscopo” era igualmente muito popular entre o público feminino e acompanhou *O Século Ilustrado* até ao seu último número.



Figuras 12 e 13

O Século Ilustrado, 01 de janeiro de 1940, pp. 26 e 28.

Fonte: Reproduções do original.

Portugal se encontrava sob um regime de governo totalitário e, portanto, com condicionantes políticos e sociais que desfavoreciam o debate de ideias. Desta forma, a temática política estava presente nas páginas de *O Século Ilustrado* de forma subtil e, dentre as publicações do grupo a que pertencia o *SI*, seria o jornal *O Século* aquele que assumia um protagonismo no que se tratava da abordagem política com um total alinhamento ao regime de Governo. Contudo, o *SI* não escapou à censura e ao apoio quase obrigatório à ditadura. A primeira capa

inteiramente dedicada a Oliveira Salazar, por exemplo, surge em 19 de março de 1938 em total alinhamento ao regime, com a seguinte descrição: “O Sr. Dr. Oliveira Salazar preside uma grande reunião de legionários e, depois do seu entusiástico e notável discurso, executa, pela primeira vez a saudação romana” (*O Século Ilustrado*, 19 de março de 1938, p. 1). Apesar de não abordar diretamente aspetos políticos, na página número dois, poderíamos ler excertos do discurso de Salazar que enaltecia o Chefe de Estado acompanhado de um artigo que poderia ser classificado como exageradamente elogioso e ilustrado com gravuras identificadas como sendo exclusivas para *O Século Ilustrado*.

O sr. dr. Oliveira Salazar — têm de o reconhecer até os seus inimigos — é um dos maiores oradores que em algum tempo se exprimiram na língua de Camões. Não sai dos seus lábios uma frase banal, um lugar comum — uma vulgaridade — daquelas inconsistentes afirmações que encheram os ouvidos da geração desinteressada e descrente que nos precedeu. Não se fala melhor português; não se expõe com mais nobre clareza um pensamento; não se maneja com melhor estilo, mais expressiva personalidade, maior poder de síntese e de convicção, o idioma pátrio. Quando daqui a muitos anos se ler Salazar — como hoje se lê Vieira — há-de reconhecer-se, sem lisonjas, o forte e lapidar escultor do pensamento que é esse calmo — invencivelmente calmo — Mestre de Política e de Patriotismo. Cada discurso deslumbra mais, convence mais, conquista mais. A sua eloquência e discrição consciente. Atrai pela simplicidade e alicia pelo encanto. Lêem-se as traduções dos grandes discursos mundiais — e elas não são, ao pé das orações de Salazar, mais que afirmações que valem pela força ocasional. Ao contrário, os discursos do grande professor de Coimbra são peças íntegras, de beleza sólida e serena, monumentos perfeitos de cultura filosófica e política — por isso ficarão. Nenhum homem de Estado europeu se avanta hoje ao primeiro ministro português na arte suprema de fazer ouvir a voz — falando firme e claro — sem romper os tímpanos nem as fronteiras (*O Século Ilustrado*, 19 de março de 1938, p. 2).

Apesar de ter sido considerado uma pessoa muito reservada, a vida de Salazar também foi repercutida nas páginas da revista. Na reportagem “Salazar Íntimo”, do dia 21 de maio de 1938 e que também mereceu a capa, traz três páginas combinando textos e imagens a descrever um dia de trabalho do governante português. Esta mesma reportagem foi também reproduzida nas páginas do jornal *O Século*. “Nosso jornal arquiva, hoje, nas suas páginas, alguns *clichés* inéditos da vida íntima do Presidente do conselho — e uma reportagem, sensacional, das condições em que trabalha, exaustivamente, nas 15 horas dum dia, o ‘Grande Operário’ do nosso Ressurgimento” (*O Século Ilustrado*, 21 de maio de 1938, p. 5). A despeito das frases carregadas em adjetivos, a revista afirma que “no número de hoje, queremos, apenas, aqui significar que ela é feita, sinceramente, sem os exageros duma exaltação doentia, mas com o entusiasmo que provoca a vida dum Homem, dedicada inteiramente, à causa do Bem público”. Mais à frente, o *SI* acrescenta uma nota em tom de humor que, segundo a revista,

“escapou” à censura: “Salazar não dá alguma esmola — pela simples razão de que *dá tudo quanto ganha*. Que o digam aqueles a quem a sua obra ajuda. Mas — silêncio... este capítulo foi proibido!” (*O Século Ilustrado*, 21 de maio de 1938, p. 5).



Figura 14

O Século Ilustrado, 19 de março de 1938, p. 1.

Fonte: Reproduções do original.

Oliveira Salazar não foi um modernista nem um admirador do progresso, muito pelo contrário, parecia ter aversão à modernidade e à inovação “desconfiado da tentação do abismo presente no crescimento da produção, desconfiado da inovação tecnológica e das comodidades de consumo que invadem a vida quotidiana” (Madureira, 1998, p. 777). Em maio de 1938, a revista publicou uma edição extra e traz em sua capa a bandeira de Portugal e, mais à frente, a foto de uma criança a trabalhar com uma enxada em comemoração e representação do ano XII do Estado Novo, em total consonância com o regime ditatorial: “Doze anos de progresso constante, de prestígio firmado, nobre e orgulhosamente, no mundo hesitante assolado pelo vendaval da dúvida, de realizações assombrosas e de extraordinárias iniciativas de fomento (*O Século Ilustrado*, 28 de maio de 1938, p. 3). Essa combinação entre a imagem de uma criança e o excerto do texto acima pode hoje ser considerado uma discrepância, mas ilustra bem a realidade da época. Nenhuma crítica direta ou indireta era feita ao regime salazarista, o que se podia ler eram elogios aos “doze anos de vida nova, vida financeira independente e próspera; doze anos de existência livre; Portugal rejuvenescido, honrado, dignificado, reintegrado no ambiente heróico de sua História” (*O Século Ilustrado*, 28 de maio de 1938, p. 3).

Nesse mesmo número, o *SI* trouxe uma reportagem ilustrada com o título “Do Triunvirato Militar à Ditadura Nacional” sobre a implantação do regime de Governo. O que se lê nessas páginas é a descrição dos atos do Estado em forma de reportagem ilustrada. Fala, por exemplo, do equilíbrio orçamental com a afirmação de que os dez anos de gerência do “sr. dr. Oliveira Salazar significam dez orçamentos com saldos positivos de muitos milhares de contos” (*O Século Ilustrado*, 28 de maio de 1938, p. 7); as obras públicas que incluíam “casas arejadas e higiénicas que o Estado Novo construiu para os trabalhadores” (*O Século Ilustrado*, 28 de maio de 1938, p. 18); do progresso telefónico; à política do Estado Novo onde se “reconstruiu, rejuvenesceu e dignificou as possessões espalhadas pelo mundo onde a bandeira de Portugal domina ativa e gloriosa” (*O Século Ilustrado*, 28 de maio de 1938, p. 22); e ainda a indicação dos muitos milhares de contos gastos com o país nos últimos 10 anos com armada, exército, estradas, caminhos de ferro, portos, correios e telégrafos, serviços florestais, hidráulica agrícola, melhoramentos rurais e edifícios e monumentos nacionais (*O Século Ilustrado*, 28 de maio de 1938, p. 7).



Figuras 15 e 16

O Século Ilustrado, 28 de maio de 1938, p. 1 e 3.

Fonte: Reproduções do original.

O *SI* também fala sobre a iminência de uma nova guerra na Europa, uma temática cada vez mais recorrente. A revista afirmou que os homens que detinham o poder naquele momento — Chambelain, Hitler, Daladier, Bénès, Mussolini e Roosevelt, por exemplo — não se cansavam de apregoar os seus ardentes desejos de paz, no entanto, “dias de pesadelo constante,

de inquietação permanente tem afrontado o Mundo” (*O Século Ilustrado*, 01 de outubro de 1938, p. 25). Em 1940, com o mundo já mergulhado em guerra, essa temática ganha ainda mais destaque nas páginas do *SI*. Reportagens ilustradas como “Os tanks e o homem”, falavam do treinamento necessário para se conduzir estes engenhos de guerra (*O Século Ilustrado*, 3 de fevereiro de 1940, p. 7); “A guerra de papéis! Nos bastidores da guerra europeia” foi tema de capa e versava sobre o poder destruidor não das balas, mas dos impressos que eram largados durante a Primeira Guerra Mundial por aviões sobre as principais cidades europeias para além de publicações em jornais de todo o mundo: “A ‘guerra de papéis’ não é menos violenta que a guerra de balas. As bombas dos aviões destroem cidades, mas os manifestos caídos do céu e espalhados pela terra dessoram almas, preparam revoluções, mudam a face dos acontecimentos” (*O Século Ilustrado*, 10 de fevereiro de 1940, p. 9).

Todas essas e outras muitas reportagens ilustradas sobre a guerra que se seguiriam possuíam uma abordagem descritiva, não factual e que se aproximava da curiosidade e nunca voltada para o viés político. Outro aspeto a ser destacado é o facto de não estarem assinadas e não possuírem referência a fontes de informação o que dá uma ideia de que poderiam ser reproduções de periódicos internacionais. A 1 de janeiro de 1944, por exemplo, o *SI* traz um balanço dos acontecimentos que se passaram no contexto de guerra referentes a novembro do ano anterior: “Dia 26 — O sr. Presidente do Conselho explicou à Assembleia Nacional as condições do acordo com a Inglaterra sobre os Açores e os acontecimentos de Timor, com os japoneses; Berlim sofreu mais dois grandes ataques aéreos; os aliados reforçaram a testa de ponte no rio Sangro; os japoneses retiram de Bongainville e são atacados pelos australianos, na Nova Guiné” (*O Século Ilustrado*, 1 de janeiro de 1944, p. 22).

Contudo, o horror da guerra não foi o assunto dominante e mesmo quando se falava de guerra a abordagem, muitas vezes, era outra. Por exemplo, a reportagem ilustrada com o título “A rainha de Inglaterra e a guerra” cuja temática girava em volta do facto de ela ser mulher: “A soberana inglesa toma parte activa na guerra. As suas trincheiras são na própria Inglaterra. Hoje visita um hospital de Londres; amanhã entra num posto de defesa passiva; visita o quartel general da Associação polaca, M. Malkowska. Assim é que a rainha da Grã-Bretanha cumpre a sua missão de mulher inglesa” (*O Século Ilustrado*, 06 de janeiro de 1940, p. 18). Em 21 de agosto de 1940, podemos observar como as mulheres não perderam o seu protagonismo para *O Século Ilustrado* mesmo em tempo de guerra ao ocuparem a capa. Em 10 de maio de 1941 a reportagem com o título “Mulheres que trabalham” fala do papel ativo dessa parcela da população em tempo de guerra, como substituíram o homem na mão de obra em setores importantes de produção, serviram de enfermeira em apoio aos muitos hospitais de guerra ou no seu papel “tradicional” de mulher dando apoio aqueles que partiam para a frente de batalha em defesa de seus países. “Não se cansam as agências estrangeiras de exaltar, em caudais de telegramas, a ação notável da mulher perante a guerra. E não há jornal gráfico, em qualquer canto do mundo, que não traga sempre nas suas páginas documentos flagrantes dessa actividade” (*O Século*

Ilustrado, 10 de maio de 1941, p. 5). Contudo, a peça não deixa de fora os comentários que lhe eram tão característicos relacionados à feminilidade: “E — caso curioso — a uniformidade dos uniformes não as uniformiza. Basta abrir os dois ou três últimos números do ‘Século Ilustrado’, por exemplo, para se ver que nas formações de raparigas inglesas e alemãs o traço de personalidade e a beleza de cada uma se manifestam, se impõem, para lá da equivalência de [doimans] e bivaques” (*O Século Ilustrado*, 10 de maio de 1941, p. 5).



Figuras 17, 18, 19 e 20

O Século Ilustrado, 02 de março de 1940, p. 9 e 10; 21 de agosto de 1940, p. 1; 10 de maio de 1941, p. 5. Fonte: Reproduções do original.

Alguns fatores podem ajudar a explicar o motivo pelo qual *O Século Ilustrado* fez uma cobertura sobre a Segunda Guerra Mundial, o maior acontecimento histórico daquele momento, de forma tão discreta. O primeiro deles e o mais importante, seria o facto de Portugal estar sobre um regime ditatorial e, portanto, sem liberdade de expressão para tratar assuntos políticos de tamanha importância; um outro pode estar relacionado com o próprio perfil da revista, ou seja, não ser um periódico voltado para a abordagem crítica dos acontecimentos; a falta de recursos financeiros também pode ser uma explicação, pois, como já referimos, grande parte do que era falado sobre a guerra parecia ser reproduções da imprensa internacional, especialmente a inglesa; e por último, tendo Portugal assumido uma posição de neutralidade em relação à Segunda Guerra Mundial, isso também se refletiu no modo como a imprensa portuguesa tratou a temática, de forma mais subtil, como podemos observar na secção “Cronica de todas as semanas” assinada por Augusto da Costa: “Parece que foi ontem — e já lá vai quase um ano! À porta da farmácia, alguém anunciava a publicação iminente duma nota oficiosa, na qual o governo anunciaria que Portugal manteria a sua neutralidade perante a guerra” (*O Século Ilustrado*, 10 de agosto de 1940, p. 02).

Em 1942, quando o *SI* comemorou o seu aniversário de cinco anos, menciona que foi um repositório gráfico e jornalístico dos acontecimentos de seu tempo e que havia atravessado as horas conturbadas de uma Europa que vivia naquele momento um conflito que contaminara todo o universo. A revista aponta ainda que “felizmente Portugal tem sabido e podido viver longe da guerra. No limiar do sexto ano, *O Século Ilustrado* faz votos porque a Paz, tão sabiamente conservada por Salazar, continue a abençoar o nosso país e volte ao Mundo, que vive, por certo, as horas mais revoltas e encapeladas da história” (*O Século Ilustrado*, 02 de janeiro de 1942, p. 6 e 7).

A verdade é que aos poucos a temática da guerra foi deixando de ser um dos únicos temas de capa da revista, ou seja, deixou de ser novidade, e os assuntos habituais retornaram centrados, principalmente, nas atrizes de Hollywood e em mulheres com roupas diminutas. Na capa de 21 de setembro de 1940, temos Lana Turner, uma artista da “Metro-Goldwyn-Mayer” candidata ao título de *Miss Sex Appeal* 1940. Mesmo sem ter desaparecido totalmente, quando a temática guerra aparecia na capa, já não possuía o protagonismo de antes e vinha em “notas de rodapé”. A revista não comemorou o final da guerra e tratou o assunto como se não tivesse sido este um grande marco histórico mundial.

No início de cada ano, *O Século Ilustrado* repercutia as festas e os acontecimentos da alta sociedade sempre com muitas fotos e breves descrições. Dentre eles, recebiam destaque os eventos beneficentes organizados pelo jornal *O Século* que ocorriam todos os anos em prol de crianças desfavorecidas. A revista refletia benesses evento em letras garrafais, mas sem nunca trazer o assunto pobreza para uma discussão social ou política: “É êste o 17º ano da sua tarefa bendita de oferecer 15 dias de bom ar, de sol e de abundância a alguns milhares de crianças pobres. Apesar de todas as dificuldades do momento que já há um ano se fizeram sentir, levar a cabo, mais uma vez, a execução do seu programa humanitário” (*O Século Ilustrado*, 3 de agosto de 1940, p. 24).



Figuras 21 e 22

O Século Ilustrado, 10 de agosto de 1940, p. 01; 21 de setembro de 1940, p. 01.

Fonte: Reprodução do original.



Figura 23

O Século Ilustrado, 06 de janeiro de 1940, p. 24.

Fonte: Reprodução do original.

Figura 24

O Século Ilustrado, 17 de maio de 1941, p. 01.

Fonte: Reprodução do original.

Os concursos foram uma marca de *O Século Ilustrado*. Dentre os muitos que se realizaram destaca-se o concurso fotográfico de 1 de outubro de 1938 que recebeu mais de 2000 fotos e foi assunto de capa desta edição. As melhores fotos foram organizadas por temáticas e publicadas em vários números da revista: “Oferecemos hoje à curiosidade dos leitores mais alguns clichés de tantos que nos têm sido enviados para o nosso grande Concurso Fotográfico, cujo êxito se afirma, dia a dia, de maneira incontestável” (*O Século Ilustrado*, 01 de outubro de 1938, p. 36).

Para além dos concursos, os inquéritos eram frequentes nas páginas do *SI*. Em 17 de maio de 1941, *O Século Ilustrado* trazia em sua capa a chamada para o inquérito fotográfico “Qual é o mais lindo sorriso de Portugal?”. Outros inquéritos se seguiram como o “Inquérito radiofónico do ‘Seculo Ilustrado’” com o objetivo de identificar como os leitores consomem rádio. Esse inquérito era composto pelas perguntas: 1- A que horas costuma ouvir rádio? 2- Qual a estação emissora que escuta mais assiduamente? 3- Qual é o locutor que prefere ouvir? 4- Qual é o programa radiofónico que escuta com mais agrado? Na peça assinada por Rodrigues Rocha, o *SI* afirmou que “as opiniões emitidas pelos leitores demonstram a existência de raros pontos de vista comuns (...). Aliás encontram-se, por vezes, opiniões contraditórias: um locutor classificado por dois ouvintes como irritante e detestável é apontado por outros como motivo suficiente para justificar o pagamento da taxa de 10\$00” (*O Século Ilustrado*, 12 de janeiro de 1946, p. 05). O resultado do inquérito foi o seguinte: 1- Das 20hs30 às 22hs30; 2- Emissora Nacional; 3- João da Camara; 4- Domingo Sonoro.

As imagens sempre foram a principal característica de *O Século Ilustrado* e o seu diferencial quando comparada às outras publicações da época. As imagens possuíam uma boa qualidade e, pelo menos até ao final da década de 1940, eram reproduzidas por um processo chamado de heliogravura. Essa técnica corresponde a um processo fotomecânico de impressão destinado a obter uma edição de estampas gravadas a partir de uma matriz de metal, geralmente o cobre, preparadas com o auxílio de uma gelatina sensível à luz. De acordo com Traquina (2005), as melhorias na reprodução de imagem, sobretudo com a heliogravura a partir de 1905, deram um novo élan à imprensa. A invenção da máquina fotográfica iria inspirar o jornalismo no seu objetivo de ser as “lentes” da sociedade, reproduzindo a realidade.

Havia várias secções cuja característica principal era a transmissão da informação pela imagem, contudo, a que melhor representava essa realidade seria “Actualidades Gráficas” onde se poderia ver muitas fotografias acompanhadas de breves descrições de acontecimentos considerados notórios da sociedade portuguesa, principalmente, aqueles relacionados à elite. Como uma espécie de fotonotícias, poderíamos ler sobre os casamentos elegantes da alta sociedade lusitana, assim como as inaugurações e outros atos oficiais do Governo. O nome desta secção iria variar ao longo do tempo, mas manteria sempre essas características.

Para além das muitas fotografias que adornavam as páginas do *SI*, também as ilustrações tinham um peso importante. A secção onde nunca faltavam imagens eram aquelas

relacionadas ao humorismo. Inicialmente, as anedotas poderiam estar espalhadas ao longo da revista, quase que com o objetivo de preencher espaços vazios nas páginas, mas com o passar do tempo, ficaram restritas às secções reservadas para essa temática. O humor também passava pela caricatura e a chegada de Francisco Pacheco ao *Século Ilustrado* foi um motivo de destaque na revista. Com o título “Um novo caricaturista” a revista exalta a qualidade do artista e a importância do humor para Portugal.

Neste País de melancólicos contam-se agora por dezenas, para não dizer centenas, os humoristas, tanto do desenho como da palavra escrita. Este fenómeno mereceria ser estudado, nos seus fundamentos e nas suas projecções, se para isso tivéssemos espaço suficiente. Por isso limitamo-nos por hoje a destacar, dentre o grande número de humoristas triunfantes no seu caminho, o artista Francisco Pacheco. Não pelo nome próprio, mas pelo apelido conseguiu já impor-se nas rodas das pessoas que têm bom gosto e o sabem manifestar. Os seus trabalhos acusam uma personalidade inconfundível, risonha, flexível, onde o talento interpretativo não esconde nunca marcada semelhança, dada com originalidade. Pacheco adora o riso, não porque passe a vida a divertir-se, mas porque gosta de fazer rir o seu semelhante (*O Século Ilustrado*, 06 de março de 1943, p. 17).



Figura 25
Século Ilustrado, 06 de março de 1943, p. 17.
 Fonte: Reprodução do original.

Ainda dentro deste contexto da exploração da imagem, as curiosidades apresentadas nas páginas do *SI* também passavam por outros assuntos relacionados ao mundo animal e terras exóticas de outros continentes: “Há na Africa do Sul umas serpentes que gostam apaixonadamente, de almoçar ovos. Difícil, à primeira vista, admitir como um reptil, embora tão comprido, pode engolir um ôvo, bem maior que o diâmetro do seu corpo” (*O Século Ilustrado*, 13 de janeiro de 1940, p. 22). Outro exemplo é a secção “Curiosidades do Mundo” que poderia abordar os mais diversos assuntos como roupas femininas feitas de redes de pesca; uma criança a passear de mãos dadas com um pinguim; ou ainda pugilismo feminino com mãos e pés.



Figuras 26 e 27

O assunto cinema foi sempre um dos principais temas tratados nas páginas do *SI*, recebendo, muitas vezes, destaque com as atrizes portuguesas ou internacionais na capa. Desde o seu primeiro número, houve a secção “Cinema”, onde o leitor poderia seguir os principais lançamentos acompanhados de breves críticas. Contudo, o destaque era quase sempre a vida das vedetas de Hollywood: “Os leitores, principalmente se são cinéfilos, conhecem tão bem como nós a encantadora Hedy Lamarr. Tem-na visto, nas mais belas criações da sua carreira,

interpretar papéis dum feminismo requintado, fazendo alarde dos seus encantos de mulher cheia de graça e de beleza” (*O Século Ilustrado*, 03 de janeiro de 1943, p. 07).

O facto de ser uma publicação que fazia parte de uma empresa da qual pertenciam outros periódicos, fazia com que fosse comum encontrar publicidade referente à outras publicações do grupo como “Modas e Bordados”, uma revista também direcionada para o público feminino, “Vida Mundial”, o jornal *O Século* e outras publicações esporádicas como por exemplo o “Almanaque do ‘Século’” que era publicado anualmente: “Como nos anos anteriores, vem repleto de ilustrações e traz anedotas com imensa graça, contos interessantíssimos, notáveis artigos sobre assuntos de palpitante interesse, calendário do agricultor, charadas, etc. etc. Preço: 6\$00. À Venda em todas as agências e sucursais do ‘Século’. Pedidos à Editorial ‘O Século’” (*O Século Ilustrado*, 16 de novembro de 1940, p. 5). Outros acontecimentos ligados ao grupo também eram corriqueiramente encontrados nas páginas do *SI* como foi o caso da Inauguração do I Congresso das Sociedades de Recreio, evento patrocinado pelo jornal *O Século* e que foi motivo de capa da revista em 21 de dezembro de 1940.

O impacto tecnológico marcou toda a história do jornalismo ao longo do *Século XX* até o presente, fazendo com que houvesse cada vez mais a pressão das horas de fecho na busca pelo imediatismo, o que acabaria por tornar-se um valor central da cultura jornalística. *O Século Ilustrado* iria presenciar toda esta evolução, contudo, 1940 era ainda um momento precursor desta realidade quando “a transmissão direta do acontecimento” (Traquina, 2005, p. 53) não podia ainda ser imaginada como a que vivenciamos atualmente. Porém no primeiro número de 1941, podemos ver um pequeno vislumbre desta realidade quando o *SI* publica um número especial, excecionalmente com 40 páginas em comemoração ao seu aniversário de quatro anos. Nesta edição, podemos ver uma peça onde é explicado ao leitor como a revista é feita. Essa é a primeira vez em que o *SI* “abre as suas portas” e mostra-se ao seu público, uma característica que durante muitas décadas não seria a regra. Assinada por Mário Rocha, podemos ler uma fabulosa descrição do que seria a profissão de jornalista na década de 1940 com o mundo envolto em guerra e com limitados meios tecnológicos: os detalhes artísticos sobre como a revista era produzida, as imagens da sala de redação cheia de jornalistas, os desenhadores a produzirem as ilustrações, os fotógrafos a trabalharem as imagens fotográficas e mais à frente, a revista a ser “montada” e impressa.

Quando o leitor, entre o café com leite e as torradas da manhã ou já a caminho das suas ocupações cotidianas, na rua ou no “eléctrico”, folheia as páginas da nossa revista — pensou alguma vez na maneira como ela é feita e nas canseiras e nas preocupações que nos acausam, semanalmente, as suas 32 páginas? Não pensou, de-certo... E quantas vezes, demorando o olhar numa imagem impressionante da guerra ou prendendo-se na leitura duma novela ou dum artigo de “magazine”, não terá invejado a profissão de jornalista, que passa, a-final, o tempo a encher de tinta linguados de papel e a deliciar a vista, primeiro do que ninguém, nos “clichés” que fixam o momento que passa...

Ai, como é diferente o jornalismo, querido leitor!... Aqui nesta varanda aberta sobre o mundo que é a vida dum jornal ilustrado — vive-se e sente-se e sofre-se como sofre, vive e sente qualquer mortal! Como o leitor, também nós, os jornalistas, os que levamos a sua casa a notícia alegre ou o drama pungente da semana, temos alma e possuímos coração! Por isso mesmo vibramos primeiro do que ninguém com os acontecimentos que ocorrem no mundo. E vibramos porque os vivemos e porque vamos ainda transmiti-los ao leitor, que aguarda serenamente, em casa ou na rua, que o jornal lhe leve a notícia pormenorizada ou a fotografia sensacional. Como se faz o “Século Ilustrado?” Eis o que o leitor pode verificar através das imagens que ilustram estas páginas. Quando a redacção traçou a “maquette” do número que vai sair e as “fotos” foram seleccionadas e os artigos escritos pelos redactores, ainda a faina está, por assim dizer, no começo. Depois é a lufa-lufa de todos os dias, de todas as semanas, se sempre, para que às primeiras horas de todos os sábados, quando a manhã rompe e o dia começa, os “ardinas” calcurriem as ruas da cidade e façam ouvir o seu pregão alegre e cantante: Cá ’stá o “Séc’lo Ilustrado!”. (*O Século Ilustrado*, 04 de janeiro de 1941, p. 4 e 5.



Figuras 28 e 29
O Século Ilustrado,
 04 de janeiro de 1941,
 p. 4 e 5.
 Fonte: Reproduções
 do original.

Em janeiro de 1942, podemos identificar, através de caricaturas, algumas pessoas que faziam parte da equipa do *SI*: Mário Rocha, chefe de redacção; Baltasar, caricaturista; Castelo de Moraes e Guedes de Amorim, redatores; Rodrigues Alves, Rocha Vieira e Domingos Saraiva, desenhadores; Raimundo Vaissier e Joaquim Freire, fotógrafos; Américo Coelho, charadas; António Lourenço, cinema; Henrique Monteiro, damas e xadrez; e Mário Abreu, montador.

Em 27 de março de 1948, a direção de *O Século Ilustrado* muda pela primeira vez e o diretor passa a ser Carlos Pereira da Rosa e o chefe de redação Mário Rocha. Nenhuma palavra é dirigida aos leitores e não são notadas alterações significativas na revista, muito pelo contrário, segue a mesma linha traçada até então por João Pereira da Rosa, seu fundador. Esta constatação é confirmada no ano seguinte, 1949, quando os objetivos da revista são apresentados pela primeira vez e, segundo a Mário Rocha, não mudaram em 12 anos de existência: “Agora como no primeiro número, um objetivo nos anima: distrair e recrear o leitor através de uma leitura atraente e acessível de ‘magazine’, ao mesmo tempo que, registrando nessas páginas os ‘fait-divers’ do mundo, se não esqueçam os interesses da comunidade nacional se fixem, ora pela imagem ora pela palavra, os acontecimentos ligados ao progresso da Pátria e ao bem-estar de todos os portugueses” (*O Século Ilustrado*, 1 de janeiro de 1949, p. 02).

A partir desse momento, a revista começou a dialogar com o seu leitor mais frequentemente e em 1950, Mário Rocha desvenda um pouco mais da personalidade do *SI*, fazendo referência à Segunda Guerra Mundial, considerando a revista um arquivo histórico que acompanhara de perto grandes acontecimentos mundiais quando

Ruíram impérios e caíram tronos; absorveram-se nações (...); imolaram-se milhões de vidas à louca satisfação de apetites que são a negação da própria Natureza; arrastaram-se e calcinaram-se cidades inteiras; matou-se e escravizou-se muita gente. Apenas em doze anos — tantos são os que o “Século Ilustrado” já viveu — a face do Mundo como que se tonou irreconhecível. Dir-se-ia que foi já há muitos decénios que a Europa parecia ser feliz — e, afinal esta tranquilidade ilusória, essa felicidade aparente que a humanidade viu desaparecer como em mutação de “mágica” existiam e eram visíveis ainda ontem... Folhear as páginas — milhares e milhares de páginas — que se arquivam nas colecções preciosas dos 626 números já publicados no nosso jornal — é o mesmo que folhear a história dos nossos dias. Na aparência da sua frivolidade, no enquadramento artístico das suas fotografias, no arranjo moderno das suas “mise-en-pages” o “Século Ilustrado” tem procurado ser o repositório fiel dos factos que ilustram a nossa época e o espelho das ansiedade e inquietações do nosso tempo. No limiar de 1950 — Ano Novo para o Mundo e para este jornal — são os mesmos os propósitos que nos animam: servir os leitores na medida em que tornamos cada vez mais o “Século Ilustrado” o seu amigo indispensável de todas as semanas (*Século Ilustrado*, 7 de janeiro de 1950, p. 03).

Na década de 1960, já com um novo chefe de redação, Redondo Júnior — que viria a tornar-se diretor na década seguinte — as páginas da *SI* ganham mais cores e com algumas fotos coloridas, apesar de ainda prevalecer o preto e branco e outras cores monocromáticas como o azul. Novas secções também são introduzidas como “O homem/mulher de quem se fala”, que abordava semanalmente uma personalidade de destaque; “O que os jornais não disseram” com breves notícias de diversos assuntos; “A semana política”, assinada pelo

Observador e onde se falava de assuntos políticos internacionais; e uma secção dedicada aos horóscopos direccionada ao público feminino e que perduraria até a extinção da revista. Falava-se também, com alguma frequência, sobre negros e sobre racismo, mas sempre com uma abordagem exótica e nunca em um contexto de discussão político-social. Por exemplo, em 10 de abril de 1965 a *SI* traz em sua capa o tema “O drama dos negros da América” e, mesmo sendo tema de capa, o assunto não foi desenvolvido no interior da revista constando somente uma brevíssima descrição da capa na página 46.

Assuntos importantes que se passaram em Portugal como o início da guerra colonial que eclodiu em fevereiro de 1960 só viria a ser recorrente nas páginas de o *Século Ilustrado* depois de maio de 1964. Esse conflito foi caracterizado por um período de confrontos entre as Forças Armadas Portuguesas e as forças organizadas pelos movimentos de libertação das antigas províncias ultramarinas de Angola, Guiné-Bissau e Moçambique. Na primeira reportagem sobre o assunto, em 16 de maio de 1964, podemos ler na reportagem com fotos de Fernando Laidey, que “Portugal está presente em Angola. Em terras de Africa, os seus filhos são soldados vindos do Minho ou do Algarve, para garantir no preço dum esforço exemplar de sacrifício e coragem a perenidade da herança dos nossos antepassados” (*O Século Ilustrado*, 16 de maio de 1964, p. 23).



Figuras 30 e 31

O Século Ilustrado 16 de maio 1964, p. 23; 10 de abril de 1965, p. 1.

Fonte: Reproduções do original,



Figuras 32 e 33

O Século Ilustrado, 16 de maio de 1964, p. 24 e 25.

Fonte: Reproduções do original.

Apesar da breve abordagem sobre a política nacional, *O Século Ilustrado* interessava-se por alguns assuntos internacionais. Como exemplo, poderíamos citar a extensa propaganda veiculada contra as políticas americanas feitas através da reprodução de artigos de jornais internacionais: identificamos alguns artigos sobre o Vietname e a destruição provocada pelo exército americano; uma foto reportagem intitulada “Quando as Bombas caem em Hanoi” (*O Século Ilustrado*, 10 de Fevereiro de 1968, p. 48-50); uma outra que seguiu os últimos minutos da vida de um soldado vitimado por uma emboscada americana (*O Século Ilustrado*, 15 de Fevereiro de 1969, p. 44-49); ou as crianças norte-vietnamitas que, de cigarro na boca e de arma na mão, se viam forçadas a crescer depressa (Ferreira, 2009).

O *SI* publicou uma longa reportagem destacando o facto de que a Guerra do Vietname, desde 1961, matara trezentas mil crianças e provocara ferimentos em cerca de um milhão (*O Século Ilustrado*, 3 de agosto de 1968, p. 34-39). Outros temas internacionais também tiveram destaque na revista como a morte do presidente americano John Kennedy que foi repercutida em 30 de novembro de 1963 ocupando seis páginas.

Assuntos do cotidiano em Portugal como a inauguração do Metro em Lisboa foi tema de reportagem de duas páginas assinada por Beatriz Ferreira em 09 de janeiro de 1960. Com o título “M quer dizer metro” e ricamente ilustrada com fotos do dia da inauguração: “Lisboa tem seu Metropolitano, após quatro anos de expectativa. Durante todo este tempo o lisboeta, a um tempo curioso e interessado, espreitou-o, através dos buracos que a empresa, ironicamente, abria nos tapumes, enquanto e lendo o noticiário extenso sobre a evolução de grande obra” (*O Século Ilustrado*, 09 de janeiro de 1960, p. 15). Quando *O Século Ilustrado* tratava de um acontecimento factual como esse, a abordagem que quase sempre prevalecia era aquela voltada para a curiosidade comportamental e descritiva.

Às 6 horas da manhã foram abertas as cancelas das vias de acesso às diversas estações, logo invadidas num alvoroço por um público espantado e curioso constituído em grande parte por artistas de variedades em exibição nas “boîtes” de Lisboa, músicos e desocupados que queriam terminar com uma viagem de metro a sua noite boêmia. Cantando e dançando foram enchendo as carruagens e a primeira viagem fez-se num ambiente de ruidosa alegria. O público constituía autênticas vagas humanas. Numerosos letreiros e funcionários eficientes conduziam-nas. O movimento chegou a constituir um problema sério, uma vez que centenas de pessoas não se limitavam a um trajecto, viajando turisticamente, de visita a todas as estações, subindo e descendo as escadas rolantes (*O Século Ilustrado*, 09 de janeiro de 1960, p. 15).

As mulheres nunca saíram da capa de *O Século Ilustrado*. Na década de 1960, os temas oscilavam entre o mundo da arte e do entretenimento, a elegância e a riqueza da elite portuguesa: “São Carlos, encontro de elegâncias” de 16 de janeiro de 1960; “O esplendor do Music Hall” de 30 de janeiro de 1960; “Penteados — 1960” de 05 de março de 1960. Outros assuntos voltados para o público feminino como uma série de artigos intitulados “O problema das mulheres de meia idade” identifica a faixa etária como sendo as mulheres de 45 anos ou mais e apontam os principais desafios enfrentados por elas: ocupações com a família, dificuldades profissionais agravadas pelas “transformações e alterações físicas e orgânicas que as deixam assustadas, solitárias e desanimadas” (*O Século Ilustrado*, 23 de fevereiro de 1963, p. 5). Nesses seis artigos, a revista analisa, através de médicos e assistentes sociais, os “problemas das mulheres de meia idade” e aconselha com métodos para encontrar uma nova felicidade quando se chega a esta fase da vida.



Figuras 34 e 35

O Século Ilustrado, de 06 de fevereiro de 1960, p. 1; 05 de março de 1960, p. 01.

Fonte: Reproduções do original.

Em 1963, Francisco Mata assume o cargo de Chefe de Redação e em 25 de abril do ano seguinte passa a Diretor da Revista. Algumas mudanças são sentidas somente a partir janeiro de 1965 quando a revista passa por algumas mudanças com os seus conteúdos mais diversificados e menos exclusivos para o público feminino, uma característica que acompanhou a *SI* até então; assume um layout mais moderno, com páginas menos preenchidas e com mais espaços em branco; as fotografias ganham em definitivo as páginas do *SI*; e o papel da capa, assim como as quatro páginas centrais, passam a ser impressas em papel couché, brilhante e luxuoso.

Quando o *SI* completa 33 anos de publicação, outras alterações se seguiram, desta vez mais profundas que iriam resultar, segunda a própria revista, em um “novo *Século Ilustrado*”, “um novo figurino de jornalismo de revista”. A revista explica que aquele lento processo de melhoria foi feito a partir de pressões e iniciativas de vários setores, resultado do aumento das tiragens, das muitas cartas e telefonemas por parte dos leitores com apoio, reparos e sugestões de reportagens. As modificações consistem no facto de o conteúdo da revista ser dividido e reorganizado em três partes: “Reportagens e actualidades”, “Extra” e “Secções”. Por outras palavras, dentro de uma só revista passaria a coexistir, com fronteiras precisas, três pequenas revistas autonomizadas, com capas e expressões gráficas distintas. O leitor, após o sumário, poderia encontrar também três páginas da secção “Última hora” destinadas a dar cobertura a acontecimentos até à véspera da publicação da revista. Seguiam-se, em média, 24

páginas de *SI* “Reportagens e Actualidades”, 12 páginas de *SI* “Extra” e outras 24 páginas de *SI* “Secções”. As três secções possuíam um aspeto gráfico bastante distinto, sendo a “Extra” destinada ao público jovem e tinha como uma das características principais possuir informações curtas sobre assuntos “ligeiros” nacionais ou internacionais. A secção que tratava das reportagens, considerada pela revista como a mais “nobre”, estava destinada, por sua vez, a um público à procura de informação mais exaustiva sobre grandes temas nacionais e internacionais. Em “Secções” encontrava-se a maior parte da publicidade, abordava diferentes temas como palavras cruzadas, a programação televisiva, desportos e signos, entre outros.



Figuras 36, 37 e 38
O Século Ilustrado, 31 de janeiro de 1970, p. 1, 33 e 62.
 Fonte: Reproduções do original.

Segundo a revista, o sucesso do novo formato foi imediato e isso ocorreu também devido ao grande investimento que a revista fez em enviar seus jornalistas para fazer cobertura de grandes eventos em várias partes do mundo como: Angola (Inédito Angolano), Genebra (Salão do Automóvel), Osaka (Expo-70) e Brasil (Carnaval do Rio). Esses altos investimentos também passavam pela publicação da revista em si, pois tinha, em média, 68 páginas, mas em fevereiro de 1970, chegou a 82 páginas com a publicação especial de uma reportagem de 40 páginas sobre o carnaval do Rio de Janeiro. Essa reportagem especial foi publicada inteiramente em papel couché e a sua extensão é justificada pela grande quantidade de fotos. Para a sua publicação, foram necessários alguns ajustes na revista como, por exemplo, a suspensão temporária de uma série de artigos sobre o FBI que estavam a ser publicados ao longo de algumas semanas e a redução na secção de desporto. Essas modificações foram retomadas na semana a seguir.

Embora seja um tanto prematuro proceder a um balanço definitivo sobre a reacção dos leitores às novidades introduzidas desde há poucas semanas na organização do “SI”, os nossos últimos números do “novo figurino” têm recolhido um aplauso surpreendente e lisonjeiro. Encorajado, pois, pela reacção unanimemente positiva registada até agora, o “SI” oferece hoje ao público, sem qualquer aumento de preço, mais 16 páginas do que habitualmente; e, já que a envergadura excepcional da reportagem que a equipa M. Antónia Palla — E. Gageiro foi realizar no Brasil, impunha expressão gráfica excepcional, esse quinto caderno adicional sai impresso em papel “couché” — que os leitores não deixarão de aperceber-se. A parte mais “nobre” da revista, o “SI” Reportagens”, que reservamos para o tratamento em profundidade dos temas de maior fôlego, aparece, assim, desta vez, inteiramente consagrada à grandiosidade e espectacularidade do Carnaval do Rio. E há quem possa estranhar que o “SI” tenha reservado 40 páginas ao acontecimento, esclarecemos que a meia centena de fotos publicadas (das quais mais de 30 dezenas a cores) representam apenas o resultado final de um monumental trabalho de selecção que incidiu sobre mais de 600 (sim, seiscentas) fotos com que Gageiro regressou de uma semana no Rio... (*O Século Ilustrado*, 31 de janeiro de 1970, p. 3).

As mudanças ocorridas depois de Francisco Mata assumir a direção, fizeram com que o *SI* se tornasse irreconhecível, modificando-se radicalmente quando a comparamos a de número um, há 34 anos: “não é sem alguma vertigem que olhamos para trás e recapitulamos os passos do caminho percorrido” (*O Século Ilustrado*, 26 de dezembro de 1970, p. 3). O número de páginas, por exemplo, se altera bastante: entre 1933 e 1937, *O Século Ilustrado* possuía 8 páginas; a partir de 1 de janeiro de 1938, o que chamamos a segunda fase, possui 16 páginas, mas que se alteram para 32 páginas em julho deste mesmo ano. Contudo, desde o início de 1970, passou a ser publicada inteiramente em papel couché, com 80 páginas (chegou a ter 92 páginas) e uma dimensão que variou algumas vezes ao longo de sua história, mas que naquele momento encontrava-se com 31x29,5 cm (914,5 cm quadrados de área impressa).



Figuras 39 e 40

O Século Ilustrado, 31 de janeiro de 1970, p. 19, 22 e 23.

Fonte: Reproduções do original.

Pouco se falava de política e os temas passaram a ser menos voltados para o público feminino, muito centrados em cultura e, apesar de nunca ter sido, na sua totalidade, colorida, *O Século Ilustrado* estava invulgarmente cheio de cor. A revista chama a atenção também para a qualidade de sua “equipa redatorial de profissionais treinados e experientes, habilitados a tratar cada assunto numa perspectiva que ainda há pouco tempo seria considerada excepcional na nossa Imprensa” (*O Século Ilustrado*, 26 de dezembro de 1970, p. 3). Outro aspeto em destaque foi a tecnologia utilizada na sua impressão com “uma composição ‘a frio’ em máquinas eletrônicas de banda magnética (por contraste com a antiga composição ‘a quente’, em linótipos) (...) integralmente impresso numa rotativa de ‘off-set’ de 4 corpos, sueca, a última palavra no género, que autoriza a inclusão de reproduções a cores (quadricromias) em número praticamente ilimitados” (*O Século Ilustrado*, 26 de dezembro de 1970, p. 3).

Ainda em 1971, o *SI* retorna ao seu formato original e a divisão em três cadernos independentes desaparece, apesar do aclamado sucesso entre os leitores. Algumas novas secções surgiram como “A foto *SI* da semana”, “Jornal da semana” — publicado em páginas amarelas e com um layout característico a imitar as páginas de um jornal — “*SI* há trinta anos”, “Ane-dota da semana” e, pela primeira vez, uma secção dedicada exclusivamente à moda — “*Si moda*” — dentre outras. Em 1973, publica semanalmente uma separata sobre assuntos variados e as capas passam a ter mais informações e adquirem um layout muito parecido com o que vemos atualmente nas revistas, mas continuava a apostar em belas mulheres em suas capas. Nesse momento, era J. R. Redondo Júnior, o diretor de *O Século Ilustrado*.



Figuras 41 e 42

O Século Ilustrado, 16 de fevereiro de 1974, p. 1; 23 de fevereiro de 1974, p. 1.

Fonte: Reproduções do original.

Quando o *SI* completa 37 anos de existência, em 1974, a revista anuncia que este seria um ano de crise para o setor da imprensa. A falta de papel obrigou os jornais de todo o mundo a uma adaptação mais racional das suas publicações e o *SI* não escapou a esta realidade. Na primeira publicação desse ano, suprimiu um de seus cadernos e apareceu com menos 16 páginas, passando a 66 páginas. Esse foi o primeiro sinal de que a revista se encontrava em declínio que se agravaria nos anos posteriores e que ditariam o seu fim.

Um marco importante na história do *SI*, e de todos os outros veículos de imprensa em Portugal, foi a queda da ditadura em 25 de abril de 1974. A primeira referência que a revista faz ao ocorrido acontece no dia 27 de abril: “Na madrugada de 24 para 25, quando ‘O Século Ilustrado’ já estava a ser impresso, as Forças Armadas, segundo um comunicado transmitido através dos emissores do Rádio Clube português e da Emissora Nacional, ‘desencadearam uma série de ações com vista à libertação do País, do regime que há longo tempo o dominava’” (*O Século Ilustrado*, 27 de abril de 1974, p. 67). Nessa reportagem, a revista faz um retrato político do que se passava naquele momento principalmente ilustradas por uma série de fotografias coloridas e em preto e branco sobre a euforia dos portugueses nas ruas em apoio à queda do regime ditatorial que subjugará o país por várias décadas. O *SI* colocou em questão o futuro de Portugal e interrogou-se sobre quem seria e como se formaria o novo Governo fazendo um primeiro registo crítico das reações partidárias após o 25 de Abril, nomeadamente os Partidos Comunista e Socialista.



Figuras 43 e 44

O Século Ilustrado, 4 de maio de 1974, p. 1 e 4.

Fonte: Reproduções do original.

Esse acontecimento histórico iria transformar enormemente a forma de se fazer jornalismo. A revista deixara de ser visada por uma comissão de censura e com a liberdade de imprensa restituída. Em resultado de todas estas mudanças, entre 10 e 14 de maio de 1974 *O Século Ilustrado* não foi publicado assim como as outras publicações do grupo Sociedade Nacional de Tipografia (*O Século*, *Vida Mundial*, *Modas e Bordados* e *Cinéfilo*) devido a uma assembleia geral entre os representantes dos trabalhadores e a Administração dos periódicos onde várias reivindicações foram, feitas: o reconhecimento da Comissão dos Trabalhadores da empresa; a participação crítica nas definições do conteúdo das publicações por parte dos trabalhadores; um valor mínimo salarial; número de horas trabalhadas; prestação de horas extraordinárias somente em casos excepcionais e nunca contra a vontade dos trabalhadores; afastamento de funcionários ligados ao fascismo; e o facto de a Administração da SNT aceitar discutir reivindicações dos funcionários.

Já nesta nova fase de liberdade de expressão, a revista dirige-se na primeira pessoa ao leitor e explica as dificuldades que enfrentou durante 38 anos de existência para publicar semanalmente sob o regime ditatorial e os planos para o futuro.

Ninguém ignora as tremendas dificuldades com que, durante mais de três dezenas de anos, tratávamos assuntos que, sabíamos, correspondiam aos interesses dos nossos leitores. Como não podia deixar de ser — e era, aliás, prática corrente na imprensa — tínhamos que recorrer às inevitáveis ‘habilidades’ possíveis, para tentar apresentar uma visão, tanto quanto possível menos deformada, da vida portuguesa. Sobretudo, resistimos intransigentemente, à mentira e à deturpação. Com o 25 de abril, tudo mudou, felizmente, para que possamos orgulhar-nos de pertencer a uma profissão reabilitada. E de tal maneira que “*O Século Ilustrado*” está atentamente debruçado sobre um plano de reestruturação que o integre nas novas perspectivas, que horizontes mais dilatados que a actualização nos oferecem. Assim, cremos que continuaremos a merecer, ainda mais, a confiança com que o público nos tem distinguido. Uma afirmação categórica resta fazer, aliás evidente, desde o 25 de Abril: “*O Século Ilustrado*” não está enfeudado a qualquer partido ou grupo político, mantendo rigorosa independência — aquela independência que é a base da lucidez que melhor pode esclarecer o leitor (*O Século Ilustrado*, 04 de janeiro de 1975, p. 3).

Passou-se a falar sobre liberdade de imprensa, mas o assunto do momento era sem dúvida a política, as reivindicações sociais, o direito ao divórcio, os conflitos no ultramar e o passado oculto da ditadura que começava agora a figurar nas páginas de *O Século Ilustrado*. Outros assuntos, até então proibidos na grande imprensa, começaram a preencher as páginas de *SI* como temáticas ligadas à sexualidade, aborto, pornografia, fascismo, pobreza, crise económica e inflação, por exemplo. Muitos desses assuntos eram desenvolvidos em forma de reportagens e na nova secção que falava de forma aprofundada de temáticas nacionais “Crónica de Portugal”.



Figuras 45, 46 e 47

O Século Ilustrado, 06 de julho de 1974, p. 1; 02 de novembro de 1974, p. 1; 29 de março de 1975, p. 1.

Fonte: Reproduções do original.

O Estatuto Editorial de *O Século Ilustrado* apresentado em fevereiro em 1975 define-o como um semanário informativo, cujo formato e aspeto gráfico possui como base a imagem.

Em 25 de novembro de 1975 ocorreu uma tentativa falhada de golpe militar conduzido por uma facção das forças armadas e que levou a que vários órgãos de imprensa portugueses tivessem suas publicações suspensas. O *SI* saiu de circulação entre novembro de 1975 e janeiro de 1976 e retornou estatizado e com um novo diretor, Rogério de Freitas⁷ “Essa pausa aproveitámos-la para lhe remodelar o aspecto, que procuramos fosse mais actual, sem contudo, pretendemos modificar-lhe algumas das características que lhe asseguraram a audiência que nenhuma outra publicação de género alcançou até hoje em Portugal” (*O Seculo Ilustrado*, 24 de Janeiro de 1976, p. 9). Anuncia também que o objetivo da revista, para além do atrativo das tradicionais crónicas, inquéritos e entrevistas, seria, a partir daquele momento, transformar-se em “um veículo de conhecimentos, de opiniões e de esclarecimento em todos os domínios, tornando-a desejada por todos aqueles que estão apostados na divulgação e debate dos nossos problemas e, conseqüentemente, no progresso do País” (*O Seculo Ilustrado*, 24 de janeiro de 1976, p. 9). Apesar de pertencer ao Estado, o *SI* reafirma a sua independência, objetividade e pluralismo: “Trouxe-nos o 25 de abril a liberdade de nos exprimirmos — talvez a maior conquista da nossa revolução — dela não prescindiremos. Este é um ponto assente para nós. O nosso objectivo será sempre o interesse do País” (*O Seculo Ilustrado*, 24 de janeiro de 1976, p. 9).

A verdade é que os planos traçados pelo *Século Ilustrado* não viriam a se concretizar e a estatização colocaria um ponto final na sua história que durara 39 anos. Com o título de capa “Natal em austeridade (para quem?)”, na edição de 24 de dezembro de 1976, o diretor interino Rogério Petinga desabafa e fala ao leitor sobre as dificuldades que a *SI* tem passado no último ano e culpa a falta de financiamento por parte do Estado e a ideologia política que prevalecia na Sociedade Nacional e Tipografia, a quem pertencia *O Século Ilustrado*.

Há como que uma “terra de ninguém” no contencioso do Portugal que hoje somos. E nessa “terra de ninguém” encontramos-nos nós, “O Seculo Ilustrado”. Sujeito à flutuação ideológica dos tempos do grito revolucionário, o “SI” tentou revelar uma imagem permanente — a coerência de uma revista de reportagem, a coerência de um estilo. Simplesmente sofremos as consequências da própria casa, SNT, em que estamos envolvidos, e a que pertencemos. E “O Seculo Ilustrado” que era aldeia, antes da cidade, que era reportagem, antes de análise ideológica, tem visto pouco a pouco os seus meios limitados à realidade da capital que é Lisboa, uma revista de secretária que nunca foi, na expectativa de uma solução que o Governo Constitucional pretende global para a Imprensa estatizada. No limiar de 1977, a fechar este número 2021, em que desejamos pelo trigésimo nono ano consecutivo as Boas-Festas ao leitor que se têm mantido fiéis ao “SI”, afirmamos a nossa intenção de lutar contra

7 Rogério Freitas fica até 8 de outubro de 1976 e é substituído por um diretor interino, Rogério Petinga.

os balões de oxigénio, representados pelo aval periódico, estranha forma de linguagem a que tem estado reduzida a nossa política de Informação, que ressaltamos, não é de agora. Vão passados quase três anos desta linguagem que dariam para “matar” qualquer publicação, sem que tenha sido posto em prática qualquer dos projectos apresentados pelo “SI” para o seu relançamento. A Imprensa ou é financiada e valorizada, pelo investimento público (ou privado), como serviço fundamental do nosso tempo, ou morre! Uma Imprensa com complexos de culpa, ao fim de cada mês, a receber o “pão por Deus” de cada conselho de ministros, não serve os trabalhadores que emprega nem os portugueses que a lêem (*O Seculo Ilustrado*, 24 de dezembro de 1976, p. 3).

Na edição seguinte, a última do ano, o *SI* faz um balanço das publicações de 1976. O tom do texto que ocupou oito páginas e está assinado por Alexandre Manuel é de rancor: “1976 foi um ano repleto de acontecimentos. Dos políticos aos sociais; dos económicos aos humanos. E também desportivos. O “Seculo Ilustrado”, como magazine que é, esteve com eles e sobre eles se debruçou. Relatou dentro do possível, o País real que hoje somos. Agora, faz-se o balanço” (*O Seculo Ilustrado*, 31 de dezembro de 1976: 8). No primeiro número de 1977, o *SI* está irreconhecível. A exuberância da cor e o luxo do papel couché desapareceram e deram lugar ao papel de jornal e ao preto e branco: “Hoje pesadas ameaças pesam sobre a nossa revista. Reduzidos à escassez quase completa de meios, só graças à abnegação dos que aqui trabalham conseguimos produzir, todas as semanas, uma revista que não nos envergonha, mas que está muito aquém das nossas possibilidades e, sobretudo, dos nossos desejos. O povo português necessita de muito mais e gostaríamos de estar em condições de satisfazer essa carência” (*O Século Ilustrado*, 07 de janeiro de 1977, p. 5). Esse condicionante económico foi primordial para limitar a liberdade dos jornalistas sobre aquilo que era publicado nas páginas do *SI*, uma forma de autocensura determinada pela dependência económica dos meios de comunicação social. Maria Antónia Palla, a subchefe de redação, relatou na primeira pessoa as condições em que os jornalistas do *SI* trabalhavam desde a queda da ditadura: sob a força de pressões internas e externas e da censura direta por parte da administração do periódico que condicionou a livre divulgação e interpretação crítica das informações.

No termo do dia 26 de Abril de 1974, quando se aguardava a todo o instante a libertação dos presos de Caxias, sentei-me à máquina para relatar aos leitores do “Seculo Ilustrado” o que presenciara da revolução e recorde que me interroguei: agora que somos livres, que vamos fazer da liberdade? A censura caíra. Porém, essa primeira reportagem escrita em liberdade não chegou a ser publicada. Na redacção do “SI” sofreu-se esse acto de censura interna com surpresa e indignação. No dia seguinte, estabelecemos com a administração as regras do jogo. Mas o aviso fora dado: para nós, jornalistas, a tão almejada liberdade de Imprensa iria comportar limitações (...). Pode uma Informação livre pertencer ao Estado? E, pertencendo, quem a deve dirigir e orientar? A quem se destina ela e para que serve? À partida, é sabido que todo o Poder tem a tentação de utilizar em proveito próprio os órgãos de comunicação que detém (*O Século Ilustrado*, 07 de janeiro de 1977, p. 5).

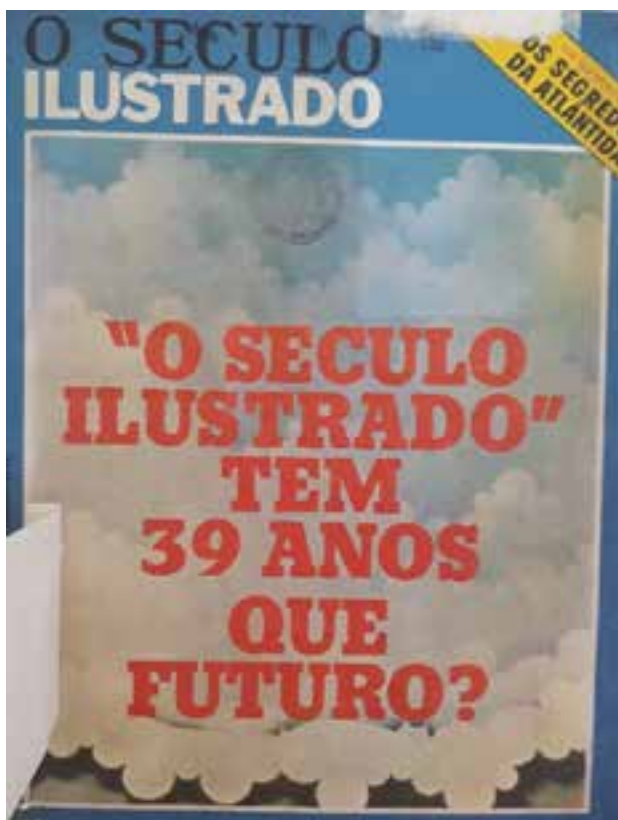


Figura 48

O Século Ilustrado, 07 de janeiro de 1977, p. 1.

Fonte: Reprodução do original.

O *SI* completa, portanto, em janeiro de 1977, 39 anos e fala deste momento como um dos mais difíceis que a revista já passou. A verdade é que a 11 de fevereiro deste mesmo ano seria a última vez que o *Século Ilustrado* circularia livre entre seus leitores com as características de até então. Isso ocorre devido a fusão da Sociedade Nacional de Tipografia e a Sociedade Industrial de Imprensa que fizeram surgir a EPSP, através do Decreto-Lei 639/76 de 29 de julho que ditaria a suspensão da edição das publicações da SNT. O jornal *O Seculo* e as revistas *Vida Mundial* e *Modas e Bordados*, passaram a pertencer à SNT em um processo de completa nacionalização e a fusão foi feita, segundo o Governo, em condições precárias no plano econômico. *O Seculo Ilustrado* despede-se de seu público através das palavras confrontadoras de seu diretor interino, Rogério Petinga.

Pela nossa parte, porém, a defesa está cumprida. Tudo o que fizemos, nos últimos três anos, desde o 25 de Abril de 1974, fizemo-lo com a intenção de não nos sentirmos confrontados com o “desespero” de um “estado de crise”. Indicadores que não eram de desprezar apontavam já nessa altura para o que, mês a mês, semana a semana, viria a ser a vida desta publicação — a imagem de uma incerta “indigência”. A falta de uma estratégia concreta e global da empresa S.N.T., com um jornal diário e três revistas; a flutuação das administrações e de certas decisões administrativas; a completa incapacidade de desenhar um futuro objectivo para os que nesta casa trabalham, bem como

a inútil demagogia de uma fase a que Manuel Alegre terá denominado “de festa”, conduziram, inevitavelmente, àquilo a que estamos reduzidos — uma sigla, um dado prejuízo por ano, por mês, por dia, por minuto, por segundo. Desumanizada a S.N.T., reduzida a sua condição ao mero facto estatístico, somos, os que aqui trabalham (e até alguns nasceram) durante anos, o número (...). Restam apenas algumas palavras ao fim de um trabalho amargo, penoso, a que nos custava, por vezes, dar sentido, mas a que não deixámos de conceder a afectividade e o conteúdo do nosso esforço possível. E agora? Confusão e incerteza são escolhos inevitáveis e habituais nos caminhos da democracia. Todavia, no momento em que esta casa vê suspensas as suas actividades lembramos e citamos o professor britânico Raymond Williams: “Em democracia não há argumentos que rebatam este ponto: o sistema de comunicação deve ser livre, ou não há, simplesmente, democracia. Num sistema livre muitas coisas podem ser más ou ofensivas, ou parecer más e ofensivas a certas pessoas, mas a contrapartida será, seguramente, um sistema controlado, um “monopólio”, em que alguns impõem a sua vontade a todos (*O Século Ilustrado*, 11 de fevereiro de 1977, p. 3).

O Século Ilustrado publicou 2028 números durante 39 anos e por uma decisão “superior” se viu forçado a interromper o seu diálogo com o leitor justificados pela falta de rentabilidade da revista. Deixou a sua marca não só pelas quase quatro décadas de existência, mas também porque o *SI* foi pioneiro no uso da fotografia como documento jornalístico e histórico: “Acabar, neste momento, com uma revista com a característica do ‘SI’ significa que quando chegarmos a 1980 e quisermos fazer o tratamento gráfico do que se passou nestes anos, se ficarmos circunscritos aos jornais, não teremos imagens. Só por isso, era necessário assegurar a continuidade de ‘O Seculo Ilustrado’, cujas capas têm um valor cultural e histórico indiscutível” (*O Século Ilustrado*, 11 de fevereiro de 1977: 6). O *SI* sai de circulação, mas não sem deixar alguma esperança de um retorno, pois “fala-se em acabar com a revista... Resta-nos esperar que uma autêntica ‘reestruturação’ permita que a revista se mantenha em contacto com o público” (*O Século Ilustrado*, 11 de fevereiro de 1977, p. 6)⁸.

8 A partir dos escassos exemplares que tivemos acesso, podemos concluir que entre fevereiro de 1977 até junho de 1982, *O Século Ilustrado* edita um número anual para garantia de título. Em 1988, a revista perde totalmente as suas características de até então e passa a ser publicada como jornal (diretor Jaime Nogueira Pinto), propriedade da Sociedade Editora de Publicações, SARL. Entre novembro de 1988 e setembro de 1989 *O Século Ilustrado* retorna ao formato de revista (indicando na ficha técnica “Série V”, porém com a abordagem voltada exclusivamente para a vida dos famosos, o que hoje poderíamos classificar como revista de sociedade (diretor Artur Albarran). De novembro de 1989 até 1990, *O Século Ilustrado* volta a transformar-se em jornal (diretor Artur Albarran) antes de desaparecer definitivamente.

3.1.2. *Flama*

A *Flama* — *Quinzenário da JEC* — nasce como jornal e, como o seu próprio título diz, de periodicidade quinzenal, com a publicação de seu primeiro número em 5 de fevereiro de 1937, durante o Estado Novo. Permanece com este formato até 1944, quando deixa de existir para renascer com a configuração de revista, mantendo-se assim até a sua extinção à data de 27 de setembro de 1976. Na edição de número um, no dia 15 de fevereiro de 1937, traz em sua primeira página uma fotografia imponente do Cardeal Patriarca Manuel acompanhado de um texto assinado por ele, onde apresenta a publicação ao seu público. Dirigia-se diretamente aos jovens do sexo masculino, pertencentes ao movimento da Juventude Escolar Católica, com uma abordagem claramente religiosa que será a regra desta publicação por várias décadas: “Ao aparecer pela primeira vez êste órgão da JEC, queremos saudá-lo com esperança e trazer-lhes a Nossa carinhosa bênção. Na cruzada de formação integral da mocidade escolar — que é o objectivo da JEC — propõe-se êle ser como uma espécie de bandeira, em redor da qual se reúnam todos os que pertencem a Cristo” (*Flama*, 5 de fevereiro de 1937, p. 1).



Figura 49
Flama, 5 de fevereiro de 1937, p. 1.
Fonte: Reprodução do original.

A sede da redação localizava-se na rua Nova do Almada, 14, em Lisboa, e a sua impressão se dava nas Oficinas de São José, T. dos Prazeres, 34, também na capital portuguesa. À data de seu lançamento, a *Flama* possuía António dos Reis Rodrigues como diretor, Garrido Serra como editor e Ruy Heytor como Chefe de Redação. António dos Reis Rodrigues foi um bispo português nascido em Ourém em 24 de junho de 1918. Licenciou-se pela Faculdade de Direito de Lisboa, em 1941, quando foi presidente geral da Juventude Escolar Católica (JEC), mesmo período em que fundou a *Flama*. António dos Reis Rodrigues figurou na primeira página da *Flama* como diretor até setembro de 1939, o mesmo momento em que toda a Direção Geral da JEC foi substituída, assumindo o seu lugar João Soares Cabeçadas e, logo a seguir, Silva Fernandes que se manteve no cargo até setembro de 1941.

Durante estes anos, António Rodrigues foi um assíduo assinante de vários textos da *Flama* que, muitas das vezes, se encontravam na primeira página. Na sua primeira peça intitulada “Luz e Calor”, explica o nome escolhido com um discurso visivelmente alinhado com a religião, a característica mais marcante desta publicação durante muitos anos: “O nome do nosso jornalzinho é legenda e programa, pois, na essência, ‘Flama’ quer dizer luz e calor — e a nossa missão não é mais do que espalhar luz e calor à nossa volta. O nosso órgão é Flama, pelo que tem de iluminar a inteligência dos jécistas e de os afervorar na prática das virtudes cristãs” (*Flama*, 5 de fevereiro de 1937, p. 3).

Considerada, portanto, no momento de seu lançamento, um jornal de estudantes, a *Flama* trazia em suas capas as iniciais JEC, que fazia referência à Juventude Escolar Católica. Esse organismo visava a formação dos jovens a partir de princípios ligados à Igreja Católica. Com uma forte aceitação em muitos estabelecimentos de ensino em Portugal, a sua organização era garantida pela existência de equipas militantes e de coordenação formadas por estudantes. Os jovens membros leigos que faziam parte da base deste movimento eram conhecidos como “jecistas” e eram coordenados por líderes eclesiais que possuíam as funções de conselheiros e orientadores. Apesar da grande influência religiosa, esta estrutura foi abalada a partir do momento em que a JEC se encontrou interpelada pela Igreja Católica em episódios pontuais que serviriam para marcar a sua posição perante a realidade social e política na década de 60, momento em que a sociedade portuguesa vivia sobre um regime de governo autoritário (Soares, 2008), mas com algumas vozes críticas que se levantavam.

Exemplo disso foi a concorrência e a disputa entre a JEC e a Mocidade Portuguesa pelo controlo e pelo enquadramento da juventude em Portugal. O Governo português colocou termo à situação de “confronto” com a publicação do Decreto-lei nº 47311, de 12 de novembro de 1966 que estabeleceu regras mais rigorosas para a criação e administração de organismos juvenis a nível escolar. Isso fez com que a Mocidade Portuguesa ganhasse grande destaque como organismo associativo voltado para jovens. Como consequência, os jovens ligados ao JEC assumiram uma posição anti totalitarista e se colocaram contra uma possível ligação entre o regime político da época e a Igreja Católica (Soares, 2008).

A *Flama* saía à sexta-feira impressa, como era de se esperar, em papel de jornal e trazia em suas capas o lema “Piedade, Estudo e Acção”. Possuía, inicialmente, quatro páginas e, à data de seu lançamento, custava, por número avulso 0,50 escudos e a assinatura anual tinha o valor de 12 escudos, mas subia para 5\$ se fosse enviada para o Império Colonial e 18\$ para outros países. A nível gráfico, a *Flama* caracterizava-se pelas páginas em preto e branco, organizada em duas ou três colunas e com poucas ilustrações ou fotografias. Suas capas eram compostas por um pequeno texto acompanhado de uma imagem, geralmente uma fotografia de uma personalidade ligada à Igreja Católica, e raramente trazia uma gravura. A sua primeira mancha de cor aparece em 31 de outubro de 1937, portanto, oito meses após o seu lançamento. A partir daí começou a utilizar, esporadicamente, tonalidades que variavam entre o azul, castanho e o verde e que deram um ar mais moderno e apelativo às suas páginas. Essa particularidade ficou mais frequente a partir de 20 de fevereiro do ano seguinte, mas a cor era limitada, sempre monocromática e restrita à primeira página. Essa característica alterou-se pela primeira vez em 5 de fevereiro de 1941 quando trouxe todas as páginas coloridas em verde e castanho, o que viria a repetir-se somente uma vez, na edição seguinte.



Figura 50

Flama, 5 de fevereiro de 1941, p. 1, 4 e 5.
Fonte: Reproduções do original.

Nesta primeira fase da *Flama*, as fotografias, por via de regra, vinham acompanhadas dos nomes de seus autores, mas podemos concluir que, muitas das vezes, eram “cortesias” cedidas de arquivos pessoais e não de fotógrafos profissionais como, por exemplo, uma foto que se encontra na página 4 do seu primeiro número e cuja legenda traz: “Cliché do Rev.mo Snr. Dr. Joaquim Correia”. No caso das gravuras, a autoria nunca estava indicada devido, possivelmente, pela pouca expressividade que este tipo de iconografia possuía na *Flama*. O *layout* assim como a logótipo não variavam muito entre edições nas primeiras décadas. No interior de suas páginas, o jornal fundamentava-se com arranjos gráficos simplistas e pouco criativos, que eram, por vezes, surpreendidos por algumas poucas imagens. Quando ainda possuía quatro páginas, a *Flama* era, portanto, caracterizada pelos textos e a iconografia era a exceção tendo, com alguma frequência, edições inteiras em que não era visto nenhuma imagem. Essa pouca importância dada à iconografia manteve-se até o final desta fase, enquanto jornal.

Sempre com o objetivo de aumentar as vendas, desde os primeiros números, fazia apelo ao seu público para angariar mais assinantes. Para isso, dirigia-se diretamente a eles: “Jécistas! Quantos assinantes angariaste já para o teu jornal?” “Jécistas! Organizai nas vossas escolas a venda avulsa da “flama” “Jécista! Já cumpriste o teu dever angariando pelo menos um assinante para a “Flama”?”. O Jornal, portanto, tinha uma política que pode ser considerada com bastante incisiva no que concerne ao aumento da venda de exemplares e no recrutamento de assinantes. Como veremos mais adiante, essa é uma característica que a *Flama* conservará durante toda a sua história. Isso pode ser justificado, em parte, pela necessidade de haver uma sustentação financeira para a publicação, visto a não existência de publicidade nos primeiros anos do jornal. Isso começa a modificar-se algumas décadas mais tarde quando a publicidade ganha uma verdadeira relevância nas suas páginas.

Em termos de conteúdo, no seu primeiro número, a *Flama* trazia uma capa com uma fotografia de corpo inteiro do Cardeal Patriarca Manuel acompanhada de um texto de apresentação da revista assinada por ele. Abaixo encontrava-se o lema o “Piedade, Estudo, Acção” e no topo da página o cabeçalho com o nome da revista, o nome dos responsáveis pela publicação assim como a frase “com aprovação da autoridade eclesiástica” (*Flama*, 5 de fevereiro de 1937, p. 1), uma indicação para os seus leitores que servia como um selo de qualidade, mas também a certeza de que os seus conteúdos eram controlados pela Igreja Católica. Na página dois, o primeiro texto possuía o título “Avante, rapazes!” assinado pelo Doutor Soares da Fonseca, presidente nacional da Juventude Católica. Esta era uma clara indicação de quem era o seu público-alvo e como a publicação estaria pronta para guiar esta parcela da população, pois como dizia o texto “Mais do que jornal católico, ‘Flama’ é órgão de acção católica — e de acção católica de juventude...” (*Flama*, 5 de fevereiro de 1937, p. 2). Ainda nesta página, poderíamos ler um texto assinado por António dos Reis Rodrigues, o diretor do periódico, que apresenta a *Flama* ao seu público e ainda outros três pequenos textos assinados pelo Padre Eugénio Jalhay, assistente eclesiástico da JEC de Lisboa. Na página seguinte, escrita em três

colunas e sem a presença de imagens, há cinco textos que possuem como temática principal assuntos ligados à religião. A quarta e última página da *Flama* é dedicada a assuntos relacionados à JEC em Lisboa, Évora e Leiria sob o título “A J.E.C. em marcha” ilustrada por uma foto cuja legenda podemos ler: “A J.E.C. de Lisboa, de visita aos seus irmãos Jécistas, Jacistas e Jocistas da diocese de Leiria reúnidos em Vila Nova de Ourém em 19 de Maio de 1935” (*Flama*, 5 de fevereiro de 1937, p. 4). Por último e no canto inferior direito, encontrava-se a ficha técnica do jornal.

A *Flama* permanece com características relativamente semelhantes até janeiro de 1942, quando completa cinco anos de existência. Neste momento, com Nuno Mourão no cargo de diretor e Baptista de Abreu como chefe de redação, passa por uma grande transformação estrutural e sai de cena para dar lugar a um quinzenário chamado Ala que pertenceria não só a JEC, mas também da Juventude Universitária Católica (JUC). A notícia foi anunciada pelo editorial do dia 1 de janeiro de 1942, “a edição de número 106 e o último”, com o título “*A forma passa, o espírito não*”:

Acabo de folhear cento e cinco números da Flama e de passar a vista de olhos pelo centésimo sexto. Cinco anos completos de trabalho! E agora veio-me à cabeça a comovedora passagem do evangelho em que S. João Baptista repete aos seus discípulos, admirados de verem o filho do carpinteiro a baptizar também, junto à fonte de Salim: O homem nada pode receber que não seja concessão do Céu. Eu não sou Cristo, mas fui enviado adiante dêle. Agora convém que êle cresça e eu diminua. (...) Orientada por esta maneira de ver e tendo auscultado, por mais de uma vez os efeitos que dêste acto resultariam, achou, pois, a nossa Direcção Nacional oportunidade para iniciar, dentro de dias, a publicação de um quinzenário — Ala — comumente destinado à J.E.C, J.I.C. e J.U.C. A nossa Flama, ao considerar-se sua simples forma embrionária, presume ter procurado sempre — umas vezes bem, outras vezes mal — servir a directriz que lhe cabia. Para não quebrar essa tradição — servir, — cede jubilosamente o lugar àquele cujo caminho estava encarregada de preparar. De resto, o seu espírito continua — é o espírito da Ala, da A. C., o espírito da igreja, o de Cristo que não passará nunca... (*Flama*, 1 de janeiro de 1942, p. 4).

A *Flama* fecha, enquanto jornal escolar, este primeiro capítulo de sua história, mas renasce dois anos depois em 13 de maio de 1944⁹ com uma mudança marcante: transforma-se em uma revista. Com este ar vibrante de recomeço, é publicada pela primeira vez com um tamanho ligeiramente reduzido, com uma edição de 16 páginas — o dobro do que ocorria anteriormente — colorida em dois tons e com um layout mais moderno tendo mantido a

9 Esta data não teria sido escolhida aleatoriamente, visto que coincide com o dia de Nossa Senhora de Fátima, uma importante figura para a igreja Católica e para a história de Portugal e é vista como uma protetora da revista.

fotografia como principal iconografia. Agora, com uma nova roupagem, mais madura e contemporânea, começa a ser publicada pelo número um. Na capa deste número de estreia, poderíamos ver, em tons de castanho, a gravura de jovem rapaz tendo como fundo uma águia e aquilo que parece fazer alusão às sagradas escrituras, identificado, no sumário, como autoria de José David. Assim, apesar de mais abrangente, o seu público-alvo permanece, pois em sua capa trazia a indicação de ser “A revista da Juventude para a Juventude”, frase que a publicação carregou até janeiro de 1948.



Figura 51

Flama, 13 de maio de 1944, p. 1.

Fonte: Reprodução do original.

Na página 2, encontramos de apresentação assinados pelo Cardinal Patriarcal e pela redação da revista, mas nada de novo lemos sobre a linha editorial, mas sim o que era de costume: palavras fortemente carregadas pela conotação religiosa voltadas para os jovens católicos pertencentes ao JEC.

Reaparece hoje a Flama, é dia de festa para a JEC. A bandeira do movimento acadêmico católico volta de novo a levantar-se galhardamente empunhada por mãos heroicas de rapazes que trazem no coração um grande amor e nos olhos toda a luz do céu. A “Flama” enrolara-se durante algum tempo; mas a chama do fogo que Cristo trouxe à terra — luz para o espírito, ardor para o coração, vida nova para o homem — não se apagou na alma dos jécistas, mas continuou a iluminá-la, a abrazá-la e a purificá-la. Acendeu-a aí o mesmo Espírito Divino. Sabem os jécistas as responsabilidades

eternas que isto importa. Generosamente, abraçam um programa divino de vida. Para eles, é corrente que militar sob disciplina da JEC é comprometer-se a heroísmos de vontade, a dramas de combates morais, a aspirações angélicas de coração, a vitórias gloriosas sobre o êrro (*Flama*, 13 de maio de 1944, p. 2).

Esta nova fase vem acompanhada de uma direção composta por João Raposo de Magalhães e a posição de editor foi preenchida por José António Cordeiro Vinagre. O frei João Diogo Crespo assinava uma coluna de opinião que se chama “À Margem” e era quem tutelava a revista, pois apesar de não figurar na ficha técnica, era considerado o “diretor editorial” da publicação (Fonseca, 2007). A revista trazia seus conteúdos estruturados, predominantemente, em duas ou quatro colunas, onde combinava fotografias e algumas poucas gravuras. As fotografias, em sua maioria, eram de personalidades ou artefactos religiosos identificados com legendas e somente algumas delas eram creditadas. Contudo, podemos identificar alguns colaboradores fotográficos frequentes como Marius, J. Diogo, N. Dumas e F. Landau, mas o que permaneceu, foi sem dúvidas o evento de a revista trazer as suas peças assinadas. O facto de a revista ter agora 16 páginas, faz com que comesse a abordar outros temas para além da religião como o desporto, teatro, cinema e campismo. Com essa abordagem mais ampla, nota-se claramente que o objetivo era atrair a atenção do seu público-alvo, ou seja, rapazes católicos letrados e urbanos:

A ‘Flama’ ‘revista da Juventude para a Juventude’ está disposta a preencher a grande vaga que existia neste sector de imprensa portuguesa. Tem entre os seus fins o de promover o progresso das letras e do amor pela ciência entre a gente môça. Podíamos ocultar um pouco a nossa qualidade de católicos activos e muito aumentaria o nosso público, mas a ‘Flama não quere equívocos e tem amor às situações claras (*Flama*, 05 de junho de 1944, p. 2).

Assim, em 1944, a revista *Flama* trazia o seu primeiro número com os seus conteúdos organizados da seguinte forma: **a capa** contendo o nome da publicação e uma foto ou gravura que ocupava toda a página e, logo abaixo a frase “Revista da Juventude para a Juventude”; na segunda página poderíamos ler “Palavras do Senhor Cardial Patriarca” e “Preito de amor e obediência” assinada pela Direção, ambas as peças versavam sobre o reaparecimento da *Flama*. Nesta página, também poderíamos ver uma foto do Cardial Patriarca de autoria do padre João Diogo; na página três “Homenagem justa — Um coração de Apóstolo” texto escrito em primeira pessoa e assinado pelo Padre João Diogo Crespo em reverência ao Padre Eugénio Jalhay; Nessa mesma página, encontrava-se a rubrica **Recordando** que republicava textos da *Flama* de edições anteriores. Neste caso, trazia um texto do padre Eugénio Jalhay que tinha sido primeiramente publicado em 5 de fevereiro de 1937. Essas peças estavam escritas em duas colunas e possuía uma foto dos padres Eugénio Jalhay e João Diogo, ao centro.

Na página 4, poderíamos ler a **Crítica**, assinado por João Vaz Pinto e, sem se focar em nenhum ponto especificamente, o texto faz uma reflexão sobre a importância de ter uma visão crítica sobre a realidade. Nesta mesma página encontrava-se um conjunto de pequenos textos direcionados aos jécistas com o título “**A JEC em Marcha**” que descrevia as dificuldades que foram superadas com ajuda dos jovens para que a *Flama* pudesse ser novamente publicada: “conhecemos gestos edificantíssimos da parte de imensos jécistas em prol da ‘*Flama*’, como renúncia a tabaco, cinemas, touradas, viagens a pé para longos destinos, ofertas de dôres morais e físicas... os alicerces de nossa querida revista têm sangue, suor e lágrimas em abundância” (*Flama*, 13 de maio 1944, p. 4); Na página 5, **A Nossa Luta** assinado pelo presidente geral da JEC, João Raposo de Magalhães, um texto escrito em três colunas acompanhado da foto de um rapaz a remar em um pequeno barco e uma gravura de um barco à vela em alto mar que fala sobre a importância da *Flama* para os jovens: “Rapazes! Quantos jovens por aí perdidos no mar alto das paixões desordenadas, onde cada um tem uma alma quási a morrer? Um salva-vidas está a sair ao mar — a nossa *Flama*” (*Flama*, 13 de maio 1944, p. 5).

Na página 6, a peça **Coimbra** assinada pelo presidente geral da JUC e que tratava da V Semana de Estudos da JUC que acontecera naquela cidade. Na parte inferior esquerda da página encontrava-se uma foto cuja legenda indica ser o assistente Nacional da JEC de Espanha entre jécistas portugueses; A página seguinte estava dedicada à entrevista (*A entrevista sensacional*), um costume que a *Flama* levará ao longo de sua existência. Neste primeiro número, o entrevistado por Mimoso Rui foi “o expoente máximo da natação em Portugal”: Mário Simas (*Flama*, 13 de maio 1944, p. 7). A página possui três fotos do nadador. Como o lançamento da *Flama* deu-se no dia 13 de maio, a página 8 traz uma oração dedicada à Nossa Senhora de Fátima assinada por José Silvestre. Com uma foto da santa a ocupar metade da página, poderíamos ler na legenda: “Colocamos a ‘*Flama* aos pés da Santíssima Virgem no Santuário de Fátima para que a transforme em instrumento da glória de Deus” (*Flama*, 13 de maio 1944, p. 8).

A partir da nona página, poderíamos encontrar as seguintes secções: **Roteiro da Gente Moça** assinada por João dos Santos em homenagem a um jovem recentemente falecido. O pequeno texto vinha acompanhado quatro fotos do jovem e que ocupavam grande parte da página; **Alegria de Viver**, assinada por Didacus; Na secção seguinte **Campismo**, assinada por João Zacarias, que apesar do título, fazia também referência à religião: “Para êste acampamento da Arrábida foram jovens sem prática de vida católica”. Alguns fizeram depois a sua 1ª Comunhão” (*Flama*, 13 de maio 1944, p. 11). Nesta mesma página 11, como em uma espécie de obituário, a revista fazia, mais uma vez, a referência à morte de um jovem.



Figura 52
Flama, 13 de maio de 1944, p. 7 e 8.
 Fonte: Reproduções do original.

A secção sobre **Desporto** assinada por Carlos Rosmaninho, na primeira edição, falava sobre a importância da prática do desporto na vida dos jovens, mas normalmente se centrava, na cobertura das diversas modalidades desportivas em Portugal, mas também poderia fazer referência a acontecimentos desportivos em outros países. Nas rubricas **Arauto — Página de Gente Miúda**, assinada por Joaquim Cabral e **Humorismo** eram dedicados ao entretenimento e tratava de temáticas cômicas com pequenos textos, anedotas, diversas gravuras e diferentes tipo de jogos ou passatempo, tinham o objetivo era divertir os leitores; Havia ainda as secções de **Teatro e Cinema** sempre com textos acompanhados de muitas fotografias; e, finalmente, **Concursos**, uma tendência da época, cujo objetivo era manter uma interação direta com os leitores. Nesta primeira edição, a *Flama* lança um concurso de fotografias, literatura e desporto que tem segmentos nas publicações seguintes.

Ao longo dos seus 38 anos de existência, a *Flama* transpassou por vários períodos históricos importantes em Portugal e no mundo, dentre os quais poderíamos destacar alguns dos mais marcantes: viu Portugal passar de ditadura à democracia e acompanhou a Segunda Guerra Mundial. Contudo, como podemos observar a partir da descrição das seções que a *Flama* trazia à data do seu lançamento, não havia uma única página dedicada a temas relacionados à atualidade social em Portugal ou no estrangeiro. Esta característica só viria a modificar-se décadas mais tarde e de forma muito discreta, mesmo porque durante a maior parte da sua existência a *Flama*, assim como todas as outras publicações em Portugal, funcionava

sob um regime de censura. Como vemos mais a frente, só depois da redemocratização, assumiria como característica marcante a abordagem aos assuntos políticos e polêmicos, especialmente aqueles vivenciados em Portugal.

Quando a *Flama* nasceu, ainda como jornal, Portugal já se encontrava sob um regime autoritário, o Estado Novo, que durou de 1933 até 1974. Foi um regime conservador, nacionalista, corporativista e de inspiração fascista, parcialmente católico e tradicionalista. A partir da observação das edições da revista, podemos concluir que os aspetos políticos desta época foram quase totalmente ignorados em suas páginas. Algumas referências que poderíamos citar nas primeiras décadas de sua existência são as poucas alusões sobre a II Guerra Mundial como o texto assinado pelo diretor António dos Reis com o título “Luz e sombra” publicado em setembro 1939, quando a Europa começara a travar esse conflito, mas Portugal assumira uma postura neutra:

Na Alemanha de Hitler perseguia-se a Igreja e blasfemava-se. As forças espirituais, criadas e multiplicadas por vinte séculos de civilização cristã, eram letra morta lá na terra das águias imperiais. Troçava-se de Cristo e da Sua Cruz. Apregoava-se, quási oficialmente, uma religião nova — que não tivesse as “pieguices” da de Roma — a humildade, o desprendimento, a caridade — mas exaltasse o egoísmo, a violência, o orgulho, como necessidade imperiosas da Raça. As consequências ei-las Àaísta. Espezinhou-se o direito das gentes, ofendeu-se a liberdade dos povos, violaram-se fronteiras, desrespeitaram-se consciências. De novo a Guerra! De novo, as lágrimas, o ranger de dentes, a viuvez, a orfandade, os desesperos, as angústias. A praga dos açambarcados e os horrores da fome, os novos ricos e os novos pobres, a miséria e o desnivelamento das classes, os ódios e as traições. César deificado. O indivíduo máquina de guerra. A Europa à beira da maior catástrofe da história (*Flama*, 05 de setembro de 1939, p. 1).

No mês seguinte, em novembro de 1939, a *Flama* traz uma peça assinada por Carlos Soudade e Silva sobre a preocupação de uma possível invasão do comunismo no ocidente. Contudo, uma vez mais, a análise feita tem uma interpretação do ponto de vista religioso e não político e social: “Os soviets mais uma vez ameaçam a Civilização Cristã com a penetração que estão fazendo para o Ocidente. O comunismo assentou arraiais na católica Polónia e a Alemanha concedeu-lhes facilidades, inteiramente prejudiciais à Paz e à Ordem. É a Guerra! E a nós jécistas, cabe-nos a vanguarda nas linhas de combate. Mas não falamos na guerra armada, na guerra de trincheiras, referimo-nos à guerra espiritual e intelectual” (*Flama*, 5 de novembro de 1939, p. 3). A revista não possuía a preocupação com o imediatismo dos acontecimentos, dedicando-se a escrever “matérias frias”, geralmente artigos de opinião. Exemplo disso vem em janeiro de 1948, portanto, já passados, quase três anos no final da II Guerra Mundial, quando a *Flama* publica um texto de agradecimento a Salazar pelo facto de Portugal não ter participado na guerra. A revista posiciona-se politicamente com um

claro alinhamento ao regime político que vigorava naquele momento ao publicar uma “Carta aberta a Salazar”, texto assinado pelo Padre João-Diogo Crespo, mas escrito em nome das mulheres portuguesas.



Figura 53
Flama, 8 de janeiro de 1948, p. 10.
Fonte: Reprodução do original.

Com um cariz fortemente religioso onde era defendido um comportamento social recatado e conservador por partes dos jovens católicos, os “bons costumes” também eram tema de debate nas páginas da *Flama*. Não era surpreendente encontrar, com alguma frequência, peças como a de Raúl Garcia Martins que descreve uma cena que vira na praia e que interpretou como algo reprovável.

Aqui há dias, fui à Costa da Caparica. Ia para matar saudades do mar e dos horizontes largos, para sentir, de novo, longe da cidade, toda a grandeza da Criação de Deus. Não esperava, porém, sofrer em choque tão forte e tão desagradável. É que aquela praia, que eu vira o ano passado envolta

num manto ainda que frágil de pudor, se encontrava agora manchada de imoralidade. A desafiar os olhares dos veraneantes, passeavam, despreocupadamente, cavalheiros nus da cintura para cima — uns tão negros como chipanzés, outros tão magros como os esqueletos. Havia senhoras e meninas sentadas, em grupo, aqui e além, sem uma única contracção que demonstrasse fastio ou repulsa. Nenhuma frase se ouvia a condenar tão suja grosseria e desvergonha. (...) O jécista, que passa férias na praia, tem a cumprir uma grande missão. Ele não pode, é certo, logo de uma vez, obrigar o vizinho a vestir-se com decência e a portar-se bem. Mas pode aconselhá-lo, desviá-lo de alguns perigos, acompanhá-lo, e conquistar, a pouco a pouco, com o poder penetrante da sua simpatia (*Flama*, 26 agosto de 1939, p. 7).

Mesmo levando em consideração a época em que o texto foi escrito, recebeu críticas que também foram repercutidas na revista. Na verdade, os comentários feitos disseram respeito ao facto de o autor ter referido e reprovado, principalmente, o comportamento masculino e não o feminino: “Nunca me passou pela cabeça que o meu despretenso artigo ‘Numa praia...’ houvesse de alevantar tamanha celeuma. Causou-me, por isso, certa estranheza a leitura dum artigo do meu amigo Serra Bela em que êle se manifesta discordante por eu ‘censurar quem tem menos culpas no cartório’ — os homens, e não as mulheres” (*Flama*, — novembro de 1939, p. 5). Esses excertos seriam hoje facilmente interpretados como politicamente incorretos, mas levando em consideração o contexto e o período histórico em que foram escritos, diríamos que está em total sintonia com a linha editorial da revista. Na verdade, nos primeiros anos de existência, a *Flama* nem sequer possuía uma secção que fosse dedicada a assuntos que, na época, estavam relacionados ao público feminino como moda, beleza ou conteúdos dedicados a tarefas domésticas, algo que era comum nas páginas de outras publicações da época que possuíam como objetivo um público mais alargado. Por este motivo, podemos concluir que a *Flama* era naquele momento, de facto, um periódico maioritariamente dedicado ao masculino. Esta característica vai modificando-se aos poucos: “Embora a ‘Flama’ seja revista de Rapazes, quisemos dar neste Número Especial uma nora de ternura e delicadeza feminina, porque são as Raparigas as herdeiras daquele espírito heróico e sublime das Mães Portuguesas de sempre, que tão intensamente colaboraram na grandeza da Pátria através da História” (*Flama*, — julho 1944, p. 12). A partir de janeiro de a revista passa a ter a secção “Página Feminina” que tratava de assuntos ligados à moda e ao comportamento deste género.

Uma outra característica marcante da *Flama* eram as várias matérias que ensinam os leitores sobre os mais diversos assuntos que iam desde “Lições de natação” a “Aprenda a jogar futebol” ou lições e dicas sobre como fotografar. Estas rubricas funcionavam como uma espécie de tutorial e permaneciam por vários meses nas páginas da revista. No caso das lições sobre como aprender a nadar, havia inclusive interrupções ocasionadas pelo início do inverno, quando águas se tonavam demasiado frias para a prática do desporto, mas retornando na primavera seguinte.



Figuras 54 e 55
Flama, 23 maio de 1946, p. 10; 7 julho de 1946, p. 15.
 Fonte: Reproduções do original.



Figuras 56 e 57
Flama, 15 de agosto de 1941, p. 3; 6 de janeiro de 1948, p. 8.
 Fonte: Reproduções do original.

Já com Mário Simas como diretor, a *Flama* chega a 1950 com um layout mais moderno, semanal e com manchas tímidas de cores em suas páginas. Foi a partir desta época que passa a dar maior importância à fotografia. Um exemplo disso são as dezenas de fotos de tamanhos generosos que ilustram toda a revista em detrimento da gravura ou desenho. Dentro deste novo contexto, as notícias também começam a ganhar maior relevância com secções que combinavam imagens acompanhadas de breves descrições como o “Noticiário Ilustrado”, “Arquivo Ilustrado”, “Semana pela Imagem”, “O mundo numa Página” ou ainda “Quatro Imagens do Mundo”. Apesar de não aparecerem na revista concomitantemente, possuíam abordagens semelhantes para tratar de assuntos nacionais ou internacionais, mas sempre com a mesma apresentação das notícias em formato de fotojornalismo, um sinal de que a revista apostava cada vez mais no poder da imagem. Nessas secções, os assuntos centravam-se, principalmente, em atos oficiais do governo ou notícias sobre personalidades da época ou eventos sociais, por exemplo.

De um modo geral, a *Flama* atravessa a década de 1950 sem apresentar grandes alterações no que diz respeito aos temas abordados e ao layout. As capas traziam, quase sempre, fotografias de pessoas famosas, principalmente artistas do cinema, especialmente mulheres americanas ou, ocasionalmente, algumas famílias ou homens influentes da época. Foi o caso da capa de 30 de janeiro 1953 com a fotografia em preto e branco em um momento descontraído do presidente dos Estados Unidos juntamente com a sua esposa e neto. Essa foto estava acompanhada da seguinte legenda: “O novo presidente dos Estados Unidos da América, Dwight D. Eisenhower não renuncia aos carinhos da Esposa e do Neto, apesar dos espinhosos encargos que pesam sobre os seus ombros” (*Flama*, 30 de janeiro de 1953, p. 1). Ainda que faça referência a uma abordagem que pudesse ser política, a revista permanece no campo das relações familiares. Também é curioso observar que no interior da revista não há nenhuma peça sobre o presente dos EUA, limitando-se à capa. Essa prática era algo comum na revista, neste momento, ou seja, nem sempre o que figurava na capa era tratado no interior da revista.

Apesar de a *Flama* não ter a política como temática principal, em algumas ocasiões, o assunto poderia ser tema da primeira página como é o caso de Winston Churchill, Primeiro Ministro Inglês e capa de 13 de fevereiro de 1953. No interior de suas páginas podemos ler uma detalhada biografia do político e referências sobre a sua importância para a história britânica e mundial, mas que explicitamente evita qualquer análise política mais contundente. A abordagem permanece no campo da curiosidade e da descrição de factos cronológico de sua vida: “Winston Churchill é, dentre as grandes figuras contemporâneas, uma das que mais tinta tem obrigado a correr na Imprensa de todo o Mundo. Desde a actividade como Primeiro Ministro até à preocupação excêntrica com que cataloga a sua colecção de charutos, todas as teclas da personalidade do famoso político foram batidas com maior ou menor insistência” (*Flama*, 13 de fevereiro de 1953, p. 10).



Figura 58
Flama, 13 de fevereiro de 1953, p. 10 e 11.
 Fonte: Reproduções do original.

Aos poucos a *Flama* conquista mais leitores e passa a ser a revista com o maior número de assinaturas em Portugal, informação que traz estampada em suas páginas. A publicidade nas páginas da revista mantinha-se bastante tímida. Para termos uma ideia, em alguns números desta década (1950), a publicidade poderia resumir-se a quatro ou cinco anúncios publicitários que, em conjunto, não ocupariam mais do que meia página da revista, que era composta por 24 páginas. Isso só viria a modificar-se a partir dos anos 1960 quando a publicidade ganha maior proeminência e começa a ocupar páginas inteiras. Contudo, os apelos para a conquista de mais leitores foi uma constante na história desta publicação.

Reconhecemos que a Revista não é ainda como a sonharam, mas estão firmemente dispostos a aperfeiçoá-la na medida do possível. Os defeitos principais que lhe têm apontado assumem-se em dois: pouca colaboração de carácter intelectual e muita publicidade. Parece que não se faz o mesmo reparo a outras publicações enxameadas de anúncios e, apesar disso, com inúmeros leitores. Esperamos, porém, que se faça, pelo menos, a justiça de reconhecer que “Flama” tal não acontece por gosto ou ambição, mas por absoluta necessidade. O problema só poderá ser resolvido pelo aumento das páginas, como por vezes se tem feito já. Mas com essa solução aumentam também as despesas e compromete-se o indispensável equilíbrio financeiro. A verdade é que, da parte do público, se muitos têm acorrido à chamada, muitos também nos tem abandonado pelo caminho.

Muitos outros, que deveriam e poderiam ajudar-nos, nunca apareceram. E, sem grande público, uma Revista deste género não pode manter-se. Por isso, queremos apelar para a generosidade de V. Ex.^a, rogando-lhe encarecidamente o seguinte: prefira a Revista “Flama” e não desista da sua assinatura enquanto a puder pagar (*Flama*, 30 de dezembro 1955, p. 3).

Aos poucos, a revista diversifica os assuntos tratados nas capas que, até então, estavam muito centrados em volta do mundo cultural, religioso e desportivo. Com exemplo, poderíamos citar a edição de 27 de janeiro de 1953, onde a *Flama* traz em sua capa repercussões da Segunda Guerra Mundial. Mesmo não sendo uma temática factual, visto que a II Guerra acabara há vários anos, e não estar totalmente dissociada da religião, demonstra um inicial interesse por tratar assuntos sociais.

Vítimas da Guerra — Primeiro as crianças! Quando um barco está prestes a ir ao fundo, preparadas já as baleeiras para os trabalhos de salvamento, tem de ser inexorável a voz do comandante: — Primeiro as crianças! A última guerra foi também um naufrágio em que a tempestade horrorosa e trágica obrigou a experiência de todas as angústias. Ninguém deixou de sofrer na carne e na alma. O temporal de inferno devastou nações inteiras, arruinando-lhes todos os patrimónios que a civilização acumulou em séculos de pensamento e de luta. O primeiro entre os homens a sentir a catástrofe e a medir as suas consequências, em toda a sua extensão e profundidade, foi sem dúvida sua santidade Pio XII, que não hesitou quando os bombardeamentos assolavam Roma, em percorrer a pé os bairros mais atingidos. Durante a guerra, a sua voz foi sempre o maior apelo à paz. E passada a fase dos recontros sangrentos, nem por isso esmoreceu a sua palavra augusta de Medianeiro e de Pai, antes tem insistido nas recomendações para que os cristãos de todo o mundo sejam os que mais depressa ocupem os lugares e cargos de proteção às populações necessitadas (*Flama*, 27 de janeiro de 1953, p. 6).

Como já referimos, quando a *Flama* surgiu na década de 1930, Portugal já se encontrava mergulhado em um regime de governo ditatorial e que controlava de perto os órgãos de comunicação. Salazar converteu-se no líder, um homem que queria mudar Portugal e modificar o espírito dos portugueses com um exacerbado sentido patriótico (nacional-católico) baseado na tríade “Deus, Pátria e Família” que, em certa medida, também estava ligado à ideologia arraigada nas páginas da *Flama* desde sua criação. Assim, não é estranho que o líder político figurasse nas primeiras páginas da imprensa portuguesa. No caso da *Flama*, Salazar passou a figurar nas suas páginas com mais frequência a partir da década de 1950, e o viés adotado era o total alinhamento com o regime. Sua imagem de líder e pai da nação vinha acompanhada de adjetivos que o enalteciam e era referido sempre com letras maiúsculas, colocando-o em uma posição que se igualava às entidades divinas, e termos ligados à religião como é o caso da capa de 24 de abril de 1953: “Soube dar-nos a objetiva de San Payo esta recente imagem

de Salazar — o Homem providencial que celebra agora Bodas de Prata de um grande calvário para Ele, de prestígio e grandeza, com laivos de ressurreição, para todos nós portugueses, e de edificação para o Mundo” (*Flama*, 24 de abril de 1953, p. 1). Para além da capa, a revista dedicou 7 páginas — de um total de 28 páginas — à Salazar em prol da comemoração dos seus 25 anos no poder.



Figura 59

Flama, 24 de abril de 1953, p. 110.

Fonte: Reproduções do original.

Em 13 de maio 1955, a *Flama* completa 12 anos de existência envaidecida por possuir leitores em vários países lusófonos “Orgulhamos-nos de voz, colaboradores amigos da África, do Brasil, de Timor, de Macau, da sacrificada Índia. Vós sois, em todas as terras da língua portuguesa, os elos desta cadeia que representa doze anos de trabalho sem desfalecimentos — a expansão da “Flama” no mundo!” (*Flama*, 13 de maio 1955, p. 3).

Agora tendo como diretor e editor Miguel Trigueiros, a *Flama* começa o ano 1957 trazendo em sua capa a notícia de que estava rejuvenescida. Apesar de trazer algumas novas secções, a verdade é que pouco se alterara em termos de conteúdo e apresentação da informação, falando-se pouco de atualidades e sempre muito voltada para assuntos religiosos, desportivos e culturais, onde os artistas e temáticas internacionais tinham maior destaque em detrimento ao que acontecia no contexto nacional.

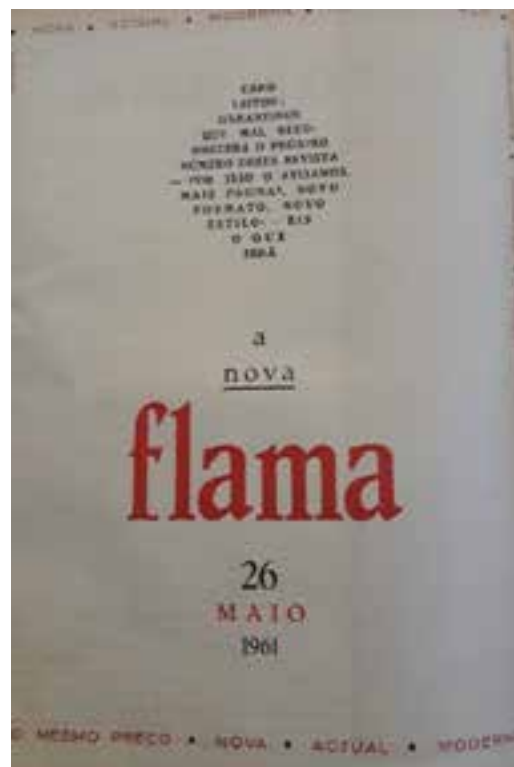
A “Flama” tem vivido de perto a vida dos homens, das artes e das letras, do desporto e da vida nacional, chora com os que choram e alegra-se com os acontecimentos grandes da nossa gente. Nas suas páginas desfilarão nomes de todas as categorias sociais. Os artistas, tanto nacionais como

estrangeiros, foram sempre acolhidos com simpatia e carinho. Todos os setores tiveram assento nas suas páginas (*Flama*, 26 de maio de 1961, p.5).

A prometida transformação só viria, efetivamente, a acontecer depois de 26 de maio de 1961, sob a direção de Silva Costa e Pedro Tamen. A partir daí, a *Flama* passa por uma mudança importante tornando-se mais moderna, com mais publicidade e mais voltada para assuntos ligados à atualidade. Na edição anterior, de 19 de maio de 1961, a revista faz a promessa aos seus leitores que seria aquela a última do género e, que daquele momento em diante, seguiria totalmente remodelada: “Fica o leitor informado, aqui e noutros lugares deste número da *Flama*, de que muitas e novas coisas lhe preparamos para a semana próxima. Não diremos que o próximo número desta revista aparecerá “pintado de fresco” para que se não julgue que se trata apenas duma mudança de aspecto: é isso, com efeito, mas é também muito mais do que isso” (*Flama*, 19 de maio de 1961, p. 5). Seria este o último número sob a direção de Miguel Trigueiros que escreve uma longa peça em total alinhamento com a política de Salazar e a quem faz avultados elogios, mas nenhuma palavra de despedida foi dirigida ao leitor da revista que comandou por sete anos.

A revista assume uma nova forma de apresentar a informação com um formato ligeiramente maior, traz um índice, com mais secções e novos assuntos e ganha mais páginas chegando a 36, mas não altera os preços. Esse novo estilo e orientação gráfica deixou a revista em maior consonância com as grandes publicações europeias da mesma categoria.

Figura 6o
Flama, 26 de maio de 1961, p. 4.
Fonte: Reprodução do original.



Nesse mesmo número, a revista traz os resultados de um inquérito com o perfil de seus leitores. De acordo com as respostas recebidas na redação da revista, confirmou-se que o leitor da *Flama* era majoritariamente masculino (61,75% de homens e 38, 25% de respostas de mulheres), a maioria se encontrava entre os 31 e 40 anos de idade e viviam, principalmente, em Lisboa e Porto, seguidos de Castelo Branco, Bragança e Ponta Delgada. O público pertencia a um vasto leque de áreas profissionais que iam desde operários às profissões liberais e sacerdotes, com os funcionários públicos a se destacarem. Para os leitores, as secções mais importantes da revista eram as reportagens ilustradas, seguida de “A família, a mulher, o lar” e em terceiro lugar o “Humorismo”. Em média, seis pessoas liam cada número da *Flama*, mas o inquérito identificou que poderia chegar até a 40 pessoas por número: “Uma leitora cita 20 disse e que todas as pessoas que a visitam e não assinam a revista, a lêem” (*Flama*, 19 de maio de 1961, p. 5). Os leitores foram convidados a dar a sua opinião sobre o conteúdo e até uma possível mudança de nome da publicação, mas o nome “*Flama*” manteve-se aprovado por 94,38% dos inquiridos: “Não, caros leitores, o título não muda, a revista nasceu com ele e talvez assim morra” (*Flama*, 19 de maio de 1961, p.5).

A partir de 1961, Portugal encontra-se envolvido na Guerra Colonial um período de confrontos entre as Forças Armadas Portuguesas e as forças organizadas pelos movimentos de libertação das antigas províncias ultramarinas de Angola, Guiné-Bissau e Moçambique que duraria até 1974. Apesar disso, e mesmo que abordasse a temática das colónias portuguesas com uma relativa frequência, pouco se falava sobre política e guerra nas páginas da *Flama*. Uma das poucas exceções é a edição de 2 de junho de 1961, quando a *Flama* oferece uma reportagem sobre a vida de um punhado de homens habitantes da vila de Cacuaco, um ponto estrategicamente importante para a defesa de Luanda. Contudo, a peça assume uma abordagem mais voltada à curiosidade do que político-informativa.

Em janeiro de 1964, António dos Reis substitui Manuel da Silva Costa, como diretor da *Flama*. Reis possuía na época 27 anos de idade e era jornalista formado pela Universidade Internacional de Estudos Sociais de Roma, foi assistente da JUC — Juventude Universitária Católica e, por esse motivo, esteve próximo da geração de jovens de universitários que se rebelaram na crise académica de 1962 e contra a guerra colonial. Foi Bispo da Igreja Católica e seria uma importante influência na igreja durante a fase terminal da ditadura e na transição para a democracia. Reis reunia, portanto, experiência em jornalismo, era um homem da Igreja Católica e possuía uma postura política definida. Contudo, sob a sua liderança, a *Flama* não assumiu uma posição combativa em relação ao regime ditatorial, mesmo porque a censura não o permitiria. A mudança não significou uma modificação radical na revista, pois deu segmento ao trabalho que vinha sendo desenvolvido por Silva Costa.



Figura 61
Flama, 2 de junho de 1961, p. 9.
 Fonte: Reprodução do original.



Figuras 62 e 63
Flama, 25 de dezembro de 1964, p. 1 e 42.
 Fonte: Reproduções do original.

O novo diretor contratou jornalistas que passaram a trabalhar mais voltados para a notícia de atualidade, o que refletiu no sucesso da revista junto a seus leitores aumentando a venda e fazendo com que a publicação se tornasse mais estável economicamente e elevando-a ao nível das principais revistas europeias (Fonseca, 2012). Graficamente, a *Flama* beneficiou-se da maior estabilidade financeira e da evolução tecnológica que permitiu que em 25 de dezembro de 1964 apresentasse os seus leitores com a sua primeira capa e contracapa totalmente coloridas — a capa estava ilustrada com o presépio do “Livro de Horas” do rei D. Manuel I, do século XVI, numa foto de Eduardo Gageiro. O papel da capa também muda para couché, mais grosso e brilhante, o que dava um ar de requinte e modernismo.

Com o passar dos anos e de maneira gradual, a revista vai saindo do campo da religião e entrando em assuntos mais políticos e sociais, apesar de nunca assumir uma postura de confronto. Exemplo disso foi a reportagem tema de capa do dia 24 de dezembro de 1965, quando os soldados portugueses que se encontravam em África foram homenageados em uma peça de 16 páginas. A reportagem descreve o dia a dia dos soldados como, por exemplo, os deslocamentos entre campos, o espírito de união entre os soldados, especialmente entre aqueles que se encontravam nas zonas mais isoladas, e como se dava a distribuição de rações. Toda a reportagem tem um tom muito emotivo e envolto no espírito natalício: “É nesta quadra, geralmente alegre, que milhares de lares portugueses, de Norte a Sul, sentem mais forte o espinho da saudade pelos seus filhos que se encontram em terras de África. Também eles, em volta de uma mesa tosca de acampamento, ou embrulhados nas suas capas camufladas, no cimo de um morro de capim batido pela chuva, têm, nesta hora, os olhos postos na Metrópole” (*Flama*, 24 de dezembro de 1965, p. 3). Dentro desta mesma linha editorial, podemos apontar reportagem “Mulheres na Tropa” no ano de 1966 e “Angola 4 de fevereiro: A guerra começou há sete anos” em 2 de fevereiro de 1968; “Angola: reportagem em duas frentes” em 1 de março de 1968; “Angola — 68: As frentes de combate vistas pelos enviados especiais da ‘Flama’” de 30 de agosto de 1968. Todas essas reportagens foram tema de capa da revista, com exceção na primeira que faz referência às mulheres. Mesmo que não tenha ocupado o lugar nobre da revista — a capa — essa reportagem sobre as mulheres na guerra pode ser interpretada como uma quebra de paradigma, pois a mulher é apresentada sem nenhuma referência religiosa ou romântica, mas sim como alguém que desempenhava um papel social importante, à semelhança dos homens.

Em janeiro, a *Flama* trazia um balanço dos principais acontecimentos do ano que terminara. Centrava-se muito em factos internacionais apresentados, principalmente, através de fotografias e breves legendas, dada a tamanha importância que a imagem possuía em suas páginas: “O historiador moderno tem a sua disposição um documento precioso — a fotografia (...). Nestas páginas, e na que se segue, o leitor encontrará um selecção das melhores fotos de reportagem do ano que findou. Trezentos e sessenta e cinco dias captados pelas câmaras mais oportunas e atentas do mundo” (*Flama*, 6 de janeiro de 1967, p. 8). Nessa selecção,

podemos ver e ler sobre James Meredith, o primeiro negro graduado pela universidade de Mississippi, atingido por uma bala em uma manifestação a favor dos direitos civis nos Estados Unidos; uma manifestação contra a Rússia em frente a embaixada em Pequim; a localização e recuperação de uma bomba por técnicos norte-americanos na costa espanhola; a visita do presidente brasileiro Costa e Silva a Portugal; e outras notícias de Paris, Holanda, África do Sul, Austrália, Vietnã, Noruega, Itália, dentre outros países. Sobre Portugal, somente a referência a um jogo de futebol em que foi eliminado pela Inglaterra da taça Jules Rimet. A revista, portanto, permanecia muito alheia sobre aquilo que se passava no contexto nacional e que ia muito além de questões políticas e atingiam o campo social agravados por graves problemas econômicos, altos níveis de inflação, imigração, pobreza e desemprego. Ocorrida a famosa queda da cadeira, Salazar ficou bastante doente e mesmo operado em setembro de 1968, não reuniu condições para continuar à frente do governo e Marcelo Caetano toma o seu lugar.

A saída de Salazar foi tratada discretamente. Em setembro de 1968, a revista traz uma matéria que descreve o agravamento de sua saúde com muitas fotos e pouca informação. A chegada do novo presidente do Conselho, pelo contrário é tema de capa em outubro de 1968. Quando comparado a Caetano, Salazar permanecera bastante imóvel no que diz respeito à utilização dos meios de comunicação para a propagação da sua ideologia de governo. Caetano, de maneira oposta, desde o primeiro momento deixa claro que teria uma relação próxima com os media: “A mesa que, durante cerca de quatro décadas, pertenceu ao Presidente Salazar é agora ocupada pelo prof. Marcello Caetano. Na manhã após a tomada de posse, o novo Presidente do conselho, antes de iniciar o seu primeiro dia de trabalho, abriu as portas do gabinete aos repórteres fotográficos. Um dia antes, dissera aos jornalistas que o abordaram nas escadas de São Bento: ‘Vamos encontrar-nos com grande frequência’” (*Flama*, 4 de outubro de 1968, p. 36).

A partir de 1970, a *Flama* passa a ter 83 páginas e, para além desta, a principal característica que podemos apontar é que a revista está quase totalmente dissociada dos temas religiosos e com cerca de pelo menos um terço de suas páginas ocupadas pela publicidade. Como era comum na época, as matérias jornalísticas não eram assinadas. Na *Flama*, esta realidade começa a mudar no final da década de 1960 e início de 1970 quando algumas peças começam a aparecer com indicação de seus autores. É neste momento também quando passa a ser publicada com mais cor, mas nunca chegou a ser totalmente colorida, reservando esta característica para a capa, contracapa e quatro páginas interiores. Em um momento quando publicar páginas coloridas era ainda muito dispendioso, para chamar a atenção dos leitores a revista trazia uma chamada de primeira página sobre as reportagens que ocupavam as quatro páginas interiores coloridas: “Páginas de reportagem a cores e preto e branco patrocínio do Banco Nacional Ultramarino” (*Flama*, 17 de abril 1970, p. 1). Esse exemplo tratou-se de uma longa reportagem que figurou em dois números (17 e 24 de abril 1970) sobre a expo 1970 que

teve lugar em Osaka. Nesse caso, o brasão do banco aparece em todas as páginas da reportagem. Durante o governo de Marcello Caetano, como estratégia de controlo da imprensa, era uma prática comum a banca tornar-se proprietária de veículos de comunicação. Isso aconteceu com a *Flama* em 8 de dezembro de 1972, quando passa a pertencer à “Sociedade Editorial Flama” uma empresa cujo capital estava ligado ao Crédito Predial Português. Esse facto irá contribuir para o fim da revista, como veremos mais à frente.

Em julho de 1973, transforma-se novamente e começa a ser publicada inteiramente em papel couché e assume um tamanho ligeiramente menor para adaptar-se aos padrões das máquinas rotativas *offset* mais modernas e que garantiriam maior velocidade do processo de impressão. O diretor António dos Reis descreve a grande novidade para os leitores da *Flama* ao detalhe: “Como o leitor já verificou, a ‘*Flama*’ desta semana apresenta todas as suas páginas interiores impressas em papel ‘couché’ e formato um pouco mais reduzido. Será assim a sua revista a partir de agora” (*Flama*, 6 de julho de 1973, p. 3). Neste momento, conquistara um lugar definitivo e de destaque entre os semanários em Portugal.

Como já referimos, quando a *Flama* nasceu, Portugal já se encontrava sob o regime ditatorial, mas no decorrer da sua longa história, especialmente nos últimos 10 anos, a revista esteve mais aberta aos problemas que afligiam o país, não obstante a rígida censura que, muitas vezes, calou a sua voz: “Esse número foi visado pela censura”, trazia em suas páginas. Mesmo assim, a *Flama* passou por muitas mudanças que a transformaram de várias formas: passou de jornal a revista, de quatro a 83 páginas, de religiosa e quase um folhetim da Igreja Católica a uma publicação de atualidades, diversa, cosmopolita e um sucesso de vendas. Contudo, a transformação mais radical e abrupta da *Flama* só ocorre, verdadeiramente, com a queda da ditadura em 25 de abril de 1974. A revista repercute pela primeira vez o acontecimento na edição de 3 de maio com 29 páginas dedicadas ao tema e, na semana seguinte, em 10 de maio, é quase inteiramente dedica ao 25 de abril. A revista chama o acontecimento de “virar a página”:

Até ao romper da madrugada do último dia 25 — 25 de Abril de 1974, uma nova data a inscrever na história de Portugal — o grosso do noticiário que enchia as páginas dos jornais e o informativo da rádio era, pode dizer-se a França, apanhada de surpresa com a morte de Pompidou, e à beira — ela também — de virar a página para um novo capítulo da sua história. Mas na madrugada daquele dia 25 de Abril de 1974 algo de muito mais importante para nós, Portugueses, acontecia, dominando as atenções não apenas dos órgãos informativos, mas do povo que, nessa altura, sentiu que despertava para uma era nova (*Flama*, 3 de maio de 1974, p. 3).



Figura 64
Flama, 3 de maio de 1974, p. 6 e 7.
 Fonte: Reproduções do original.

Em maio de 1974, a *Flama* completa 31 anos de existência e comemora a data com um entusiasmo diferente, “o primeiro aniversário livre”, afirma a revista: “A partir de agora, a amordaçada profissão, de jornalista no antigo regime passou a ser uma nobre profissão que deverá ter sempre presente o ‘servir em liberdade a verdade’. E é isso que prometemos neste nosso aniversário, a todos os leitores” (*Flama*, 10 de maio de 1974, p. 3). A revista transforma-se totalmente, pois a “liberdade era realmente desconhecida do povo. Mas a responsabilidade de a viver estava dentro dele, latente, acorrentada pelas forças de repressão” (*Flama*, 10 de maio de 1974, p. 3). A partir daquele momento, a política e os assuntos nacionais ganham a capa e suas páginas juntamente com um novo vocabulário e uma nova forma de retratar o país e a realidade que o envolvia. Poderíamos ler, em letras garrafais, vezes e vezes sem conta as palavras como “exigir”, “crítica social”, “reivindicação”, “democracia”, “feminismo”, “tortura”, “sindicalismo livre”, “luta”, “antifascismo”, “crimes” e “liberdade”.

Ainda sob a direção de António dos Reis, os jornalistas da *Flama* iriam eleger um conselho de redação “com base num espírito verdadeiramente democrático e com a intenção de assegurar uma informação livre, isenta e objectiva” (*Flama*, 17 de maio de 1974, p. 3) prometendo aos seus leitores uma total independência na orientação do conteúdo da revista. Estavam a começar a saborear a tão almejada liberdade de expressão e era a primeira vez que isso acontecia. Também a independência na Arte e na Cultura é largamente noticiada. Na secção “Teatro”

poderíamos ler: “Anuncia-se que a peça programada para o Teatro Maria Matos (‘Pigmaleão’, de Bernard Shaw) foi substituída pelo último original de Bernardo Santareno — ‘Português, Escritor, 45 anos de Idade’ — ainda inédito mesmo em livro, peça que não tinha quaisquer possibilidades de ser apresentada sob o regime fascista” (*Flama*, 17 de maio de 1974, p. 57).

Em “Livros, Autores e Literatura” eram muitos os títulos e temáticas que até então não eram discutidas nas páginas da *Flama*. A peça assinada por Maria Teresa Horta apresenta o livro “Tempo de Mercês” de Maria Judite de Carvalho: “Agora que alcançamos uma liberdade que nos haviam tirado há quarenta e oito anos, agora que está nas nossas mãos construir uma sociedade melhor, é preciso que a mulher tome, urgentemente, consciência de si própria e dos problemas que lhe dizem especificamente respeito para que possa lutar (de novo ...) pela sua segunda liberdade do jugo masculino. Domésticas caladas? Sexualidade destruída, falseada a custas de quantas amputações?” (*Flama*, 17 de maio de 1974, p. 61). Assim, percebe-se o progresso da maturidade da sociedade portuguesa que se refletia na revista que começou com secções femininas onde eram dadas dicas de limpeza, mas que agora incitava à reflexão e à atitude das mulheres para conquistar direitos sociais.

Como as demais, a área da música, uma das mais reprimidas pelo regime, também viu um momento de renascimento e expressão livre: “1º Encontro da canção livre: O regresso dos cantores proibidos”, peça assinada por Pinto Garcia, representa bem a mudança de paradigma e o clima de descontração e euforia que se vivia naqueles tempos:

Estavam lá todos. Reunidos pela primeira vez. Num espectáculo como ninguém entre nós se lembra de outro igual, dentro do seu género. Eles vieram como andorinhas, em alvoroço, para se reunirem num dia de Primavera. Alguns vieram de Paris (...). No palco, não havia orquestra, como é de costume, nem gravatas, nem casacos; em resposta, na plateia, quase não havia cadeiras e o público, em maioria jovem, sentou-se no chão, de pernas cruzadas, vivendo intensamente as três horas do encontro. Lá estão no palco, numa reunião impossível antes de 25 de Abril, todos os cantores proibidos. José Mário Branco, que trocou o seu exílio de Paris por uns dias em Portugal (...) O público assistiu sentado no chão a mais de três horas de espectáculo. Um público que descobriu pela primeira vez a verdadeira face dos cantores que ouvia clandestinamente, em muitos casos (*Flama*, 17 de maio de 1974, p. 44 e 45).

Tudo que estava reprimido pela censura e por um alinhamento obrigatório com o regime aparece em cena. 1974, portanto, e os anos subsequentes até a sua extinção, são vibrantes e a *Flama* que nascera como uma menina recatada, do lar e religiosa assume uma nova postura de mulher atrevida, independente, política e crítica perante a nova realidade social portuguesa e do mundo. Dentro deste contexto, há claramente uma maior exposição da nudez feminina e de assuntos ligados a sexualidade um tema tabu e vigorosamente proibido nas publicações portuguesas até o 25 de abril de 1974.



Figuras 65 e 66

Flama, 7 julho de 1974, p. 1; 3 de janeiro de 1975, p. 1.
Fonte: Reproduções do original.



Figuras 67 e 68

Flama, 30 de janeiro de 1975, p. 1; 2 de outubro de 1975, p. 1.
Fonte: Reproduções do original.

Em 1975, a sociedade portuguesa passava pelo Processo Revolucionário em Curso (PREC) marcado pela tentativa de controlar o poder, as pessoas, as empresas e as instituições pelas forças conservadoras de direita (Machado, 2010). A *Flama* repercute esses e outros acontecimentos importantes na história de Portugal. Durante este período, os meios de comunicação de todo o país ocorreu, entre outros aspetos, o saneamento de funcionários, imposição de alterações de dirigentes na administração e nas redações dos jornais e a implementação de novas formas de submissão dos trabalhadores (Gomes, 2018). Assim, depois de décadas de uma imprensa fortemente marcada pela censura segue-se um período de grande volume de acontecimentos resultado de uma sociedade em ebulição que envolveu civis, militares, políticos e também os profissionais dos vários meios de comunicação social. Isso trouxe, como consequência, uma imprensa altamente influenciada pelos factos da época fazendo com que estivesse comprometida ideologicamente por esses mesmos acontecimentos. Com o intervalo de menos de um ano a excitação pela nova liberdade trazida pela queda da ditadura deu lugar ao reconhecimento de que esta liberdade ainda estava intrincada e que existia um longo caminho a ser percorrido.

A informação, agora mais do que nunca, continua a ser o “cavalo de batalha” das organizações partidárias que reivindicando, embora, o livre direito à informação, tudo tentam para manipular e dirigir em seu proveito, esquecendo, como noutros casos da vida nacional, o legítimo direito do povo que dizem defender e por quem dizem lutar na difícil e complicada cena política. Desde o 25 de Abril, e apesar da consagração no Programa do M.F.A. do livre direito de informar, o que se passa não tem nada a ver com essa liberdade que, convém não o esquecer, é muito mais um direito dos cidadãos do que propriamente dos jornalistas (*Flama*, 7 de outubro de 1975, p. 12).

A *Flama* manteve-se sob a direção de António dos Reis, mas não passou ilesa e é diretamente afetada pelas mudanças políticas e militares que ocorriam em Portugal e que determinariam o seu destino. Com a nacionalização da banca, os meios de comunicação que a ela pertenciam passaram a depender economicamente, em grande medida, do Estado. Foi o que acontecera à *Flama*. Essa nova realidade conjugada com a longa crise que a imprensa passava já há vários anos, juntamente com os altos preços do papel e de tarifas, a concorrência com outras publicações do mesmo género assim como o facto de já não possuir o mesmo sucesso económico de outrora, ditaram o seu fim que veio a acontecer em setembro de 1976. A notícia pegou todos os funcionários de surpresa e, mesmo sendo solicitado à administração (Fonseca, 2007), não tiveram a oportunidade de se despedirem dos leitores. No último número da *Flama*, que tinha como uma de suas características um diálogo próximo com o seu público, não encontramos nenhuma referência, nenhuma palavra de despedida. Assim, a *Flama* que nascera com a missão de espalhar luz e calor à sua volta apaga-se e sai de cena, mas não antes de ter se tornado um grande marco na história do jornalismo em Portugal.

3.2. Newsmagazines precursoras¹⁰

3.2.1. *Vida Mundial*

Fundado a 13 de maio de 1939 pelo jornalista José Cândido Godinho, com o apoio financeiro do empresário Joaquim Martins, o semanário *Vida Mundial* (de subtítulo “Documentário semanal da Imprensa”, mais tarde encurtado para “Documentário da Imprensa”) foi durante quase 30 anos um jornal — no formato, tipo de papel utilizado e tratamento dos assuntos. Tinha apenas uma marca distintiva: a dimensão mais próxima de um tabloide¹¹, servindo um semanário de referência que, à época, assumia por norma o formato *broadsheet*. Apesar de generalista, tratava maioritariamente e com mais destaque o noticiário internacional, tal como o título deixa adivinhar e o subtítulo adotado em 1946 veio confirmar: “O mundo numa semana”. Uma opção que o foi protegendo das malhas da censura em vigor durante o Estado Novo.

O objetivo inicial da publicação era apostar num modelo semelhante à atual revista *Courrier International*¹² — “dar ao público uma informação, tão completa quanto possível, do panorama mundial, através da reprodução de artigos seleccionados de jornais e revistas de todo o Mundo” (1967, p. 2). O título, de oito páginas e com o preço de 50 centavos, foi bem recebido pelos leitores. A tiragem inicial de 5 mil exemplares transformou-se em 35 mil no espaço de um ano, tornando-o o semanário mais vendido em Portugal. Um facto que levou a uma reformulação da primeira página, que passou a incluir, a emoldurar o logótipo, agora mais reduzido e alinhado à esquerda, essa indicação: “Maior venda de todos os semanários portugueses”.

Em 1948, o *Vida Mundial* foi adquirido pela Sociedade Nacional de Tipografia, mantendo José Cândido Godinho a direção até à sua morte, em 1950. Sucedeu-lhe Carlos Alberto Pereira da Rosa até 11 de março de 1966, data em que Francisco Eugénio Martins assumiu os destinos da publicação. É sob a sua batuta que o *Vida Mundial* sofre a maior transformação da sua história.

A 21 de abril de 1967, o jornal publica na primeira página, dentro de um retângulo delimitado por um filete preto, inserido na coluna da direita, um texto intitulado “Aos nossos leitores”, que se prolonga na página 7. O título de 16 páginas anuncia para breve uma remodelação profunda e justifica-a: “o Mundo está cada vez mais pequeno, mais ao nosso alcance. Cada vez

10 Os originais das 15 newsmagazines (*Vida Mundial*, *Observador* e os restantes 13 títulos caracterizados no Capítulo IV) foram consultados presencialmente na Biblioteca Nacional.

11 Inicialmente com 33,5 X 44,5 cm e, a partir de maio de 1941, com 50 X 36 cm.

12 Semanário lançado em 1990 pelo jornal francês *Le Monde*, que circula em Portugal desde 2008 em formato de revista mensal.

mais um acontecimento importante em qualquer parte vem influenciar todo o Mundo e o nosso País”. No parágrafo seguinte ecoam com mais clareza os argumentos usados por Henry Luce e Briton Hadden para justificarem a “invenção” da *Time*, nos Estados Unidos, em 1923 — “a agitada vida actual cada vez deixa menos tempo para ler e estudar o que se passa no Mundo, mas a necessidade de estar a par dos acontecimentos é cada vez maior” (p. 1). Continuando, na página 7: “E as notícias dos acontecimentos têm de estar à mão, arquivados e catalogados”.

No número seguinte (28 de abril de 1967), o diálogo com os leitores mantém-se, recorrendo exatamente ao mesmo dispositivo e ao mesmo título (“Aos nossos leitores”), mas com o texto distribuído pelas páginas 1 e 5. A *Vida Mundial* anuncia a reformulação para a semana seguinte e explica de forma sistemática o que os leitores irão encontrar, começando pela síntese dos cinco grandes objetivos da nova publicação:

- Fornecer ao público informações completas e resumidas sobre todos os acontecimentos de interesse nacional e internacional.
- Apresentar a expressão das diversas correntes de opinião relativas a cada região do Globo.
- Publicar estudos completos sobre os últimos assuntos susceptíveis de despertar o interesse do público nos domínios da economia, finanças, indústria, comércio, etc.
- Relatar a vida e acção de personalidades relevantes, com objectividade e oportunidade.
- Ser nossa preocupação dominante que as informações e os relatos que publicamos possam ler-se sem dificuldade e ser guardados e arquivados para consulta. **Assim, estamos certos de preencher uma lacuna na Imprensa portuguesa**¹³.

Nesta explicação mais alargada, a proximidade com o modelo da newsmagazine *Time* reforça-se com a promessa de histórias sobre pessoas. Destacou-se a negrito a última frase, pelas duas indicações que encerra: a inexistência de newsmagazines portuguesas até à época e a certeza de que 44 anos após o lançamento da primeira newsmagazine, tinha chegado a altura deste tipo de revista começar a ser publicado em Portugal. Uma decisão em sintonia com os movimentos da imprensa europeia, com vários jornais a transformarem-se em newsmagazines na década de 60 do século XX. As francesas *L'Express* e *Le Nouvel Observateur*¹⁴, por exemplo, são lançadas no final de 1964, realizando essa transformação de jornais em revistas, em busca de mais leitores, cerca de dois anos e meio mais cedo.

Na mensagem aos leitores, as mudanças que o *Vida Mundial* vai sofrer são apresentadas em detalhe — uma redação alargada, mais secções e assuntos cobertos, redução para metade das dimensões, capa em papel *couché* e páginas interiores em papel melhorado, mais e

13 Sem negrito no original.

14 A revista sintetiza o título em 2014, passando desde aí a designar-se como *L'Obs*.

maiores fotografias. No penúltimo parágrafo surge o novo preço — cinco escudos, reconhecido como “aumento sensível”, apesar de “amplamente compensado”: mais do triplo, quando comparado com o escudo e meio que até então os leitores do jornal pagavam. O último parágrafo é de apelo ao público do título “com cuja fidelidade contamos”, pedindo “boa vontade e compreensão” para as inovações prometidas (1967, p. 5).

O primeiro número da nova era da *Vida Mundial* é publicado a 5 de maio de 1967, dando o jornal lugar ao que designa como uma “revista-magazine” (1967, p. 5). A sexta-feira mantém-se como dia da semana de saída do título para as bancas. Tal como prometido, as mudanças são visíveis: 68 páginas, formato magazine de 20X26,5 cm, capa e última página a cores (não numeradas), em papel *couché*, abundância de fotografias, e preço de cinco escudos. À semelhança do que aconteceu com outros títulos europeus, como a *L'Express*, por exemplo, a numeração anterior do jornal homónimo não é interrompida e a “nova” revista começa no n.º 1456.

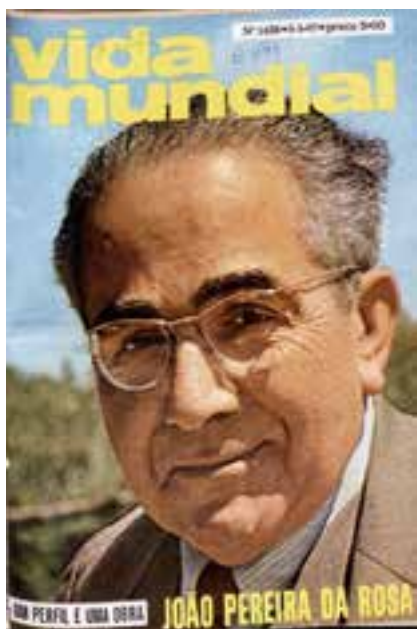


Figura 69

A primeira newsmagazine portuguesa
— *Vida Mundial*, n.º 1456.

Fonte: Reprodução do original.

A *Vida Mundial* aposta numa capa do tipo um tema, uma imagem¹⁵, modelo que adota nos números seguintes. O dispositivo monta-se com o logótipo a duas linhas, em

15 Recorre-se à classificação de capas segundo Johnson e Prijatel, que a elaboram tendo em conta o número de temáticas/texto e de imagens presentes, dividindo as capas de revista em cinco tipos: poster (apenas imagem); Um tema, uma imagem; Multi-tema, uma imagem; Multi-tema e multi-imagem; e tipográfica (apenas texto) (Johnson & Prijatel, 2013, pp. 277-281).

minúsculas, alinhado à esquerda. A imagem de capa é uma fotografia que mostra o protagonista retratado na secção “Um perfil e uma obra”, apresentando em rodapé o seu nome. No primeiro número, o logótipo usa letras amarelas e a fotografia retrata João Pereira da Rosa, uma personalidade ligada à história da empresa proprietária da *Vida Mundial*. Pereira da Rosa foi diretor do jornal *O Século*, fundou a colónia balnear infantil “O Século” e dirigiu a Sociedade Nacional de Tipografia durante mais de 20 anos até à sua morte, em 1962. O filho, Carlos Alberto Pereira da Rosa, tinha sido o penúltimo diretor da *Vida Mundial*, enquanto jornal semanário. Na capa, o nome João Pereira da Rosa usa letras no mesmo tom do logótipo, mas maiúsculas, e, na mesma linha, antes do nome do retratado, surge um retângulo branco onde se lê em maiúsculas pretas “Um perfil e uma obra”, a designação da secção onde se insere o tema de capa no interior da revista.

As primeiras páginas do “novo” título, ainda antes do sumário, dividem-se por uma retrospectiva, não assinada, da *Vida Mundial* até àquele momento, intitulada “O que tem sido a vida da «Vida Mundial»” (1967, pp. 2-4), seguida da apresentação do novo projeto através do texto “O que será a nova «Vida Mundial»” (1967, p. 5). Neste último artigo, os quatro primeiros pontos, (salvo a troca de uma palavra, aqui e ali, por outra sinónima), são iguais aos publicados no número anterior, o último em formato jornal. Por baixo deste texto, na página 5, a revista reproduz, à esquerda, a primeira página do semanário *Vida Mundial* e, à direita, a primeira capa da era newsmagazine do título.

A formulação do quinto princípio desaparece, dando agora lugar a mais cinco, que detalham com mais minúcia as promessas. Anuncia-se a criação de secções que acompanhem a vida nacional não só nas áreas política e social, como era habitual, mas também nas económica e cultural. Prometem-se artigos de análise, reportagens exclusivas e um “Estudo da semana”, sobre temas especializados, destacável. Por último, anuncia-se a publicação no final de cada ano de “um índice classificado relativo aos artigos e acontecimentos de cada número, de forma a que os leitores possam guardar e encadernar «Vida Mundial» como repositório de fácil consulta para cada assunto de seu interesse”. Perto do final do artigo, reafirma-se que, “pelas suas características, «Vida Mundial» representa, na realidade, uma novidade na Imprensa portuguesa, proporcionando a um vasto sector do público uma «maneira diferente e em profundidade» de tomar conhecimento do que se passa no País e no estrangeiro” (1967, p. 5).

O sumário surge logo a seguir, na página 6, numa coluna à direita. À esquerda encontra-se a ficha técnica — mais uma novidade em relação ao número anterior, uma vez que o então jornal *Vida Mundial* apenas referia os dados que surgiam na primeira página, por baixo do seu logótipo: nome do diretor e editor (Francisco Eugénio Martins); moradas da redação, administração e do local onde o título era composto e impresso; indicação do proprietário; número de telefone; e as referências ao ano de publicação, número em causa, data e preço.

A ficha técnica da “revista-magazine” começa por retomar o subtítulo, “O Mundo numa semana”, que abandona na capa. De seguida, mostra com pormenor a estrutura profissional do

título. Para além do “director e editor” Francisco Eugénio Martins, surge um “corpo redactorial” constituído por seis jornalistas, todos do sexo masculino, apresentados pela seguinte ordem: Carlos Ferrão, Júlio de Sousa Martins, Afonso Cautela, Armando Pereira da Silva, Carlos Araújo e António Queiroz. Embora não haja indicações que distingam cargos entre os jornalistas do “corpo redactorial”, Carlos Ferrão, o primeiro nome que surge e que passa a redigir semanalmente (na página 7, no caso do primeiro número newsmagazine) o espaço “Comentário da Semana”, que reúne características de Editorial, é apontado por Carla Baptista (2012, p. 279) como o diretor da revista à época e, de facto, não existem sinais da presença de Francisco Eugénio Martins no interior da *Vida Mundial*. Conclui-se, por isso, que Carlos Ferrão tinha a seu cargo a direção executiva da publicação. Da mesma forma, Carla Baptista refere Ruben Tristão de Carvalho como chefe de redação da *Vida Mundial* (Baptista, 2012, p. 280). O nome do jornalista surge pela primeira vez na ficha técnica a 12 de julho de 1968, logo a seguir ao de Carlos Ferrão, em substituição do de Júlio de Sousa Martins, (que, seguindo o mesmo raciocínio, asseguraria até então a chefia da redação), e mantém-se até 9 de maio de 1969, data a partir da qual o segundo nome do “corpo redactorial” passa a ser o de Afonso Cautela.

Regressando à ficha técnica de 5 de maio de 1967, a primeira da era newsmagazine, o premiado fotojornalista Eduardo Gageiro também surge integrado no “corpo redactorial”, como responsável pela “reportagem fotográfica”, seguindo-se a indicação de dois paginadores e uma secretária da redação. A ficha técnica indica, depois, um quadro de “colaboradores permanentes” com 14 nomes, entre os quais os de Edite Soeiro, José Mensurado e Mário Castrim. Num quarto campo existem mais três nomes sob a designação “colaboração especial neste número” e mais abaixo surge o nome de Nicolau Drummond Borges associado a “Publicidade e Relações Públicas”. Repetem-se depois todos os elementos já inseridos na capa e indica-se, por fim, os preços das assinaturas.

Um terceiro e último elemento da página 6 surge no canto inferior direito, abaixo do sumário — um fino retângulo com a indicação “Visado pela Comissão de Censura”. O sumário inclui 11 secções, para além da referência aos textos prévios de enquadramento da “nova” publicação. A revista inicia-se com o espaço de opinião “Comentário da Semana”, seguem-se duas páginas da secção “A semana nacional”, após a qual (página 11) vem a “A semana internacional”, com seis páginas. O internacional mantém-se no espaço seguinte, com “Revista da imprensa mundial” (sete páginas), e continua quase até ao fim da revista, com um dossier dedicado ao assassinato do presidente norte-americano John Kennedy (mais quatro páginas). Segue com “O estudo da semana” sobre a Expo 67 realizada no Canadá (nove páginas), e a secção “Testemunhos do nosso tempo”, de quatro páginas, da autoria do general Charles De Gaulle que escreve sobre a China e a França. Vem depois “Reportagem”, intitulada “O trágico destino dos filhos de Estalin” e, a fechar os temas internacionais, “Laos: uma guerra esquecida”. Só na página 49 se encontra a secção que faz a capa, “Um perfil e uma obra”, sobre João Pereira da Rosa. A revista fecha com “Actualidade”, secção de notícias sobre assuntos tão variados como cinema,

televisão, música ou desporto. Com 34 páginas (retiram-se as de publicidade e as introdutórias) dedicadas aos assuntos internacionais, e 15 a temas nacionais, a *Vida Mundial*, mesmo em formato newsmagazine, mantém-se fiel à sua matriz inicial de aposta no noticiário além-fronteiras — a censura mantinha-se, e falar de política nacional continuava a ser tarefa muito difícil.

A partir da segunda semana, a *Vida Mundial* deixa cair na capa o antetítulo “Um Perfil e uma Obra”, passando apenas a surgir o nome da figura retratada através de fotografia ou ilustração. Dentro da revista, a secção que corresponde ao tema de capa não tem paginação fixa. De acordo com o protagonista em causa, surge integrada em diferentes espaços. Outra característica da primeira newsmagazine nacional é ir variando a cor do logótipo.

No que diz respeito aos protagonistas de capa, assinala-se que no n.º 1460, o quinto da era newsmagazine, publicado a 2 de junho de 1967, a *Vida Mundial* escolhe uma mulher: Palmira Bastos. A atriz desaparecida a 10 de maio de 1967, a 20 dias de completar 92 anos, surge num plano de pé, na primeira fotografia de capa que se sobrepõe parcialmente ao logótipo. Levanta um cálice em jeito de brinde, enquanto olha para o lado direito da revista.

A presença feminina na capa da *Vida Mundial* vai revelar-se, contudo, sempre muito parca e só se repete quase quatro meses depois, a 29 de setembro de 1967, no n.º 1477, com um grande plano de Jacqueline Kennedy, numa capa particular de características pioneiras. Resulta de um exclusivo para Portugal da *Vida Mundial*, que publica a primeira entrevista de “Jackie” após o assassinato, em 1963, do marido, o icónico presidente americano John F. Kennedy. Concedida aos jornalistas Bob Considine e Frank Conniff, a *Vida Mundial* considerou este exclusivo de tal forma importante que, pela primeira vez, o género jornalístico que faz a capa é uma entrevista e não um perfil. Neste número, a secção “Um Perfil e uma Obra” desaparece, surgindo a entrevista integrada na secção “Os grandes exclusivos «V. M.»”.



Figuras 70 e 71

A primeira (02/06/1967) e a segunda (29/09/1967) capas da *Vida Mundial* com protagonistas femininas, uma opção rara.

Fontes: Reproduções dos originais.

Três semanas depois da primeira figura feminina, a *Vida Mundial* publica na capa a primeira fotografia propositadamente encenada e a primeira com dois protagonistas. O n.º 1463, de 23 de junho de 1967, mostra um plano aproximado de tronco de dois homens de capacete, fato e gravata, olhando no sentido do canto superior esquerdo da revista, sorridentes. Como fundo, vê-se sobre um céu azul uma estrutura metálica de grandes dimensões, na qual se lê claramente “Lisnave”. O título surge em rodapé, alinhado à esquerda, “Rocheta & Andersen = LISNAVE”, com a particularidade de os dois apelidos surgirem num tipo de letra que parece manuscrita, contra a designação dos estaleiros em maiúsculas impessoais (a cor é a mesma — branco — o que torna a forma da fonte o único elemento diferenciador das duas partes do título). Apesar de existirem dois rostos nesta capa, a peça que se revela no interior é, acima de tudo, a história da Lisnave, à época com quatro mil trabalhadores. Os retratados são os diretores-gerais da empresa, João Farrajota Rocheta e Algot Thorsten Ingmar Andersson (no interior da revista, a grafia do último apelido exhibe dois S, mas não é uma opção consentânea ao longo do texto, que também inclui a usada na capa, apenas com um S).

A primeira capa que recorre a uma imagem a preto e branco (uma ilustração) data de 21 de julho de 1967 e retrata John F. Kennedy, em grande plano, sorridente, olhando ligeiramente para cima. *Vida Mundial* usa apenas mais uma cor nesta capa — o vermelho, que surge quer no logótipo quer a preencher o nome do protagonista, arrumado no canto inferior direito. O presidente norte-americano assassinado a 22 de novembro de 1963, aos 46 anos, é apresentado no interior da revista n.º 1467 como alguém que “perdura nas imaginações, como um ente superior e intérprete aliciante de um sonho de fraternidade e paz” (1967, p. 36).



Figura 72
A primeira capa a preto e branco
acontece a 21 de julho de 1967.
Fonte: Reprodução do original.

Duas semanas mais tarde, a 4 de agosto de 1967, o n.º 1469 assinala os 12 anos sobre a morte do filantropo Calouste Gulbenkian, desaparecido a 20 de julho de 1955, com a primeira capa com uma moldura, neste caso laranja, numa estrutura gráfica semelhante à usada pela *Time*. Esta opção de desenho da capa torna-se pontual, a partir daqui. Menos de dois meses mais tarde, a 27 de outubro de 1967, é a vez do logótipo ser inserido numa barra vermelha, em cabeçalho. Novamente, é uma experiência que volta a repetir-se, mas sem qualquer padrão de regularidade.

A *Vida Mundial* termina o ano como newsmagazine com a revista n.º 1490, publicada a 29 de dezembro, e aproveita para inovar na capa uma vez mais. Desta vez apresenta uma moldura, larga em cima e estreita em baixo, a preto, que regressará noutras semanas, usando outras cores. Esta última capa de 1967 tem uma marca distintiva, uma vez que por baixo do nome do protagonista, General Rabin¹⁶, inserido no canto superior direito, abaixo do logótipo, a amarelo, surge a designação “O homem do ano”. A *Vida Mundial* elege, assim Yitzach Rabin pelo seu papel enquanto chefe das forças armadas israelitas na vitória do estado judaico sobre o Egipto, a Jordânia e a Síria, naquela que ficou conhecida com a Guerra dos Seis Dias, registada de 5 a 10 de junho de 1967. A utilização da classificação “homem do ano” é indiscutivelmente uma influência da *Time*, (que escolheu o presidente americano Lyndon Johnson como homem do ano de 1967), e uma afirmação de identidade em termos de filosofia da publicação — a *Vida Mundial* parece querer afirmar “sim, somos uma newsmagazine, que não haja dúvidas acerca disso”. Esta é a única capa “homem do ano” construída pela revista.



Figura 73

A única capa “O homem do ano” da *Vida Mundial* acontece a 29 de dezembro de 1967 e elege o, à época, chefe das forças armadas israelitas Yitzach Rabin.

Fonte: Reprodução do original.

16 Que viria a ser duas vezes primeiro-ministro de Israel, tendo sido assassinado no cargo em 1995.

Ainda nesta última revista de 1967, surge inserido numa caixa na página 3, na secção “Cartas ao Director”, um texto sem assinatura intitulado “Vida Mundial”, de balanço dos primeiros meses da nova era da revista: “Vencida esta primeira fase do novo formato, podemos desde já congratular-nos com o êxito conseguido não só junto dos leitores mais antigos como, e talvez principalmente, junto de uma camada jovem que começa a interessar-se pelo que se passa no Mundo, aceitando ou discutindo as diversas perspectivas dos acontecimentos”. Para o futuro, promete-se “melhorar ainda mais a «V.M.» no decurso do próximo ano, incluindo o aspecto gráfico” (1967, p. 3). No que diz respeito ao design da capa, em 1968 e nos anos seguintes, a *Vida Mundial* mantém-se eclética, com o regresso pontual e inconsequente às barras coloridas como fundo do logótipo e às molduras de espessuras e tons variados.

A 5 de abril de 1968, no n.º 1504, surge a primeira ilustração fotográfica, que retrata soldados numa trincheira, com uma metralhadora, remetendo para a I Guerra Mundial. O trabalho de composição sobre a fotografia, a preto e branco salpicada de vermelho, faz lembrar uma capa ensanguentada. É também a primeira vez que não existe um protagonista concreto na capa. O título, em vez do nome habitual, é “9 de abril de 1918”. Apesar disso, no interior da revista percebe-se que não é uma reportagem que faz a capa, mas sim a habitual secção “Um Perfil e uma Obra”, dedicada a Bento Roma, coronel que meio século antes comandou o batalhão português em Lacouture, durante a 1ª Guerra Mundial, contra um contingente alemão numericamente muito superior e mais bem armado.

É também em 1968 que, duas semanas mais tarde, a 19 de abril, no n.º 1506, surge o primeiro rosto não caucasiano, quase um ano após o início do formato newsmagazine. Utiliza como imagem uma ilustração do pacifista Martin Luther King, ativista norte-americano pelos direitos humanos e pela igualdade inter-racial, morto a tiro duas semanas antes, a 4 de abril. Tal como acontece no caso das protagonistas femininas, as capas que mostram não caucasianos são raras.



Figuras 74 e 75
A primeira ilustração fotográfica e o primeiro rosto não caucasiano, a 5 e a 19 de abril, respetivamente, de 1968. Fontes: Reproduções dos originais.

A 10 de maio de 1968, a Vida Mundial utiliza o mesmo dispositivo usado em dezembro do ano anterior, inserindo um retângulo no canto inferior direito da página das “Cartas ao Director” (p.3) para se dirigir aos leitores. Num texto não assinado de quatro parágrafos, intitulado “Um ano da nova «V.M.»”, faz-se um balanço dos primeiros 12 meses como newsmagazine, destacando o que já se alcançou e o que ainda se quer fazer, como a melhoria da secção “Actualidade”, o alargamento da rede de correspondentes, do número de exclusivos e o tratamento a curto prazo de “assuntos fundamentais contemporâneos” ainda por abordar.

Um longo artigo de análise faz capa pela primeira vez a 25 de outubro de 1968, com a tragédia da guerra do Biafra. Na capa, o elemento mais perturbador é a utilização como fundo de uma fotografia de crianças nuas ou seminuas, revelando uma magreza extrema que se percebe resultar de um longo período de fome. O recurso a artigos de análise como tema de capa, maioritariamente arrumados no interior da revista na secção “O estudo da semana”, torna-se habitual e vai alternando com os perfis.

A 29 de novembro de 1968, a Vida Mundial apresenta uma capa poster, recorrendo unicamente a uma fotografia do planeta Terra visto do espaço. É também a primeira vez que surge a identificação de uma imagem no interior da revista, (algo que ainda hoje não se regista em todas as newsmagazines). Na página 2 reproduz-se a capa em menor dimensão e à esquerda lê-se “Por amabilidade da Kodak Portuguesa, reproduz-se na nossa capa de hoje, em exclusivo para Portugal, a primeira fotografia que abrange a totalidade da face da Terra, tirada de um aparelho espacial americano, ao passar sobre o equador, à distância de 35 680 quilómetros”. No interior, a revista oferece um “Dossier Espaço” de dez páginas, que faz um balanço da conquista espacial e antecipa a chegada do homem à Lua, que viria a registar-se a 20 de julho de 1969.

Tal como referido, a última revista do ano, publicada a 27 de dezembro de 1968, não repete a estrutura “homem do ano”. Contudo, o dispositivo escolhido — um mosaico de imagens — ainda hoje é muito utilizado nas newsmagazines. Sob o título 1968: UM ANO EM REVISTA, desdobram-se 12 capas de seis newsmagazines diferentes: três da francesa *L'Express*, duas da alemã *Der Spiegel*, duas de cada uma das principais newsmagazines americanas, *Time* e *Newsweek*, uma de um título espanhol, *Mundo*, e, claro, duas da *Vida Mundial*. Uma vez mais, o título português afirma-se claramente como newsmagazine, a par das suas congéneres internacionais.



Figura 76

Uma capa que afirma a pertença da *Vida Mundial* ao universo das newsmagazines internacionais a 27 de dezembro de 1968.

Fonte: Reprodução do original.

A partir de 1969 as capas da *Vida Mundial* complexificam-se ao mesmo tempo que ganham modernidade. Dentro da revista, as páginas a cores e os anúncios vão aumentando progressivamente. Aos poucos passa a haver lugar para mais do que um tema na capa. A primeira vez acontece a 17 de janeiro de 1969. O tema de capa é o poeta José Gomes Ferreira, correspondendo a um perfil na habitual secção “Um perfil e uma obra”, mas o canto superior direito é rasgado por uma barra negra, que se sobrepõe ao logótipo da revista, com o título, em maiúsculas brancas, “As fotos da Apolo 8”. Este tema secundário surge inserido a meio da revista (páginas 33 a 36), numa secção autónoma especial intitulada “As fotos (a cores) da Apolo-8”. E o prometido no sumário é, de facto, o oferecido aos leitores: quatro páginas em papel couché, com fotografias de ótima qualidade recolhidas pelos astronautas americanos que realizaram o primeiro voo circunlunar a bordo da nave espacial Apolo-8.

Ao longo de seis dias, Frank Borman, James Lovell e William Anders fizeram registos inéditos quer da Terra vista da Lua quer do solo lunar, do qual chegaram a estar a uma distância de apenas 111 quilómetros. Depois do já referido número de 29 de novembro de 1968, a conquista espacial tinha sido novamente capa duas semanas antes, a 3 de janeiro de 1969, com uma reportagem sobre o regresso bem-sucedido dos astronautas da Apolo 8 à Terra no dia 27 de dezembro de 1968. A proximidade entre as revistas de 3 e 17 de janeiro é provavelmente a explicação para as fotografias recolhidas durante a viagem circunlunar da Apolo 8 terem sido apenas chamada secundária. Neste período, o tema “espaço” torna-se recorrente nas capas da *Vida Mundial*, acompanhando a atualidade.



Figuras 77 e 78

A conquista espacial faz capa no final de 1968 (a 29 de novembro, com uma capa do tipo poster), e no início de 1969 (3 de janeiro).

Fonte: Reproduções dos originais.

Um mês mais tarde, a 14 de fevereiro, a *Vida Mundial* constrói uma capa que parece antecipar as infografias, titulando em maiúsculas brancas “O computador ao alcance de todos”. Uma capa que se traduz na secção “Estudo da Semana”, com um dossier de dez páginas (31-40), assinado por Jorge Branco, sobre a importância dos computadores e as relações homem-máquina.

Três meses mais tarde, a 16 de maio de 1969, a *Vida Mundial* n.º 1562 assinala os 30 anos de existência do título, os dois últimos em formato de newsmagazine, dedicando duas páginas (4 e 5) ao tema. No texto, não assinado, titulado precisamente como “30 anos de existência”, afirma-se que a nova vida da revista em formato newsmagazine “tem conhecido um êxito sem precedentes em publicações similares do nosso País”. E o êxito justifica-se pela promessa cumprida, dizem, de não “cristalizar”, traduzida nas “melhorias que conseguimos introduzir na «Vida Mundial»” que “são de tal monta que estamos convencidos de que não há para elas paralelo na Imprensa portuguesa deste século”. De seguida são enumeradas (1969, p. 5) as inovações e mais valias introduzidas nos dois primeiros anos da revista:

- “Aspecto e fatura material” (presume-se que este primeiro ponto diga respeito às inovações gráficas);
- Colaboração variada e completa;
- Rigor na fidelidade à ética jornalística;
- Criação de uma rede de correspondentes que enriquecem os conteúdos publicados;
- Melhoria da redação, composta por jornalistas profissionais e especialistas.

De acordo com o texto de balanço, “as sempre crescentes importância e expansão de «Vida Mundial» foram para além das previsões mais optimistas” e, para além “de um incessante aumento de tiragem”, a revista destaca “uma irradiação cada vez maior da população, cujo interesse resulta da diversidade dos assuntos versados nas suas páginas”, sublinhando o “crédito junto de todas as camadas da população, sobretudo junto dos jovens”. Este interesse dos mais novos parece ter especial importância para a *Vida Mundial*, provavelmente por ser um público novo, habitualmente afastado de publicações informativas, tal como tinha acontecido durante os tempos de semanário da *Vida Mundial*. A aproximação destes leitores após a transformação em newsmagazine tinha sido logo destacada a 29 de dezembro de 1967, aquando do balanço dos primeiros meses do novo formato como newsmagazine, e volta agora a ser reafirmada.

A 23 de maio de 1969 surge a primeira capa que se aproxima da classificação de tipográfica, uma vez que o conjunto textual, maioritariamente vermelho, ocupa espaço superior ao da imagem a preto e branco¹⁷. A *Vida Mundial* faz capa com o II Congresso Republicano, organizado em Aveiro a 15, 16 e 17 de maio, e usa uma fotografia em grande plano do perfil de Mário Sacramento, opositor convicto de Salazar, que foi o secretário-geral do primeiro congresso, em 1957, e o mentor do segundo, ao qual já não assistiu, por ter morrido aos 48 anos de derrame cerebral, a 27 de março de 1969. No interior, sete páginas de reportagem, não assinada, inserida na secção Nacional (8-14).

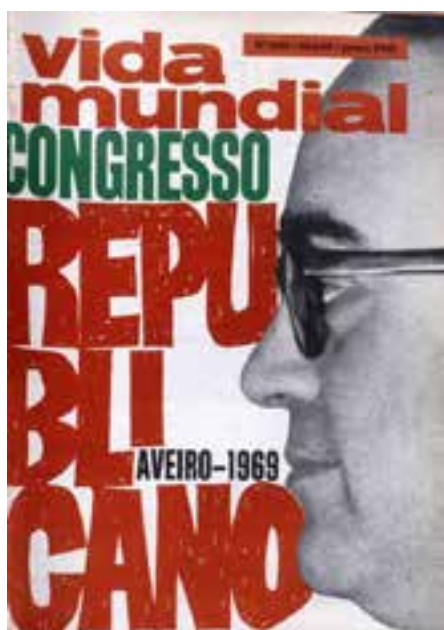


Figura 79

A 23 de maio de 1968 surge a primeira capa em que o texto se impõe à imagem e a temática parece ter passado despercebida à censura.

Fonte: Reprodução do original.

¹⁷ A mistura do verde no logótipo com as letras vermelhas, a fotografia a preto e branco, a construção do título e o tema de capa, convidam a uma análise tanto histórica como semiótica que não cabe aqui, mas fica referenciada para o caso de despertar a curiosidade de algum investigador interessado. Também seria profícuo investigar a forma como a *Vida Mundial* conseguiu que uma capa destas passasse nas malhas da censura.

Sem razão aparente ou explicações aos leitores, a 3 de outubro de 1969, a ficha técnica da *Vida Mundial* passa a resumir-se ao nome do diretor e aos dados da empresa proprietária, morada, data de publicação e preços, ou seja, volta a assemelhar-se à existente no antepassado semanário, encerrando uma prática com mais de dois anos, iniciada com a transformação em newsmagazine, em 5 de maio de 1967. Este facto fez-nos recuar à revista imediatamente anterior, n.º 1580, de 26 de setembro, para analisar a última ficha técnica e o tema de capa. A um mês das eleições legislativas de 26 de outubro, as primeiras realizadas após a saída de António de Oliveira Salazar da Presidência do Conselho, que decorreram num clima de aparente abertura política, enquadradas na designada Primavera Marcelista, a *Vida Mundial* chama o tema a capa. A imagem de fundo divide-se em verde e vermelho, as cores da bandeira portuguesa, na qual se vislumbram imagens de pessoas, tendo em baixo o que parece ser uma estrada. Em cima deste fundo, uma mão segura um retângulo branco que simboliza o boletim de voto. A revista elabora um caderno extra, com capa e numeração própria, de 16 páginas, com vários artigos — todos não assinados — em que aborda as eleições dos mais variados prismas.

Na página 2 da revista, este trabalho é apresentado em dois curtos parágrafos inseridos no canto superior direito, por cima da ficha técnica e ao lado do sumário. O primeiro descreve os conteúdos do dossier, o segundo explica a razão de ser do trabalho: “«Vida Mundial» procura deste modo, dentro das suas possibilidades — e, ainda, com a objectividade e isenção que lhe são peculiares — manter os seus milhares e milhares de leitores ao corrente de tão importante problema da vida portuguesa”. Na capa do caderno especial, que titula a maiúsculas vermelhas “Eleições 1969”, a *Vida Mundial* enumera os 14 temas que são abordados:

- O governo e a oposição em vésperas de eleições;
- Leiria — a oposição reuniu-se;
- Cisão dos oposicionistas;
- O que é a «unidade»;
- As profissões dos candidatos;
- O equívoco da liberalização;
- Marcello Caetano — Um ano de actividade;
- Evolução do número de eleitores desde 1938;
- Regresso de Rolão Preto;
- Cinco de Outubro;
- Inquéritos da oposição e da U.N.;
- Calendário eleitoral;
- Novas listas de candidatos;
- A morte do presidente da Assembleia Nacional.

Regressando à página 2, no que diz respeito à ficha técnica, a riqueza é digna de qualquer newsmagazine moderna. Começa com o “director e editor”, Francisco Eugénio Martins, e continua com o “corpo redactorial” encimado por Carlos Ferrão, seguindo-se mais onze jornalistas, entre os quais António Valdemar, Afonso Cautela, Diana Andringa e José João Louro. De seguida, surge o “corpo de colaboradores” com mais onze nomes, seguindo-se “outros colaboradores”, cada um dos nomes com o tema da sua responsabilidade associado entre parêntesis — tão variados como “estatística”, “direito”, “xadrez” ou “sociologia”. Assinala-se, depois, uma “colaboração especial neste número”, referenciada como “AÇORES por Luís Rosa Duarte”. Surgem de seguida “tradutores”, nove ao todo, seguidos dos “«Cartoonistas» portugueses”, com sete nomes, e doze “correspondentes”, sendo sete internacionais, em locais tão díspares como Paris e São Paulo, e cinco nacionais, nas cidades de Lourenço Marques, Leiria, Viseu (dois) e Coimbra.

O último espaço que também desaparece da ficha técnica é verdadeiramente impressionante. Corresponde aos “Serviços exclusivos em Portugal combinados com:” e a seguir surgem dez das publicações internacionais mais relevantes, entre as quais se encontram duas newsmagazines, a *Newsweek* e a *Der Spiegel*, referindo ainda o noticiário fotográfico fornecido pela Associated Press. É difícil não relacionar o desaparecimento da ficha técnica a 3 de outubro com o tema de capa sobre as eleições de 1969 de 26 de setembro. Diana Andringa, num contacto telefónico informal, refere ter havido uma demissão coletiva de redatores e colaboradores na *Vida Mundial* por essa altura, o que explicaria o desaparecimento repentino da ficha técnica.

A *Vida Mundial* assinala os 31 anos do título, o terceiro da era newsmagazine, na edição n.º 1614, de 15 de maio de 1970, com uma pequena caixa de texto, não assinado, colocada no canto superior esquerdo da página 2, acima da ficha técnica e ao lado do sumário. Intitulado “«Vida Mundial» completou 31 anos”, o título lembra a decisão de transformar o semanário em revista como fruto do “desejo de aperfeiçoamento constante e de fornecer ao público informação pormenorizada dos principais acontecimentos de interesse nacional e internacional”. Garante que a “mudança suscitou o maior agrado” entre os “milhares de leitores” que têm “aumentado consideravelmente, também devido ao facto de mantermos uma posição de permanente imparcialidade e independência”.

Um mês mais tarde, a 19 de junho de 1970, Francisco Eugénio Martins escreve na página 3 um texto não assinado, intitulado «Do Director aos leitores da “vida mundial”». Neste, anuncia a saída do cargo que ocupava desde 11 de março de 1966 e faz um balanço na primeira pessoa da transformação do jornal semanário *Vida Mundial* em newsmagazine. “Foram duros e difíceis os primeiros tempos de arranque da «Vida Mundial» na sua nova apresentação”, afirma. E, sem especificar, diz “houve muita coisa contra a sua saída, foi necessário muito trabalho, muito esforço para vencer as dificuldades e os problemas que surgiram a cada passo”, valeu “o entusiasmo duma equipa nova e dinâmica”. Diz o diretor que, até o projeto

se ter tornado real, havia quem considerasse “quase impossível uma revista séria, à base de leitura, com um mínimo de fotos, ter grande tiragem”, mas “o milagre deu-se, pois, apesar de o preço passar de 1\$50¹⁸ para 5\$00, a tiragem não deixou de crescer até atingir um máximo de cerca de 45 000 exemplares, o que é sensacional no nosso meio” (Martins, 1970, p. 3). Alegando razões pessoais que o impedem de ter o tempo necessário para dirigir a revista, abandona a direção “com a consciência descansada do dever cumprido”, embora reconheça “desgosto” por se afastar do projeto. A razão de ser da paz de espírito na hora da saída justifica-se também pela confiança no substituto, “sr. Carlos Ferrão, tão conhecido dos leitores que a sua apresentação é perfeitamente inútil”.

A 26 de junho de 1970, Carlos Ferrão assina, na página 3, com a designação de Editorial, o espaço que ocupava semanalmente com o “Comentário da Semana”. Na primeira frase, afirma: “esta revista tem especiais responsabilidades de informação e formação”. E explica que a *Vida Mundial* “é lida e consultada por milhares de pessoas que nela confiam”, existindo entre a revista e os leitores “um desvanecedor clima de confiança recíproca”. As frases seguintes apresentam o novo diretor. Os destinos da revista ficam nas mãos de um “jornalista profissional, que se conservou inalteravelmente fiel às ideias com que se formou o seu espírito e se afervorou o seu civismo”. Lembra que é “colaborador da «Vida Mundial» desde o início da sua publicação” e que “essa colaboração acentuou-se ao longo do tempo, conferindo-lhe o lisonjeiro título que justificou a sua escolha”. Voltando ao trabalho na revista, Carlos Ferrão alerta que quem faz a *Vida Mundial* e quem a lê “precisam de ter a noção das realidades que os cercam, os primeiros para excluírem da sua tarefa as fantasias irrealizáveis, os últimos para moderarem a severidade das suas críticas”. E clarifica: “a vida da nossa Imprensa não é cómoda, especialmente a daquele sector a que pertencemos, nem isenta de embaraços”. Aparentemente, sem o referenciar explicitamente, subjaz a este discurso a denúncia dos constrangimentos à liberdade de expressão e, ao mesmo tempo, uma afirmação de inevitabilidade que deve obrigar a algum conformismo com o contexto político. Carlos Ferrão diz que “nem sempre conseguimos o que pretendemos, não por culpa ou carência próprias, mas em virtude de condicionalismos a que ninguém pode furtar-se”. No último parágrafo o discurso muda e reafirmam-se os princípios editoriais da revista. A *Vida Mundial*, afirma Carlos Ferrão, “tem a missão de esclarecer ideias, divulgar princípios e interpretar factos, norteadas pelos ditames relevantes da verdade e da justiça”. O objetivo é “dar uma contribuição válida para melhorar a sociedade a que pertencemos” (Ferrão, 1970, p. 3).

Um ano mais tarde, a 14 de maio de 1971, o n.º 1666 assinala os 32 anos de publicação,

18 Não sendo possível usar o símbolo do escudo, por inexistência no processador de texto, recorre-se ao símbolo do dólar, muito próximo graficamente, uma vez que a redação não numérica dos preços nem sempre permite a mesma clareza de leitura.

com um texto não assinado, a uma coluna, na página 2, à direita do sumário, em tudo semelhante ao publicado em 1970. Cerca de três meses mais cedo, a 19 de fevereiro, tinha sido lançada a segunda newsmagazine portuguesa, a *Observador*. Mas não há qualquer sinal de inquietação em relação à concorrente — nem aqui, nem ao longo da existência do título, que finda três anos depois, a 22 de fevereiro de 1974.

A 12 de maio de 1972, a newsmagazine inclui novamente uma coluna à direita do sumário, na página 2, não assinada e titula apenas “Vida Mundial”, mas vai um pouco mais longe no balanço dos 33 anos da publicação, cinco dos quais como revista semanal de informação geral. Sobre a fase mais recente, afirma que “a transformação de “Vida Mundial” em revista de excelente aspecto gráfico e mais largas possibilidades para corresponder ao interesse dos seus leitores foi, na sua caminhada, um passo relevante cuja importância se confirmou em cada um dos cinco anos decorridos”. A revista sintetiza o que tem oferecido aos leitores, sempre com “objectividade e imparcialidade”: “relatos de acontecimentos e factos, comentários que os completam e esclarecem, secções especializadas sobre os mais diversos assuntos”.

Após o balanço de cinco anos de *Vida Mundial*, Carlos Ferrão permanece menos de quatro meses à frente dos destinos da revista, fechando um ciclo como diretor “oficial” (já que desempenhava essa função de forma executiva desde 1967) que pouco ultrapassou os dois anos. A 1 de setembro de 1972 é a última vez que o seu nome surge na ficha técnica como “director e editor”. Tinha 74 anos. Na página 1 da edição, um curto texto, de pouco mais de três linhas dava conta do facto. Entre dois filetes azuis, encimado pelo título “Vida Mundial”, lê-se: “A seu pedido, deixa de exercer as funções de director da “Vida Mundial” o nosso camarada Carlos Ferrão”. E, num segundo parágrafo, acrescenta-se “O seu nome aparece, hoje, pela última vez, nesta revista”. Não há mais explicações. Na semana anterior, o texto “Comentário da Semana”¹⁹, assinado na página 2 pelo diretor, nada indiciava sobre a saída de Carlos Ferrão. O espaço desaparece na semana em que é comunicada a saída do diretor, a 1 de setembro.

Na semana seguinte, a 8 de setembro de 1972, inserido exatamente na mesma página (1), com a mesma estrutura e apresentação gráfica, surge novo comunicado, num único parágrafo de quatro linhas: “O Conselho de Administração da Sociedade Nacional de Tipografia, proprietária da “VIDA MUNDIAL”, nomeou para dirigir interinamente esta publicação o sr. dr. Guilherme Pereira da Rosa”. A diferença de designação — “camarada” e “sr. dr.” — permite perceber de imediato que quem passa a dirigir os destinos da revista não é um jornalista. Guilherme Pereira da Rosa, filho do homem que fez capa da primeira *Vida Mundial* em versão newsmagazine, era o administrador da Sociedade Nacional de Tipografia, desde a morte do pai, em 1963. Com esta nomeação, passa a ocupar o lugar que o irmão, Carlos Pereira da Rosa, ocupara de 1950 a 1966, mas no então jornal semanário *Vida Mundial*.

19 Designação a que o espaço de características editoriais retomara.

Com o novo diretor mantém-se a ausência de ficha técnica e desaparece o espaço “Comentário da Semana”. A revista abre com o sumário, encimado pela curta ficha técnica (página 1) e as peças jornalísticas começam logo na página 2. O espaço de opinião regressará a 13 de outubro, para começar a ser assinado rotativamente por A. Ferreira Marques, Afonso Praça, Fernando Antunes, Fernando Dil, Pedro Rafael dos Santos, entre outros. A direção de Guilherme Pereira da Rosa não chega aos dois meses. A 3 de novembro de 1972, novo comunicado, publicado na p. 2 do n.º 1743, acompanhado de uma fotografia de Pereira da Rosa, anuncia a saída do diretor, não só da revista, mas como de “todas as funções que desempenhava na Sociedade Nacional de Tipografia”²⁰. Acrescenta o curto texto que “interinamente, fica a desempenhar as funções de director da “Vida Mundial” o jornalista Manuel Figueira”. O jornalista, que apoiava e favorecia o regime marcelista (Baptista, 2012, p. 301), acumula o cargo com o de diretor do jornal *O Século*, também pertença da Sociedade Nacional de Tipografia.

Apesar de o espaço “Comentário da Semana” ter regressado ainda com Pereira da Rosa, este mantém-se sob responsabilidade rotativa de vários nomes. Manuel Figueira não assina espaços de opinião, seja o editorial ou outros. Apesar disso, um curto conjunto de linhas não assinado, na p. 1, à direita do sumário, começa por ser uma apresentação sintética dos principais assuntos tratados na revista, para aos poucos começar a ganhar tom de editorial, transformação acompanhada de um alongamento do texto. A partir de 9 de fevereiro de 1973, o espaço ocupado era três vezes maior do que o inicial e o facto de não ser assinado, associado ao local em que é publicado, sugere a autoria do diretor interino Manuel Figueira, embora não tenha sido possível confirmar este dado.

No n.º 1770, de 11 de maio de 1973, a newsmagazine completa seis anos, 34 de existência do título. Numa larga coluna que ocupa a metade direita da página 1, ao lado do sumário, o texto de análise do aniversário “Vida Mundial”, não assinado, recorda o jornalista fundador da publicação, José Cândido Godinho, que mesmo após a venda do título à Sociedade Nacional de Tipografia, se manteve à frente dos destinos da revista até à sua morte. Faz, para além disso, autoelogios semelhantes aos dos anos anteriores, acrescentando, como compromisso de qualidade, a “intenção de não repetirmos hoje os erros de ontem e no desejo de fazermos amanhã melhor do que hoje”.

Ao longo da sua existência, a *Vida Mundial* teve sempre um mínimo de 68 páginas (contabilizando capa e contracapa), à exceção de um período de seis meses, que mediou entre 4 de janeiro e 28 junho de 1974, em que baixou para 52 páginas (48 numeradas). A razão é

20 O Arquivo Nacional da Torre de Tombo tem disponível online uma ficha que sintetiza o fundo identificado como “Empresa Pública Jornal O Século”. Nessa ficha, refere que em setembro de 1972, Guilherme Pereira da Rosa aceitou uma proposta do grupo económico de Jorge Brito, proprietário do Banco Intercontinental Português, e vendeu a sua posição na Sociedade Nacional de Tipografia. A saída anunciada na *Vida Mundial* deve coincidir com a finalização do negócio.

anunciada no n.º 1804, que corresponde à primeira revista reduzida. Lê-se na página 1, dentro de um quadrado desenhado a azul: “À semelhança do que já está a passar-se com órgãos da Informação estrangeiros, também “Vida Mundial” se vê obrigada a reduzir o seu número de páginas”, devido à “crise mundial que afecta a disponibilidade de papel de Imprensa”. A publicação apela à compreensão dos leitores (o preço da revista mantém-se o mesmo) e promete todos os esforços para manter uma “informação condensada e objectiva”.

A impossibilidade de cobrir a novidade por parte das newsmagazines torna-se emblemática no caso da *Vida Mundial* com o eclodir da Revolução do 25 de Abril. Com data de fecho de pelo menos dois a três dias de antecedência em relação à data de capa, a revista publicada a 26 de abril de 1974, dois dias após a queda do Antigo Regime, não faz qualquer referência à revolução, numa altura em que todos os jornais diários, rádio e televisão já a tinham noticiado. É preciso esperar mais uma semana, até 3 de maio, para a mudança chegar à newsmagazine que faz capa com as manifestações do 1º de Maio, Dia do Trabalhador.

Com o regime democrático, inicia-se um período de instabilidade na *Vida Mundial*, transversal a todos os meios de comunicação social da época. A revista é publicada a 3 e a 10 de maio de 1974. Faz um intervalo de duas semanas e regressa a 24 de maio, já sob nova direção. Agora, é o escritor e jornalista Augusto Abelaira que assume os destinos da newsmagazine. A *Vida Mundial* anuncia-o num curto texto, sem assinatura, na página 1, tendo o sumário à esquerda, redigido num tom editorial de reapresentação da publicação. Além da indicação do novo diretor, o texto, intitulado «Augusto Abelaira director da “Vida Mundial”», elogia o anterior diretor interino, que ocupara o cargo durante ano e meio: “não seria justo esquecer quem nos acompanhou em momentos por vezes bem difíceis: Manuel Figueira (...) um camarada e amigo”, a quem se fica a dever “a possibilidade de continuar a trilhar uma linha de independência que nos dispensa de viragens súbitas, facilmente confundíveis com oportunismos de ocasião”. No texto afirma-se que “numa fase de Imprensa livre”, a *Vida Mundial* é chamada a “uma missão de inequívoca responsabilidade, norteadas por uma noção de independência”, que representa uma continuidade do trabalho desenvolvido pelo título que uns dias antes (13 de maio) completara 35 anos de existência. Da censura, “procurámos nunca ser cúmplices, só não transmitindo aquilo que a ‘inteligência’ da eufemisticamente chamada Comissão de Exame Prévio nos impedia” (1974, p. 1).

A nova direção promete, assim, dinamização, responsabilidade e independência aos seus leitores. Numa caixa em rodapé, que ocupa cerca de um terço da página e é assinado pelas iniciais M.S.P., o texto “Os acontecimentos na S. N. T” explica a razão da interrupção da publicação semanal da revista, motivada pelas negociações entre trabalhadores e administração da Sociedade Nacional de Tipografia, tendo em vista melhores condições de trabalho. Como seria fácil de prever, os temas abordados na revista e sintetizados no sumário passam a ser maioritariamente nacionais, reduzindo-se a secção Internacional a oito das 48 páginas.

Um mês mais tarde, a 28 de junho de 1974, a *Vida Mundial* anuncia no editorial intitulado “A obrigação de renovar” a suspensão por três meses do título, para o “reestruturar, dinamizar, fazer de novo”, de forma a adaptá-lo aos desafios da nova realidade democrática do país. Aos leitores, a revista promete regressar em outubro “com um semanário idêntico nos propósitos, mas a praticar uma *Informação* de hoje para um País que, cremos, todos pretendemos diferente” (1974, p. 1). Este tom otimista contrasta com um texto mais extenso, assinado por Augusto Abelaira, nas páginas 2 e 3, e intitulado «Este número será visado pela Comissão “Ad Hoc”». Quase num tom de crónica, o diretor expressa a sua preocupação com a criação, por decreto-lei²¹, assinado a 20 de junho, da Comissão «Ad Hoc» para a Comunicação Social²². Considera Abelaira que o decreto-lei foi redigido “em linguagem extremamente vaga, susceptível de múltiplas interpretações”, o que o torna uma “ameaça terrível que pesa sobre todos nós”. Para o jornalista, o trabalho desta comissão funcionará como uma censura *a posteriori*, com consequências que se traduziam em multas até 500 contos e à suspensão imediata da publicação. Esta situação é analisada como “muito grave” e Augusto Abelaira dirige-se diretamente aos leitores, dizendo-lhe que “a partir deste momento entramos em terreno movediço, provavelmente mais resvaladiço, mais desconfortável do que aquele que pisávamos quando havia a censura prévia de Salazar e de Marcelo Caetano” (Abelaira, 1974a, pp. 2,3).

Apesar das contingências, a promessa cumpre-se e a *Vida Mundial* regressa a 3 de outubro de 1974, alterando pela primeira e única vez o dia da semana em que sai para as bancas — de sexta antecipa-se para quinta-feira, sem dar justificação aos leitores. Regressam também as 68 páginas habituais, reduzidas durante a crise mundial do papel, o design é renovado e o preço de capa duplica, de 5 para 10 escudos.

21 Decreto-Lei n.º 281/74, de 25 de junho.

22 Que vigorou até 10 de outubro de 1975, data em que uma Resolução do Conselho da Revolução a extingue, decisão publicada a 29 de outubro de 1975 no então “Diário do Governo”, designação que antecede a de “Diário da República”.



Figuras 80 e 81

À esquerda, a capa de 28 de junho de 1974, antes da suspensão de três meses, e à direita, a de 3 de outubro de 1974, já com o novo projeto gráfico.

Fonte: Reproduções dos originais.

O logótipo mantém-se a duas linhas e alinhado à esquerda, a preto, mas reduz as dimensões, dando mais espaço à imagem. O filete em U invertido passa a moldura a três cores — de dentro para fora surge um filete branco, seguido de um preto (que cairia alguns números mais tarde, dando lugar a um único, que variava de cor), ambos com dois milímetros, passando para a moldura final, colorida, com um centímetro de largura, que varia de cor ao longo das semanas. No rescaldo do golpe falhado de 25 de setembro, que pretendia um regresso a um regime não democrático, é esse o tema de capa, com uma fotografia de reportagem onde se veem soldados e cidadãos, com o título abaixo, a três linhas: “Vigilância/Popular:/ A reacção não passa”. A capa inclui ainda uma chamada secundária que remete para uma entrevista ao general Costa Gomes.

A estrutura da revista altera-se e passa a abrir com o suplemento “Tempo Livre”, seis páginas em papel amarelo dedicadas a uma agenda cultural, que inclui cinema, teatro, televisão, artes plásticas e livros — uma opção estrutural pouco comum numa newsmagazine. Nas páginas 8 e 9, a revista tradicional tem início. Na página par, o poeta e escritor José Gomes Ferreira passa a assinar o espaço de crónica “O passado e o presente”, enquanto a página 9 se divide pelo sumário, que passa a chamar-se “Página por Página” e, acima, em jeito de editorial, um texto assinado por Augusto Abelaira intitulado “Aos Leitores”. Neste, o diretor

diz: “embora a “nova” “Vida Mundial” ainda não corresponda ao que desejaríamos apresentar aos nossos leitores, verificaram-se alterações que esperamos sejam do vosso agrado, no sentido de uma cobertura mais ampla dos acontecimentos”. No que diz respeito a princípios, Abelaira garante que a *Vida Mundial* continuará a ser isenta, qualidade que “os nossos leitores sempre apreciaram devidamente” e apostada “numa linha de objectividade, de crítica e de análise”. O diretor apela à colaboração dos leitores, na deteção de erros e propostas de assuntos a cobrir, anunciando um espaço de publicação das opiniões e ideias que chegarem à redação (Abelaira, 1974b, p. 9).

A reestruturação da revista é notória quando se olha para o sumário, apelidado de “Página por Página” — não é só o design que muda, nota-se uma preocupação em criar nomes de secções mais atrativos. Para além da indicação dos espaços “Tempo Livre” e “O Passado e o Presente”, já referenciados, surgem as secções “Vida Nacional”; “Vida Internacional”; “Esta semana convidámos”; “Em Foco”; “Vocabulário Crítico”, “Entrevista”, “Vida Económica”, “Panorama”, “Volta ao mundo em sete dias”, “Pontos de interrogação”; “Recortes”; “Para um «Dossier»...” (seguido do tema em questão — no primeiro número foi Religião, no segundo Brasil²³); e “Palavras Cruzadas”. Na semana seguinte, inauguram-se as secções “Estudo” e “Depoimento”.

Outra novidade desta nova fase da *Vida Mundial* é a ficha técnica da revista, que passa a estar inserida na última página, regressando precisamente no dia em que se assinalavam cinco anos sobre o seu desaparecimento, a 3 de outubro de 1969. Para além do diretor, a ficha técnica inclui um chefe de redação, Pedro Rafael dos Santos, e um subchefe de redação, António Ferreira Marques, clarificando pela primeira vez a estrutura que sempre funcionou informalmente. A redação inclui sete jornalistas, todos do sexo masculino (como em 1967), entre os quais Adelino Cardoso, Afonso Praça e Miguel Serras Pereira. O título conta ainda com dez colaboradores permanentes e duas pessoas na direção gráfica da revista.

O espaço de editorial assinado por Augusto Abelaira desaparece logo na semana seguinte e a página 9 passa a ser totalmente ocupada pelo sumário, dividido num espaço de destaques, na metade superior, encimado pelo título “Neste número pode ler...” e uma metade inferior com um índice mais detalhado, que já surgia na nova “primeira” revista, o “Página por Página”. O diretor volta novamente a assinar um texto de editorial, na mesma página, no n.º 1852, de 12 de março de 1975, para comentar e repudiar a tentativa de Golpe Militar de 11 de março. O espaço desaparece, uma vez mais, na semana seguinte. Reaparece menos de um mês mais tarde, a 3 de abril de 1975, remetendo novamente o sumário para a metade inferior da página 9, e torna-se regular, assinado ou pelo diretor ou pelo chefe de redação, que passara

23 Retomando uma designação usada no primeiro número como newsmagazine, de 5 de maio de 1967, que incluía a indicação no sumário de uma peça identificada como “Para um «dossier» Kennedy”.

a ser Alexandre Manuel, tendo desaparecido o cargo de subchefe de redação. Nove jornalistas integram agora a redação, entre os quais duas mulheres: Maria Antónia Palla e Maria Júlia Fernandes. Quase sete meses mais tarde, a 30 de outubro de 1975, Augusto Abelaira assina o último editorial, intitulado “Paciência”. No texto, comenta as dificuldades do VI Governo constitucional em dirigir o país e alcançar consensos (Abelaira, 1975, p. 9). Nada indicia que este seja um número diferente dos outros, mas a publicação da revista é interrompida.

A *Vida Mundial* só regressa seis meses mais tarde, a 6 de maio de 1976, nove anos após a transformação em newsmagazine, com a escritora Natália Correia na direção. Nesta nova fase, que será também a derradeira, a revista apresenta-se com novos conteúdos e novo design. Na capa, a grande alteração está nas dimensões do título, que volta a crescer, passando a ocupar um quarto do espaço disponível, e a variar a cor, sempre com as letras delineadas a branco. O espaço da imagem reduz-se, surge enquadrada por um filete branco, variando a cor de fundo e a cor da moldura de número para número. A dimensão do enquadramento da imagem também passa a variar e as chamadas de capa secundárias tanto surgem sobre a imagem, como arrumadas em rodapé. Assiste-se nas semanas seguintes a um abandono da fotografia, passando a ilustração e o cartoon a dominarem como imagem principal a capa da *Vida Mundial*, fruto do momento político controverso vivido e, provavelmente, influência da forte aposta na ilustração e na sátira por parte da revista semanal de informação geral *Opção*, que acabara de ser lançada (Cf. 4.2.1).

Cruzando a ficha técnica com a da direção anterior, verifica-se que ninguém acompanha esta nova fase da *Vida Mundial*. Natália Correia tem Paulo Figueira como chefe de redação, Carlos Plantier como subchefe de redação e oito redatores, entre os quais Afonso Manta, Feliciano Ferreira, João de Almeida e Tomás Ribas. Da equipa fazem também parte cinco colaboradores, dois dedicados às Artes Plásticas, um à Economia, outro à secção Livros, e o último surge como correspondente em Paris. O preço sobe 50%, de 10 para 15 escudos. Mantêm-se as 68 páginas, mas desaparece a secção inicial “Tempo Livre”, passando a revista a abrir de uma forma enquadrada no que é habitual numa newsmagazine, com a ficha técnica numa coluna à esquerda, acompanhada à direita pelo editorial, que inclui uma fotografia e a identificação de Natália Correia.

A diretora afirma na primeira frase do editorial: “Vida Mundial ressurgue com a intenção declarada de ser uma revista de opinião”. Um caminho que, para além das razões políticas, históricas e sociais da época, pode ser interpretado como estratégico, uma vez que duas semanas antes, a 22 de abril de 1976, Artur Portela prometia no n.º 0 da *Opção*, um “jornalismo renovador, analítico e claro” (Portela Filho, 1976, p. 15) numa nova newsmagazine que se assumia como semanário político (Cf. 4.2.1). Pela segunda vez na sua existência, e finda a *Observador*, *Vida Mundial* dividia o setor das revistas semanais de informação geral como uma concorrente.

Natália Correia situa a publicação “num quadrante democrático” e explica que, nesse contexto, afirmar-se como uma revista de opinião significa “assumir a defesa dos princípios consagrados nessa escolha”. Uma das missões da nova *Vida Mundial* é “a análise da situação do país” e a denúncia dos ataques às raízes da cultura portuguesa. A diretora promete fazer jus ao título da newsmagazine, registando semana após semana “o ritmo dos acontecimentos internacionais”. A poetisa considera que *Vida Mundial* “é o título certo para uma publicação que, estando atenta ao que se passa lá fora, vela pelos interesses nacionais”. A última frase do editorial salvaguarda a componente noticiosa à qual uma newsmagazine não pode fugir e afirma a revista como “uma publicação solidária com a grande opção democrática dos portugueses que promete honradamente informar” (Correia, 1976, p. 1).

Na página 2 surge o sumário, que revela a nova estrutura da *Vida Mundial*. Divide-se por uma coluna à direita indicando as secções e as peças, deixando o lado esquerdo ao destaque de dois dos temas, ilustrados com fotografias. A revista abre com a secção “Vida Nacional”, com sete páginas. Segue-se um espaço de entrevista, que passa a surgir ou nesta posição ou fixando-se como secção de abertura, consoante a importância dos entrevistados. Por razões conjeturas, autonomiza-se uma secção “Eleições”, com 13 páginas dedicadas às legislativas de 1976. Das páginas 25 à 40, a *Vida Mundial* inaugura a “Separata”, um caderno especial destacável, de páginas azuis, coordenado por Tomás Ribas, que traz memórias do “Estudo da Semana”. O objetivo da Separata, indica a revista no sumário, é tratar semanalmente “grandes temas da história e da cultura portuguesas”, recorrendo a antologias de textos e gravuras. Após o destacável, surge a secção “Vida Artística”, sete páginas sobre teatro, cinema e televisão, seguida da “Livros”, com três páginas. “Ciência e Técnica” ocupa uma breve coluna, mas autonomiza-se como secção no sumário. Neste primeiro número da *Vida Mundial* dirigida por Natália Correia, o sumário inclui ainda uma secção designada por “Economia”, que corresponde a uma única página de banda desenhada satírica, assinada por Jacques Faisant, três páginas de “Vida Internacional” e, a fechar, uma secção “Sondagem” que se desdobra em sete páginas, um trabalho exclusivo da revista.

A nova *Vida Mundial* tem uma originalidade que a diferencia das outras newsmagazines portuguesas analisadas e a aproxima do universo dos jornais. Ao longo da publicação, determinadas peças não terminam, surgindo uma indicação que remete o final para as últimas páginas da revista, onde se aglomeram retalhos de peças das mais variadas secções, uma estrutura que vai desaparecendo ao longo das semanas seguintes. Outra mutação regista-se logo no segundo número dirigido por Natália Correia — as secções Vida Nacional e Vida Internacional passam a designar-se “Nacional” e “Internacional”, respetivamente.

A escritora permanece quase dez meses à frente dos destinos da *Vida Mundial*, vivendo uma fase em que vários títulos de imprensa são nacionalizados. A revista passa a ser propriedade, em julho de 1976, da Empresa Pública dos Jornais “Século” e “Popular”, que nasce da fusão da Sociedade Nacional de Tipografia com a Sociedade Nacional de Imprensa, por

imposição estatal. A 20 de janeiro de 1977, Natália Correia assina o último editorial, intitulado “Uma despedida que não um adeus”, que ocupa a totalidade da página 1. Classifica a sua passagem pela direção da revista como “uma experiência inesquecível”, destaca a relação de companheirismo entre a equipa da *Vida Mundial*, assim como as contribuições e os estímulos dos leitores que reforçaram a “convicção de nos acharmos no caminho que à Imprensa cabe trilhar num país onde se ergue a democracia”.

Mas nem só alegrias trouxe a direção da revista a Natália Correia. A escritora conta que “aqui aprendi que estar à frente de uma publicação independente neste passo confuso da nossa história, projecta-nos num mundo em que o joio, por inseparado do trigo, tem a força do descaramento, da calúnia e da imoralidade informativa que tudo fazem para devorar o cereal democrático”. A poetisa denuncia, assim, as pressões e os ataques ao carácter que sofreu enquanto dirigiu a newsmagazine. Confessa-se cansada e decidida a voltar a centrar-se na sua atividade literária. Sobre o futuro da revista, sente-se confiante — “ao afastar-me faço-o com a consciência de que a minha ausência em nada afectará a vida da “VM””. E explica porquê: “a orientação adoptada sob a minha direcção foi fruto do espírito da equipa de que saudosamente me aparto, o qual tudo me leva a crer que aqui permanece” (Correia, 1977, p. 1).

Tomás Ribas, que em 22 de julho de 1976 se tinha tornado chefe de redação²⁴ da *Vida Mundial*, adota a grafia original do seu primeiro nome (passa de Tomás a Tomaz), e acumula a direção interina, iniciando funções a 27 de janeiro de 1977. Assim, o nome Tomaz Ribas surge na ficha técnica como Director Interino e, logo abaixo, como chefe de redação. Toda a equipa da revista permanece. Num editorial escrito na primeira pessoa do plural, de título “A nossa carta de marear”, o também escritor elogia o trabalho de Natália Correia, de quem se reconhece amigo, e relembra os princípios editoriais da *Vida Mundial*. O título pretende continuar a ser “um independente, objectivo, imparcial e apartidário órgão de Imprensa” que prime por quatro princípios: “exigir a verdade de informação; respeitar democraticamente a livre vontade do povo português; respeitar intransigentemente a liberdade de opinião e pensamento; obstar tenazmente a todas as tentativas de força, coacção da liberdade, de supressão da Democracia” (Ribas, 1977a, p.1).

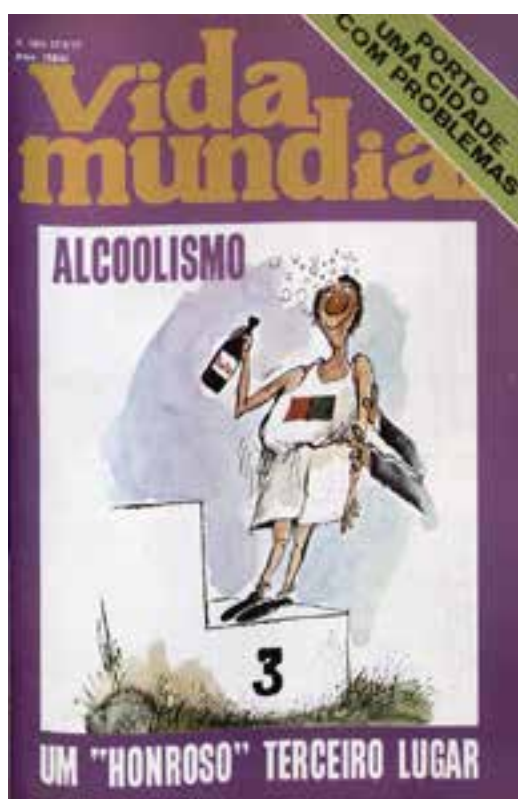
O primeiro editorial de Tomaz Ribas denuncia o momento difícil vivido pela publicação — estando nacionalizada, o futuro da newsmagazine dependia das decisões do governo. Apesar disso, o novo diretor reafirma a isenção da redação e a recusa de cedência a pressões de quaisquer tipos. A direção interina de Tomaz Ribas duraria apenas três semanas. A 10 de fevereiro de 1977, com uma tiragem de 16 mil exemplares, é publicado o último número

24 A saída do cargo de Paulo Figueira parece ter sido repentina e pode ter envolvido alguma polémica. O nome dele surge pela última vez como chefe de redação a 8 de julho de 1976. Na semana seguinte a ficha técnica não é publicada, surgindo o nome de Tomás Ribas a 22 de julho, data em que Natália Correia não publica o editorial. Carlos Plantier mantém-se subchefe de redação. É neste período que a *Vida Mundial* é nacionalizada.

da *Vida Mundial*. Por falta de viabilidade económica, o Conselho de Ministros suspende o título por 90 dias, tal como os restantes pertencentes à ex-Sociedade Nacional de Tipografia (jornal *O Século* e as revistas *O Século Ilustrado* e *Modas e Bordados*), para reestruturação. No último editorial, intitulado “Uma medida que tardava ou um fim que se adia?”, o chefe de redação e diretor interino, escreve acerca do anúncio de Manuel Alegre, secretário de Estado da Comunicação Social: “uma suspensão para reestruturação não é — não pode ser — um assassinato ou uma morte inevitável” (Ribas, 1977b, p. 2). Facto é que, seis meses mais tarde, em agosto de 1977, nova resolução do Conselho de Ministros determina a cessação definitiva das publicações, mantendo a empresa editora, que só é extinta a 29 de dezembro de 1979.

Cerca de dez anos após a transformação em newsmagazine e agora em liberdade de imprensa, a *Vida Mundial* que desaparece a 10 de fevereiro de 1977 é muito diferente da publicada a 5 de maio de 1967. No último número, a secção “Internacional” reduzia-se a nove páginas, enquanto o “Nacional” ocupava 20²⁵, com a particularidade de iniciar a revista (páginas 4 a 23) e de a fechar (páginas 60 a 66). Para além destas duas grandes secções, havia outras mais pequenas: “O Contradicionista” (banda desenhada); “Música”, “Cinema”; “TV”; “Livros”; “Mímica”; “Discos”; “Artes Plásticas” e “Bailado”. A tentativa de adaptação à nova realidade do país não foi, contudo, suficiente para resistir à turbulência política e económica que ditaram o seu fim. Na página seguinte, reproduzem-se algumas das capas da etapa final da *Vida Mundial*, incluindo a última.

25 Não se contabilizam as páginas de publicidade e crónica.



Figuras 82, 83, 84 e 85

Na última etapa de *Vida Mundial* o cartoon tornou-se um recurso comum na capa como são exemplos estes quatro números publicados entre 6 de janeiro e 10 de fevereiro de 1977 (o último número da primeira newsmagazine portuguesa).

Fontes: Reproduções dos originais.

3.2.2. *Observador*

No clima de esperança resultante da Primavera Marcelista nasce, a 19 de fevereiro de 1971, a *Observador*, uma newsmagazine de design moderno, semelhante ao trabalhado pelas congéneres americanas e europeias, dirigida pelo jornalista Artur Anselmo, à época com 30 anos. Uma revista com um título masculino, repetidamente utilizado ao longo da história da imprensa portuguesa: o catálogo da Biblioteca Nacional regista mais de duas dezenas desde o início do século XIX, em várias cidades do país²⁶. A *Observador* é a primeira newsmagazine portuguesa pensada e criada de raiz, uma vez que a *Vida Mundial*, conforme se verificou, resulta da transformação de um jornal semanário.

Propriedade da Verbo, grupo editorial lançado em 1958, a newsmagazine de 22X29 centímetros, tem 88 páginas, custa 7\$50 e distribui algumas fotografias a cores pelo interior maioritariamente a preto e branco. A capa é enquadrada por um filete semelhante a um U, encimado pelo logótipo que usa um lettering pouco formal sobre um fundo branco que se mantém constante, embora tanto o título da revista como o filete variem de cor ao longo das semanas. A capa aposta no tipo um tema, uma imagem, centrando todas as atenções numa única referência imagética e num único título, conjunto que ocupa a totalidade do espaço útil, ou seja, o retângulo abaixo do logótipo, enquadrado por um fino fundo branco, limitado pelo filete colorido em U final.

A *Observador* lança em 1970 três ensaios da publicação, semelhantes ao que é habitual designar como “números zero” e um quarto a 29 de janeiro de 1971. Todos mencionam o preço de 7\$50, uma situação pouco habitual neste tipo de revistas, por norma de distribuição gratuita. O primeiro dos quatro ensaios data de 13 de novembro de 1970, uma sexta-feira, e tem apenas 18 páginas, todas a preto e branco, sem editorial. Na página 1 surge à direita um breve sumário que remete para temas concretos, tendo numa coluna à esquerda a ficha técnica. Nesta surge o nome de Artur Anselmo duas vezes, como “Director da Publicação” e como membro do “Conselho Redactorial”, que inclui mais três elementos — Licínio de Melo, Fernando Teixeira e Vasco Teles.

Logo abaixo encontra-se António Colaço, como “Chefe de Redacção”, seguindo-se cinco “Redactores”: José Valle de Figueiredo, Carlos Dugos Baptista, F. Magalhães Monteiro, Armando Marques de Carvalho e Luis Freitas da Costa. De seguida, Adriano Cerqueira, João Bigote Chorão e Manuel Gama aparecem designados como colaboradores. João Ribeiro e José Antunes são os nomes dos fotógrafos, enquanto o cargo de “director gráfico” é ocupado

26 Título que, pelos vistos, também interessa ao universo digital. Os jornalistas José Manuel Fernandes e Daniel Dinis lançaram, a 19 de maio de 2014, o *Observador*, um jornal digital. Em 2019, surge a Rádio Observador e os dois meios integram agora o grupo de media Observador On Time SA.

por José Rego. Como “chefe de fabrico” temos António Jorge e consta ainda o “director de promoção”, Carlos Martinho, e um “director comercial”, F. Santos Machado. A ficha técnica completa-se com as moradas dos vários serviços, duas referências, na abertura e no fecho, ao proprietário (Verbo) e já depois do final da coluna onde se inserem todos os dados, a frase entre filetes e em maiúsculas, “Visado pela censura”.

A capa do primeiro número zero é ocupada por uma imagem única da sede das Nações Unidas, em Nova Iorque. O laranja é a cor escolhida para preencher o filete em formato de U que contrasta com o azul que preenche o logótipo. No rodapé colorido, em caracteres muito diminutos, pode ler-se algo entre a legenda e o comentário: “Para este organismo internacional se dirigiram as esperanças de convívio pacífico entre os homens”. Um design que bebe influências nas newsmagazines francesas e americanas, uma vez que este tipo de comentário final em rodapé foi inventado por Malcom Muir, em 1937, para integrar a capa da *Newsweek* e adotado pela *L'Express*, em 1964. Neste primeiro ensaio da *Observador*, o tema de capa não é desenvolvido no interior da publicação.

Quase duas semanas depois, a 26 de novembro, uma quinta-feira, surge mais uma *Observador* não numerada, desta vez com uma fotografia de uma Assembleia Geral das Nações Unidas a fazer a capa, que usa novamente o azul no logótipo, mas num tom mais escuro, e opta por um tom esverdeado para a moldura em U. Em rodapé encontra-se a mesma frase usada no primeiro número zero, num corpo de letra mais visível. Este elemento em associação com a imagem criam uma continuidade com o primeiro número zero. A estrutura do segundo ensaio já se encontra muito próxima da lançada no ano seguinte. Com 80 páginas, o sumário organiza agora os conteúdos por sete secções: “O País”, “O Estrangeiro”, “Temas em Debate”, “Perspectivas”, “Literatura e Artes”, “Espectáculos” e “De Tudo um Pouco”. O tema de capa, sob o título “ONU — 25 anos”, abre a secção “O Estrangeiro”.

Partilhando o lado esquerdo da página 3, em que se insere o sumário, Artur Anselmo assina um editorial intitulado “Que revista?”, estruturado num formato de diálogo da newsmagazine consigo própria, sublinhado pelo uso dos travessões e do itálico (estilo de formatação que será sempre o utilizado). As ambições da nova publicação surgem na primeira declaração de resposta à pergunta do título: “*uma revista que se leia. (...) uma revista que faça pensar (...) uma revista que, pelo seu estilo próprio e pela actualidade das matérias abordadas, tenha um lugar bem determinado no panorama nacional e internacional*” (Anselmo, 1970, p. 3). Explicações que vão ao encontro da definição de uma revista semanal de informação geral — linguagem acessível, jornalismo interpretativo, cobertura da atualidade nacional e internacional.

As declarações seguintes do editorial vão para a denúncia das dificuldades que uma newsmagazine enfrentava nas condições políticas vividas em 1970. Lançar a *Observador* não é “*fácil nem cómodo. Porque, se é verdade que os meios de informação existem, o mesmo não pode dizer-se quanto à viabilidade de colocar esses meios ao serviço de uma crítica objectiva*”. E Anselmo vai mais longe, afirmando que “*sendo a informação comandada por forças de pressão*

(económicas, políticas biológicas...), é difícil despojar as fontes informativas do carácter que geralmente ostentam”. A frase seguinte explana as dificuldades resultantes da ausência de tradição em Portugal do jornalismo característico das newsmagazines, (apesar dos 47 anos decorridos sobre o lançamento da *Time* e três anos e meio após a conversão da *Vida Mundial* em revista), e do enraizamento do jornalismo ideológico: “*não está entranhado o hábito de situar os acontecimentos na dimensão exacta das suas causas e na fisionomia dos seus efeitos. A tentação de tomar partido, de distorcer factos, de confundir ideias, espreita a cada esquina*” (Anselmo, 1970, p. 3).

Sobre o projeto da *Observador*, Artur Anselmo revela que a revista não pretende ser “*um relógio-de-repetição de lugares comuns*”, por isso promete peças com “*um cunho original, se não nos temas, ao menos na linguagem e na forma plástica de transmitir ideias*”. Assumindo a atualidade como “*preocupação dominante*”, a *Observador* compromete-se a ir para além do dia a dia noticiado pelos diários, definindo uma agenda própria de investigação (Anselmo, 1970, p. 3).

A ficha técnica da publicação transita para a página 2 e sofre algumas alterações. A primeira é de pormenor: o último elemento do “Conselho Redactorial” surge grafado como Vasco Teves em vez de Vasco Teles. Por outro lado, o título de Artur Anselmo reduz-se para “director”, enquanto a designação “redactores” passa a “redacção” e o número de jornalistas sobe de cinco para seis. Sai Armando Marques de Carvalho e entram Armando Luiz e Mário Dias Ramos. Os nomes dos colaboradores desaparecem e os fotografos mudam, surgindo agora os nomes de Carlos Antunes e Mafaldo Ribeiro. As designações dos quatro cargos finais alteram-se, embora sem mudança de pessoas — “director gráfico” passa a “orientação gráfica”; “Chefe de fabrico” dá lugar a “Fabrico”; “Director de Promoção” passa a “Promoção Publicitária”; e “Director Comercial” a “Difusão Comercial”. As últimas novidades dizem respeito ao aparecimento de referências às agências internacionais que apoiam a *Observador*, a France Press, a Keystone e a United Press e, por fim, à identificação da “foto da capa”, neste caso da autoria da agência noticiosa francesa.

A 31 de dezembro de 1970, novamente uma quinta-feira, é publicado o terceiro número de ensaio da *Observador*. Em tudo se assemelha a um número qualquer de uma newsmagazine em circulação. Tem 88 páginas, publicidade, notícias atualizadas e um editorial sem qualquer referência à experimentalidade da revista em causa. A partir deste número, o editorial passa a designar-se “Carta Aberta” e inclui à esquerda do título o desenho de um envelope aberto, recorrendo a uma assinatura em formato manuscrito e sublinhada, que passa a ser a adotada, em detrimento das maiúsculas de imprensa usadas no segundo número zero. Artur Anselmo faz uma retrospectiva do ano de 1970, intitulado “Tempo de análise”, como seria normal numa newsmagazine publicada a 31 de dezembro.

A ficha técnica mantém-se exatamente no mesmo lugar, mas muda radicalmente. Excecionalmente o de Artur Anselmo, todos os nomes desaparecem, tal como os cargos a que estavam associados. Restam indicações de dados técnicos, como morada, preços de assinaturas, serviços de agência e indicação da empresa de impressão. No que diz respeito às secções,

quase duplicam, passando de sete para 12, maioritariamente muito curtas: “Lugar para...” [já surgia na revista anterior, mas sem o estatuto de secção]; “O País”; “Ela”, “Museu em sua casa” [não jornalística, diz respeito à oferta semanal da reprodução de uma iluminara para colecionar]; “Estrangeiro”; “Dossier Cor” [12 páginas em papel melhorado totalmente a cores, profusamente ilustrado]; “Perspectivas”; “Economia e Finanças”; “Literatura e Artes”; “Inquérito”; “Cartoon”; e “Panorama”.

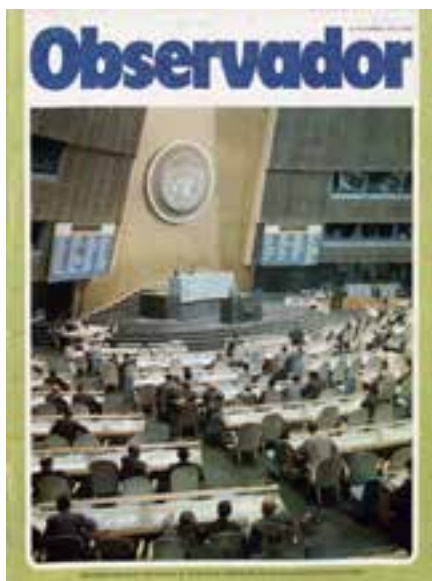
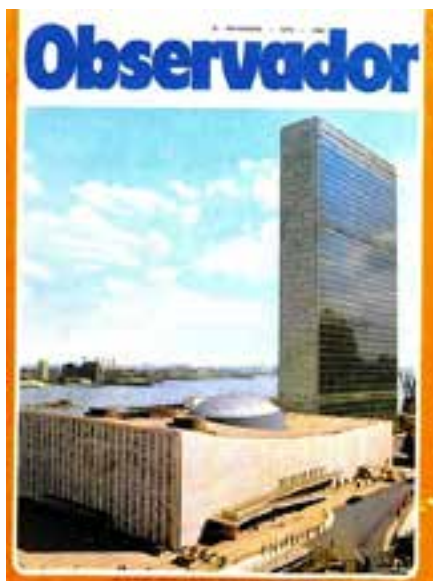
A capa do último número zero de 1970 é uma vez mais do tipo um tema, uma imagem, com uma fotografia de reportagem, emoldurada a amarelo, um plano geral em picado que faz o leitor visualizar de um ponto de vista elevado uma manifestação que mostra milhares de chineses, sorridentes, ostentando flores e bandeiras vermelhas. O título, a quatro linhas de caracteres em maiúsculas brancas é interrogativo, “China:/Vermelho/ou/Amarelo?”. Corresponde a um dossier integrado na secção “Estrangeiro” (o artigo definido masculino do número zero anterior, cai), de oito páginas, ilustrado com fotografias de grande dimensão, em equilíbrio com as manchas de texto, num arranjo gráfico moderno e de fácil leitura. A frase/comentário inserido em rodapé na parte inferior da moldura em U desaparece.

Um mês mais tarde surge o quarto e último número zero, a 29 de janeiro de 1971, apostando agora numa sexta-feira. Tem novamente 88 páginas e a indicação de um preço de 7\$50. Tal como na edição anterior, todas as características apontam para uma newsmagazine em publicação. Contudo, pela primeira e única vez, no canto inferior esquerdo, entre dois finos filetes brancos, surge a indicação em maiúsculas também brancas de reduzida dimensão, “Número/ de/ ensaio”, seguindo-se, abaixo do filete, na mesma cor, “Não pode ser vendido”. Presume-se, assim, que os números anteriores também não tenham estado à venda. A capa obedece novamente à estrutura um tema, uma imagem, com uma fotografia da France Presse a ocupá-la por completo, acompanhada no canto superior direito do título, a duas linhas de maiúsculas brancas: “Trunfo/é rapto”. A moldura em U é de tom amarelo escuro, num tom muito próximo da do número zero anterior.

O tema de capa remete para uma reportagem de três páginas de novo inserida na secção “Estrangeiro”, sobre o aumento de raptos políticos, em particular, de diplomatas, com enfoque no desvio de aviões. Para o ilustrar, a *Observador* usa na capa um plano de conjunto que mostra um aeroporto e seis pessoas perto de um avião, duas delas em primeiro plano, fardadas (as boinas permitem avançar a hipótese de que serão militares), a subirem as escadas de acesso à aeronave, transportando um baú, no qual se veem desenhados o que parecem ser caracteres árabes. Não há referências no sumário à peça que faz capa, é preciso procurá-la virando página após página. Para além disso, mesmo lendo e analisando a peça na íntegra, não se chega a perceber a que acontecimento diz respeito a fotografia escolhida para capa.

O espaço de editorial “Carta Aberta” muda-se de uma página ímpar (3) para uma par (2). No texto, Artur Anselmo volta a redigir um artigo de opinião, desta vez sobre reformas educativas em França e a despersonalização da política, sem fazer qualquer reapresentação

da revista. Ficha técnica e sumário mantêm-se no mesmo lugar, mas as secções voltam a aumentar, passando de 12 para 14. Em relação ao número zero anterior, desaparece a secção “Ela” e “Dossier Cor” passa a designar-se “Reportagem Cor”. Os novos espaços são “Artes Plásticas”, “Quadrinhos” e “S. Bento”, percebendo-se que a *Observador* irá apostar em secções fixas e em pontuais. À esquerda do Sumário, a revista inaugura o espaço “O **Observador**²⁷ observado”, dedicado à publicação de cartas dos leitores.



Figuras 86, 87, 88 e 89

As capas dos quatro números zero da *Observador*, publicados entre 13 de novembro de 1970 e 29 de janeiro de 1971.

Fontes: Reproduções dos originais.

27 Em negrito no original.

A publicação do n.º 1 da *Observador* a 19 de fevereiro de 1971 assinala a escolha da sexta-feira como dia de publicação, optando pela concorrência direta nas bancas com a *Vida Mundial*. O editorial regressa à página 3, mantendo a designação “Carta Aberta” e demais características gráficas, mas retoma o texto publicado a 26 de novembro de 1970, no segundo número zero. A diferença está no facto de que Artur Anselmo o prolonga, acrescentando-lhe novos dados. O primeiro é a resposta a uma interrogação sobre o grafismo da publicação, que o diretor situa na fronteira entre a “revista de informação” e a “revista ilustrada”²⁸, uma vez que “palavras e imagens correspondem-se”. A última questão é direta: “Qual é a feição política da revista?”. A resposta marca o distanciamento que a *Observador* promete adotar em relação aos poderes instituídos: “Apenas a do interesse do povo português” (Anselmo, 1971, p. 3).

Na página um da publicação, no início da secção “O **Observador** observado”, surge um parágrafo não assinado que referencia a distribuição de dois números de ensaio (os dois últimos, presume-se), confirmado a gratuitidade das revistas zero. Ainda nesta página, surge no canto inferior direito um retângulo, na horizontal, dividido a meio por um filete. Nesse espaço, do lado esquerdo, quatro curtos parágrafos em itálico destacam alguns dos temas tratados na revista, à direita encontra-se uma muito reduzida ficha técnica que, de uma coluna vertical a ocupar cerca de um terço de página, passa a ocupar um pequeno canto inferior direito, referindo o diretor (Artur Anselmo), o editor (José Martins, nome que surge pela primeira vez), os dados de contacto e os serviços de agências noticiosas internacionais. Comum a todas as fichas técnicas, a partir daqui, é também a indicação da origem da imagem da capa e a referência “Visado pela censura”. O modelo de ficha técnica deste primeiro número, adotado nos números seguintes, deixa uma interrogação: o que terá motivado uma mudança tão grande em relação ao destaque e pormenor que caracterizaram este espaço nos primeiros dois números zeros?

O sumário do n.º 1 da *Observador* divide-se novamente por 13 secções bastante díspares, que confirmam a aposta em secções fixas acompanhadas de pontuais: “Lugar para...”, “O País”, “Estrangeiro”, “Reportagem Cor”, “Reportagem Internacional”, “Curta Metragem”, “Perspectivas”, “Inquérito”, “Juventude”, “Álbum”, “Pausa para um conto”, “Ela” e “Panorama”. Refira-se que a secção promocional “Museu em sua casa” cai por terra. Na capa, com logótipo em vermelho e filete em U azul claro, a *Observador* insere o título partido em três linhas — “Petróleo:/ as forças/ ocultas”. Recorre a caracteres brancos inseridos na zona inferior esquerda da capa, sobre um fundo escuro onde se vislumbra o que parece ser um incêndio numa plataforma petrolífera. Um tema que surge no interior enquadrado em “Reportagem

28 Apesar desta indicação, a *Observador* nunca incorreu no modelo da revista ilustrada de informação, uma vez que tanto os conteúdos como as imagens se relacionavam maioritariamente com política nacional e internacional, para além da extensão das imagens não ultrapassar a do texto.

Internacional” e analisa a crispação no setor petrolífero que culminaria na crise de 1973, um dos fatores que contribuíram para a crise económica mundial da década de 70 do século XX. Curiosamente, *Vida Mundial* tinha feito capa duas semanas mais cedo com a falta de acordo entre companhias petrolíferas e países exportadores de petróleo e desenvolvera o tema ao longo de seis páginas com o título “Para um «dossier» petróleo”.



Figuras 90 e 91

A capa da N° 1 da *Observador*, de 19 fevereiro de 1971, trabalha o tema escolhido duas semanas mais cedo pela *Vida Mundial*.

Fontes: Reproduções dos originais

Tal como nos dois primeiros números zeros, opta-se na capa N° 1 por uma fotografia, (assinada por Manuel Varella e pertença da Verbo), sem protagonistas humanos, estrutura que a revista volta a repetir várias vezes, embora também escolha pessoas, à semelhança do que já tinha sido feito no último número experimental. Analisando as capas dos nove primeiros números da revista (12 com os pré-numerados), verifica-se que quando as pessoas surgem, na maior parte dos casos enquadram-se em fotografias de reportagem e não estabelecem contacto visual com o leitor, marcando o distanciamento das problemáticas abordadas. Neste contexto, importa destacar uma capa que se afasta do habitual, a do número 5, publicada a 5 de março de 1971. Mostra um grande plano de um homem de óculos e idade avançada — cabelo, bigode e barba quase totalmente brancos, muitas rugas, desdentado, e com algo a meio da testa, esbranquiçado, que pode ser tinta ou uma ferida — que fita o leitor, olhos nos olhos. A fotografia é da agência Keystone, surge acompanhada no canto inferior esquerdo pelo título azul a três linhas União/Indiana:/ A CHAGA. Só a última linha contém apenas maiúsculas.

Apesar da utilização do feminino a que recorremos (a revista/newsmagazine *Observador*), as referências ao título no interior da publicação são sempre no masculino. Esta tendência é histórica e já foi referida nas conclusões do capítulo inicial deste livro (Cf. final do Capítulo I), mas surpreende numa revista criada de raiz, isto é, sem ter origem num jornal prévio. Isto apesar de, na ficha técnica, a *Observador* surgir com o subtítulo “Revista Semanal de Informação”, o que sublinha ainda mais a estranheza desta duplicidade. É sempre o *Observador*, embora seja sempre a revista, sem referências ao universo dos jornais, sejam diários ou semanários.

Apesar de na ficha técnica não haver indicações de nomes para além do diretor e do editor, o escritor Vitorino Nemésio, Luís de Pina, António Quadros, Natércia Freire, João Gaspar Simões e João Coito são referidos como colaboradores por Richard C. Ramer, livreiro especializado em publicações luso-brasileiras antigas. Ramer, na publicitação da coleção com todos os números da *Observador*, define-a como “talvez a mais importante revista semanal dos últimos anos do ‘antigo regime’”²⁹. Em 1974, com a chancela da Verbo, Vitorino Nemésio viria a reunir em livro as crónicas publicadas semanalmente na revista, sob o título *Jornal do Observador*.

No projeto “Direita Radical em Portugal”, que se apresenta como “um projecto de divulgação científica, com base na investigação sobre o nacionalismo radical português do Século XX”³⁰, coordenado por Riccardo Marchi, investigador do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, a *Observador* surgia listada entre as revistas que pertencem a este movimento³¹. É a única newsmagazine incluída e acompanha os títulos *A Jovem Europa*, *Tempo Presente*, *Découvertes*, *Resistência*, *Política* e *Futuro Presente*³². Por seu turno, Artur Anselmo é um dos nomes referenciados pelo académico espanhol Joseph Sanchez Cervelló, da Universidad Rovira y Virgili, como membro da direção da Associação de Estudos para o Progresso Nacional. Uma organização constituída em setembro de 1973, que Cervelló afirma ter sido formada por “tecnocratas de extrema direita” e “quadros salazaristas conservadores”³³ (Cervelló, 1984, p. 1).

O que se pode observar através da pesquisa documental, é que a revista dirigida por Artur Anselmo, em relação à *Vida Mundial* (tradicionalmente alinhada contra o regime, mais à esquerda — dentro do possível, dadas as circunstâncias), tem uma dimensão superior (22X29

29 Caracterização encontrada em <http://livroraro.com/SpecialList139/SpecialList139.html> — este link, entretanto, deixou de estar ativo.

30 Definição recolhida em <http://www.direitasradicais.ics.ul.pt/>, negritos no original.

31 No link <http://www.direitasradicais.ics.ul.pt/?p=1099> — tanto este link como o referido na nota de rodapé anterior encontram-se inativados, o que mostra a necessidade de a investigação académica fixar os seus resultados em suportes mais perenes. Tal como acontece na nota de rodapé n.º 28, mantêm-se as referências, por não terem sido encontradas fontes alternativas para as informações em causa.

32 A página na Internet apenas enumerava os títulos, não apresentava as razões que justificavam a classificação.

33 Os outros nomes de membros da direção da Associação de Estudos para o Progresso Nacional indicados são: Luís Sequeiros, Gomes de Pinho, Francisco Lucas Pires e José Vale de Figueiredo.

cm vs 20X26,5 cm), tem mais 20 páginas semanais (88 contra 68) e usa no interior folhas brancas, mais encorpadas, de maior qualidade, nas quais se destacam a “Reportagem Cor”. Custa mais 50% do que a *Vida Mundial* (7\$50 vs 5\$00), reunindo um conjunto de características que parece indiciar que a revista pretendia ser mais elitista, dirigida a leitores com recursos económicos mais elevados. Uma análise comparativa dos públicos a que os anúncios publicitários das duas revistas se dirigem poderá, eventualmente, ser uma pista de investigação que ajude a explorar esta hipótese.

O primeiro aniversário da *Observador* assinala-se no n.º 53, de 18 de fevereiro de 1972, e tem honras de capa. Nesta, um plano de conjunto mostra uma jovem mulher, de longos cabelos loiros e olhos azuis que sorri para o leitor, usando um vestido azul escuro ajustado, salpicado de pequenas flores claras, de generoso decote e, que pelo facto de se encontrar sentada, ligeiramente de lado, lhe deixa as pernas quase totalmente à mostra. Segura na mão esquerda um castiçal com uma vela azul escura acesa e na mão direita uma caneca de cerveja. Aparenta estar num ambiente familiar. O título surge no canto inferior direito a duas linhas de maiúsculas brancas, “Parabéns/ Leitor!”, com um antetítulo de dimensões mais reduzidas e sublinhado, também a branco, mas em minúsculas, “1º aniversário”.

A capa desdobra-se no interior num caderno de quatro páginas a cores, com “capa” própria, em que a mesma protagonista do rosto da revista é retratada agora em plano médio, de camisola de malha amarela até ao pescoço e mangas compridas que terminam em desenho de flor. A caneca de cerveja transitou para a mão esquerda e a direita segura agora o que parece ser um cocktail que a jovem fita e bebe através de uma palhinha, não havendo contacto ocular com o leitor. A postura corporal, o cabelo para trás do ombro, os lábios entreabertos, a camisola que se cola ao corpo, e o espaço de fundo, que aparenta ser um bar, torna a representação desta mulher mais sedutora do que a que surge na capa da revista. Os títulos são os mesmos, arrumados agora em cabeçalho a uma linha em maiúscula vermelhas delineadas a preto (“Parabéns, Leitor!”) e centrado em cabeçalho, mantendo as minúsculas brancas (“1º aniversário”).

O texto do dossier de aniversário acompanha o título e centra-se em comentários a quem lê a *Observador*. A revista diz congratular-se por ter leitores “assíduos, atentos, exigentes e inteligentes” (1972, p. 18), referindo a qualidade das cartas dos leitores semanalmente publicadas na secção “Observador Observado”. A newsmagazine revela de seguida os resultados dos inquéritos que diz ter vindo a realizar:

afinal, o público português é um bom público, tão bom como os melhores do mundo; afinal, contamos com gente culta em abundância, contamos com uma multidão que gosta de entender os problemas como eles devem ser entendidos, contamos com pessoas para pensar (1972, pp. 18, 20).

Sublinhe-se o “afinal” repetido, que parece evidenciar as dúvidas sobre a viabilidade de uma revista como a *Observador* e que talvez ajudem a explicar o longo período de preparação e os quatro números zero lançados. A seguir a um parágrafo em que o título dá os parabéns a cada tipo de leitor (“que nos louva”; “que nos critica”; “que quer melhor”; “que nos escreve”; “que nos pergunta”; “que nos manda parabéns”; “que não nos manda parabéns”), as últimas frases explicam as fotografias que ilustram o dossier, explicando que oferecem aos leitores “velas para todos, de todos os tamanhos e feitios, de todas as cores do arco-íris e até uma mais agressiva, para quem achar que a merecemos” (1972, p. 20). Todas as fotografias, à exceção de uma [de pequenas dimensões em que se veem duas mulheres e uma criança comprando velas], têm a protagonista da capa, alternando as duas indumentárias já descritas, em cada uma ostentando velas diferentes, algumas com o formato de mãos com pavios acesos nas pontas de cada dedo. Na fotografia interior de maior dimensão, que ocupa a totalidade da página 19, a jovem olha com um espanto sorridente para a mão esquerda que segura uma vela redonda, preta, com a inscrição “Bomb” a branco, enquanto a mão direita segura quatro velas amarradas de uma forma que remetem para as barras de dinamite do universo cinematográfico. Duas representações de “velas explosivas” (e não uma), nas quais a palavra em inglês “bomb” indica que as fotografias terão sido compradas e não produzidas pela revista, o que também explica as características físicas da protagonista não correspondentes às da mulher portuguesa tipo (olhos e cabelos castanhos).



Figuras 92 e 93

A 18 de fevereiro de 1972, a *Observador* faz capa com o seu primeiro aniversário (imagem da esquerda) e, no interior, inclui um dossier de quatro páginas, com capa própria (imagem da direita).

Fontes: Reproduções dos originais.

No editorial, intitulado “Olhos no futuro”, Artur Anselmo justifica o título, dizendo que “*semana após semana, o que nos preocupa não é nunca o que fizemos, mas sim o que vamos fazer*”. Sobre o trabalho realizado, o diretor diz que “o Observador *procurou constantemente ser uma revista do leitor, e não apenas uma revista para uns hipotéticos leitores que tanto poderiam adquirir esta como outra qualquer*³⁴” (Anselmo, 1972, p. 5).

Diz também que “com fundamento nas mais recentes sondagens de opinião” apurou-se que a newsmagazine já tem:

um público certo, composto, na sua esmagadora maioria, por leitores que querem ver tratados na revista (como viram neste primeiro ano) os grandes problemas do homem contemporâneo: os problemas do país real, debatidos com isenção e com lisura, sem os espinhos da maledicência e sem as coroas do serafismo (Anselmo, 1972, p. 5).

Caracterizando o que a revista tem sido, Artur Anselmo diz que a *Observador* “*é gráficamente das obras mais asseadas* [interpreta-se este adjetivo como uma referência à clareza da paginação, por vezes, a roçar o geométrico] *que se têm feito em Portugal, e que é literariamente correcta, desafectada, simples mas não simplista, fácil mas não pirosa, austera mas não tumular, alegre mas não desmiolada*”. Em suma, resume, não é “*um produto comum*”, palavras que traduzem, associada ao autoelogio, uma crítica direta aos outros títulos publicados à época. O diretor explica de seguida os elevados custos de produção da revista e anuncia que “*para que o produto mantenha esta qualidade, este nível — esta força, digamos —, torna-se indispensável um pequeno aumento no preço da revista (de 7\$50 para 10\$00)*” (Anselmo, 1972, p. 5). Apesar do adjetivo “pequeno”, o acréscimo corresponde a mais 25%. A *Vida Mundial* mantinha-se nos 5\$00, agora metade do preço da *Observador*.

Na página 1 do número de aniversário, a *Observador* publicita o *Diário do Ano*, que demonstra as vantagens de ter uma empresa com a capacidade financeira e de produção como a editora Verbo como proprietária. Uma publicação em formato de livro, de capa rígida, que “já está à venda em toda a parte e custa só 30\$00”. O *Diário do Ano* faz uma retrospectiva dos principais acontecimentos de 1971 e inclui no final um índice temático que remete para as páginas das *Observador* publicadas ao longo do ano. Permite assim saber, por exemplo, que o conto “Coração Revelador”, de Edgar Poe, foi publicado na página 76 da *Observador* n.º 5. Este tipo de publicação, semelhante ao *Diário do Ano*, foi uma promessa em 1967 da *Vida Mundial*, aquando da transformação do título em revista, que nunca foi cumprida³⁵. Para

34 “Observador”; “do”; e “para”, ao contrário do restante texto, não surgem em itálico no original.

35 Lembramos as palavras da *Vida Mundial* (Cf. 3.2.1) no primeiro número da era newsmagazine: incluir “um índice classificado relativo aos artigos e acontecimentos de cada número, de forma a que os leitores possam guardar e encadernar «Vida Mundial» como repositório de fácil consulta para cada assunto de seu interesse”.

além do *Diário do Ano*, a *Observador* publica dois números especiais ainda em 1972, numerados com a data da revista da semana em causa, o primeiro a 7 de janeiro (n.º 47), com 176 páginas e um preço de capa de 15\$00, intitulado “Linhas de Força da Economia Portuguesa” (com a indicação “1. Metrópole”). Um segundo a 1 de dezembro (n.º 94), com 160 páginas e um custo de 20\$00, com o título “Saúde em Portugal”.

O segundo aniversário da *Observador* é assinalado de forma muito mais modesta. Na capa do n.º 106 de 23 de fevereiro de 1973, quase em jeito de carimbo, há uma alusão no canto inferior direito, inserida numa fina moldura sem fundo que não perturba a fotografia de capa. “Segundo/ Aniversário” lê-se em letras maiúsculas brancas, mas diminutas. No interior não há dossiers especiais e Artur Anselmo explica no “Carta Aberta”, intitulado “Claramente amanhã”, que tem novamente um título que olha para o futuro e porquê. De acordo com o diretor, apesar de felizes com os dois anos da revista, as celebrações têm de ficar para outra altura, uma vez que está a ser preparado “o número especial de Economia que tencionamos publicar na Primavera”. Trata-se da continuação do publicado a 7 de janeiro de 1972, dedicado à “metrópole”. Agora, o objetivo é olhar para lá do continente e, para isso, “uma equipa seguiu para Cabo Verde e Guiné, outra ainda para Moçambique, outra chegou há pouco a Angola e em breve estará em S. Tomé, enquanto outra demandará as terras de Macau e Timor dentro de alguns dias”. A *Observador* pretendia reunir “o maior número de elementos de reportagem e análise, para o levantamento das coordenadas essenciais da actividade económica do Mundo Português” (Anselmo, 1973, p. 3). Nem uma palavra sobre a guerra colonial que se arrastava há 12 anos em Angola, Guiné-Bissau e Moçambique.

Artur Anselmo faz um balanço dos dois anos de vida da newsmagazine destacando os números especiais que o título tem desenvolvido e apresentando o *Diário do Ano* referente a 1973, colocado à venda na semana de aniversário. Mas para o diretor, o mais importante é o trabalho que se vai desenvolvendo todos os dias, “na luta que semanalmente travamos contra a rotina”. Anselmo diz que se vive uma “época em que a imprensa tem de superar-se constantemente, a fim de provar a si mesma que é útil, e indispensável, e vital para a opinião pública”, uma vez que “o mínimo sinal de enquistamento, de “não-te-roles”, de “deixa-correr”, toma logo proporções catastróficas”. E é por isso, diz o diretor, que só faz sentido fazer uma revista a pensar no amanhã (Anselmo, 1973, p. 3).

A prometida edição especial da *Observador* dedicada à economia no “Mundo Português” é publicada a 11 de maio de 1973, com o n.º 117, custa 20\$00, tem novamente 176 páginas e repete o título de 1972, *Linhas de Força da Economia Portuguesa*. No final do ano, a 21 de dezembro de 1973, a *Observador* constrói uma capa que remete para a americana *Time* de forma evidente, uma vez que usa uma fotografia em grande plano de Henry Kissinger, o secretário de Estado dos Estados Unidos, e titula “O Homem do Ano”. A newsmagazine fundada por Hadden e Luce também selecionara Kissinger, acompanhado do presidente Richard Nixon, mas no ano anterior como “Homens do Ano” 1972. Tanto num ano como outro, as escolhas

são justificadas pela atividade diplomática desenvolvida por Kissinger nas negociações com Rússia, China e com as autoridades vietnamitas que marcaram o início do fim de uma guerra em que os Estados Unidos estavam envolvidos desde 1955.



Figuras 94 e 95

Henry Kissinger como “Homem do Ano” na *Time* (1 de janeiro de 1973) e na *Observador* (21 de dezembro de 1973).

Fontes: Site online de consulta pública da *Time*³⁶ e reprodução própria.

Com o título de Artur Anselmo, Portugal contou pela primeira vez na história da imprensa com duas newsmagazines em circulação em simultâneo: *Vida Mundial* e *Observador*. As capas de ambas refletem as filosofias das publicações e são bastante diferentes. As da *Vida Mundial*, como verificado neste capítulo, no ponto anterior, apresentam uma diversidade gráfica de construção muito assinalável. Já as da *Observador* optaram, talvez como fator de diferenciação, por um design de capa que, embora jogue com alternâncias cromáticas, é rígido o suficiente para que qualquer um dos seus rostos seja de imediato associada à segunda newsmagazine portuguesa. Outra característica foi a forte aposta em dois tipos de imagem, a de reportagem e a conceptual, quase sempre de base fotográfica.

36 Disponível aqui: <https://time.com/vault/subject/person-of-the-year/>.

Durante os três anos em que saíram para as bancas lado a lado, *Observador* e *Vida Mundial* trabalharam quase sempre temas de capa diferenciados. Mas em determinados momentos, fosse exatamente na mesma semana ou com alguma distância, os dispositivos coincidiram nos destaques, motivados por acontecimentos internacionais de dimensão incontornável para revistas semanais de informação geral. Assinalam-se três exemplos:

— Reunião da Nato em Lisboa, a 3 de junho de 1971. O tema faz capa da *Vida Mundial* n.º 1668, de 28 de maio de 1971, antecipando o encontro. A *Observador* usa-o na semana seguinte, no n.º 16, de 4 de junho de 1971.

— Reunião na ilha Terceira, Açores, dos presidentes americano e francês, Richard Nixon e Georges Pompidou, a 13 e 14 de dezembro de 1971. Tinha por objetivo encontrar soluções para a crise económica mundial. Desta vez é a *Observador* que se antecipa e faz capa com o assunto no n.º 43, de 10 de dezembro. Na semana seguinte, a 17 de dezembro, é a vez da *Vida Mundial* n.º 1697 retratar o encontro entre os líderes.

— Visita inédita de um presidente norte-americano à China a 21 de fevereiro de 1972, na sequência da resposta afirmativa de Richard Nixon ao convite do primeiro-ministro chinês Chu En-Lai. É precisamente Chu En-Lai que tanto *Observador* como *Vida Mundial* escolhem como protagonistas de capa. A *Vida Mundial* volta a antecipar-se, no n.º 1706, de 18 de fevereiro, enquanto a *Observador* faz capa no n.º 54, de 25 de fevereiro³⁷.

A 8 de fevereiro de 1974, ou seja, a dez dias do título completar três anos, Artur Anselmo assina o espaço “Carta Aberta” com um texto intitulado “Aos leitores e amigos”. Neste, expõe as dificuldades económicas vividas pela publicação, fruto da subida do preço das matérias-primas e consequente aumento dos custos de produção da revista. Uma situação de rutura total com o desafoço financeiro que apenas um ano antes permitira deslocar quatro equipas de reportagem a todas as antigas colónias portuguesas espalhadas pelo mundo, apenas para produzir um número especial. O texto do diretor permite também saber que os leitores do *Observador* são “*uns largos milhares de pessoas*”, que Artur Anselmo caracteriza como “*um público evoluído e exigente*”, dividido entre a metrópole e Angola. Outro facto revelado é que 30% das vendas da revista provêm das assinaturas, duas mil dos quais de leitores fiéis ao título desde o primeiro número.

Anselmo afirma ainda que a *Observador* foi, desde o início, “*o semanário português a inserir maior valor de publicidade*” nas suas páginas, o que lhe permitiu resistir ao início da crise económica mundial. Contudo, em fevereiro de 1974 os custos eram de tal forma elevados — o diretor demonstra-o pormenorizadamente —, que o título apenas seria rentável se conseguisse ser vendido “*a um preço exorbitante para a bolsa média dos portugueses*”. Neste contexto

37 Podem ser consultadas reproduções das seis capas (originais consultados na Biblioteca Nacional), acompanhadas de pequenas notas analíticas em Cardoso, 2015, pp. 287-289.

económico, Artur Anselmo anuncia que a Verbo vai cessar a publicação da revista a partir de 22 de fevereiro de 1974 e que “*o conjunto de pessoas que faz o Observador todas as semanas*” vai encetar negociações com os proprietários de forma a poderem manter o título vivo, apostando num formato gráfico menos dispendioso, sem prescindir da “*dignidade intelectual a que os leitores se habituaram*” (Anselmo, 1974a, p. 3).

Na semana seguinte, 15 de fevereiro de 1974, Anselmo desmente no “Carta Aberta” intitulado “O Nosso Trabalho”, em letras maiúsculas, as notícias publicadas em dois diários sobre o fim da revista. O diretor reafirma o decurso de conversações entre redatores e administração da empresa tendo em vista a constituição de “*uma empresa estruturada em moldes participativos*” (Anselmo, 1974b, p. 3). Uma semana mais tarde, “A Nossa Posição”, título do último editorial da *Observador*, também chega em maiúsculas, a 22 de fevereiro de 1974, mas não se atém ao “Carta Aberta” — é o título que faz a capa, inserido a letras azuis claras a duas linhas, delimitadas a preto, no rodapé de uma fotografia da France Presse, que mostra uma imagem geométrica e colorida, onde predomina o branco e preto, que lembra as bancadas vazias de um estádio. O diretor explica que os redatores constituíram uma sociedade por quotas e definiram uma estratégia comercial para uma publicação mais económica. Contudo, “*decidiu a empresa proprietária do Observador guardar os direitos sobre o título, prevendo a eventualidade de vir a retomar a publicação em ocasião mais favorável*” (Anselmo, 1974c, p. 3).

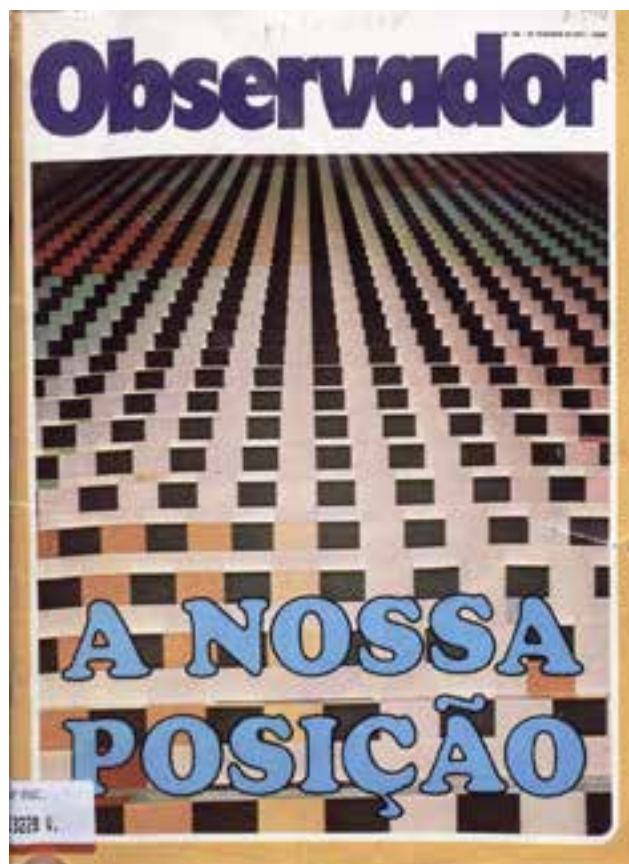


Figura 96
A crise da revista faz a última capa da *Observador*, publicada a 22 de fevereiro de 1974.
Fonte: Reprodução do Original.

Apesar das circunstâncias, o último número da newsmagazine estrutura-se como se fosse apenas mais uma semana normal. Divide-se em 14 secções: “Crítica”, “Como e Quando”, “Exclusivo”, “Livro dos Animais”, “Nosso Tempo”, “Panorama”, “Ela”, “Inquérito”, “Economia e Finanças”, “Estrangeiro”, “Curta Metragem”, “Ar Livre”, “Mercado” e “Pas-satempo”. Para além do editorial, é a secção “*Observador* Observado”, que contém as cartas dos leitores, que também denuncia a situação vivida, com a publicação de mais de uma dezena de textos de apoio à continuidade da revista, de homens e mulheres, assinantes e simpatizantes, de norte a sul do país e uma de Luanda. Em condições normais este seria o número em que se assinalaria o início do quarto ano da *Observador* e a saída para as bancas do *Diário do Ano* referente a 1973.

Com 158 números, a newsmagazine *Observador* chega ao fim, três anos após o seu lançamento e dois meses antes da revolução de 25 de Abril, que poria termo a uma ditadura de 48 anos. No último número, só o nome de Artur Anselmo, como diretor, constava. Enquanto foi publicada, as capas do título mantiveram-se fiéis à construção do tipo “um tema, uma imagem”. Uma opção arriscada e confiante, que concentra estratégias num caminho único, sem apresentar alternativas ao leitor. Em termos de imagem, destacaram-se maioritariamente as fotografias de agências noticiosas, os planos de conjunto ou o retrato de pessoas envolvidas nos acontecimentos selecionados, mas que não fitam o leitor — em suma, capas que se pretendem neutras, imparciais, distanciadas. Artur Anselmo de Oliveira Soares, que seguiu a vida académica, tornando-se professor associado com agregação no Departamento de Estudos Portugueses da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, encerra com o fim da revista a sua atividade como jornalista, que iniciara em 1962. Não se encontraram registos de outra newsmagazine lançada nos meses seguintes pela mesma equipa da *Observador*.

Conclusões

Fica claro no final deste capítulo, conforme defendido em investigações anteriores, (Cardoso, 2012; Cardoso, 2015), que *Flama* e *O Século Ilustrado* se diferenciam das newsmagazines. Os dois títulos têm, de facto, proximidades com o modelo de imprensa fundado com a *Time*, a partir do momento em que passam de jornais a revistas semanais. Contudo, ambas adotam claramente o modelo da revista semanal ilustrada, inaugurado, no seu formato mais moderno, em 1928, com a francesa *Vu* e desenvolvido pela também francesa *Paris-Match*, a partir de 1949. Uma das revistas desta natureza mais famosa nasce nos Estados Unidos pela mão de Henry Luce, um dos fundadores da *Time*, em 1936. A revista ilustrada de informação diferencia-se da newsmagazine por ser menos densa, apresentar um claro predomínio da fotografia e abordar temas que a aproximam das atuais revistas de social.

No artigo “A pioneira Flama”, de 2007, a jornalista Patrícia Fonseca coloca a par *Flama*, *O Século Ilustrado* e *Vida Mundial* como precursoras das newsmagazines modernas. Também Carla Baptista, no livro *Apogeu, Morte e Ressurreição da Política nos Jornais Portugueses*, em 2012, aborda no mesmo capítulo as revistas *Flama*, *Vida Mundial* e *O Século Ilustrado* (Baptista, 2012, pp. 267-336). Embora a académica refira em nota de rodapé que *O Século Ilustrado* “tinha um estilo mais solto e popular do que a *Flama* e a *Vida Mundial*” (Baptista, 2012: 275), não hesita em referir-se às duas últimas como newsmagazines (Baptista, 2012: 280).

Mas no que diz respeito à *Vida Mundial*, existe um argumento relacionado com a empresa proprietária que sustenta a diferenciação de modelos, e que é exatamente o mesmo que se aplica à *Life* e à *Time*. *O Século Ilustrado* e a *Vida Mundial* pertenceram durante vários anos aos mesmos proprietários, primeiro à Sociedade Nacional de Tipografia, depois à Empresa Pública dos Jornais “Século” e “Popular”. Não seria sensato do ponto de vista económico o mesmo grupo de comunicação viabilizar duas revistas concorrentes, de matriz idêntica. Na reta final da existência dos dois títulos, Tomaz Ribas, o último diretor da *Vida Mundial*, escrevia, a propósito da hipótese de fusão entre *Vida Mundial*, *Século Ilustrado* e a terceira do grupo, *Modas e Bordados*, que “cada uma delas tem, também, o seu passado, o seu espaço, o seu público, a sua liberdade de existência independente” (Ribas, 1977b: 3) — declarações que reforçam as diferenças de conceitos por trás das duas revistas semanais de informação.

No que diz respeito à *Flama*, a proximidade deste título com a revista ilustrada de informação acaba por ser reconhecida por Patrícia Fonseca, nas últimas páginas do artigo de 2007, quando afirma que “em 1965, capas como a que desvenda o lado íntimo de Amália, numa entrevista à jornalista Edite Soeiro, igualavam em qualidade e beleza estética, publicações como a norte-americana *Life* ou a francesa *Paris-Match*” (Fonseca, 2007, p. 62). No mesmo sentido vão as considerações de Joaquim Letria³⁸. Segundo o jornalista, “a *Flama* era, como nós dizíamos, por graça, o *Paris-Match* da Rua de Santa Marta. E essa era uma revista ilustrada. *O Século Ilustrado* era mais no estilo *Life*. Isto é muito curioso, porque sentia-se e pressentia-se mais ou menos as cópias ou as influências dos modelos das grandes revistas internacionais”.

Apesar de ser taxativo e afirmar que “a *Flama* era uma revista declaradamente ilustrada”, Joaquim Letria admite que no período final, entre o 25 de Abril de 1974 e 2 de setembro de 1976, quando encerra, “há uma evolução na *Flama* que a deixa mais próxima da newsmagazine do que das revistas ilustradas”. Para Letria, essa mudança teve razões mais contextuais do que de vontade de mudar o projeto. Em primeiro lugar, as dificuldades económicas da época que não permitiam apostar na fotografia e nas páginas a cores com a mesma frequência.

38 Entrevista concedida a 9 de abril de 2010. A transcrição pode ser consultada na íntegra nos anexos de Cardoso, 2015 (pp. 25-44).

Depois, o momento histórico vivido que levava a imprensa em geral a considerar que “era preciso dizer coisas às pessoas e falar mais do que propriamente mostrar fotografias”.

Nas décadas de 1950 e 1960, a *Flama* organizou a eleição das “rainhas da rádio e da televisão”, concurso demonstrativo da filosofia e natureza desta publicação até à revolução de 25 de Abril de 1974. Na última fase apontada por Joaquim Letria, a revista manteve inalteráveis algumas características distintivas, nomeadamente o formato de 24X30 cm, superior ao da newsmagazine, e a clara aposta na fotografia, por oposição ao equilíbrio texto/imagem da revista semanal de informação geral.

Desta forma, as características específicas descritas neste capítulo tornam *Flama* e *O Século Ilustrado* como as últimas representantes da longa tradição de revistas de informação ilustrada que se desenvolveram em Portugal desde a Monarquia. Sendo possível argumentar que na sua fase final, a *Flama* acaba por estabelecer a ponte entre as revistas semanais ilustradas de informação e as newsmagazines.

Iniciada com a *Vida Mundial*, na tradição europeia de transformação de jornais em revistas, na senda do modelo inaugurado pela americana *Time*, continuada com a *Observador*, uma aposta da Verbo que acaba por falhar por razões económicas a dois meses da Revolução do 25 de Abril, as newsmagazines modernas vão florescer e desenvolver-se em Portugal com a adoção da Democracia, como veremos no Capítulo IV que encerra este livro.

Bibliografia

- 30 anos de existência. (1969, Maio 16). *Vida Mundial*, 1562, 4-5.
- A obrigação de renovar. (1974, Junho 28). *Vida Mundial*, 1828, 1.
- Abelaira, A. (1974a, Junho 28). Este número será visado pela Comissão «Ad Hoc». *Vida Mundial*, 1828, 2,3.
- Abelaira, A. (1974b, Outubro 2). Aos Leitores. *Vida Mundial*, 1829, 9.
- Abelaira, A. (1975, Outubro 30). Paciência. *Vida Mundial*, 1885, 9.
- Anselmo, A. (1970, Novembro 26). Que revista? *Observador*, 3.
- Anselmo, A. (1971, Fevereiro 19). Que revista? *Observador*, 1, 3.
- Anselmo, A. (1972, Fevereiro 18). Olhos no futuro. *Observador*, 53, 5.
- Anselmo, A. (1973, Fevereiro 23). Claramente amanhã. *Observador*, 106, 3.
- Anselmo, A. (1974a, Fevereiro 8). Aos leitores e amigos. *Observador*, 156, 3.
- Anselmo, A. (1974b, Fevereiro 15). O Nosso Trabalho. *Observador*, 157, 3.
- Anselmo, A. (1974c, Fevereiro 22). A Nossa Posição. *Observador*, 158, 3.
- Aos nossos leitores. (1967a, Abril 21). *Vida Mundial*, 1,7.
- Aos nossos leitores. (1967b, Abril 28). *Vida Mundial*, 1,5.
- Augusto Abelaira director da «Vida Mundial». (1974, Maio 24). *Vida Mundial*, 1823, 1.
- Baptista, C. (2012). *Apogeu, Morte e Ressurreição da Política nos Jornais Portugueses—Do século XIX ao Marcelismo*. Escritório.
- Cabrera, A. (2006). *Marcello Caetano: Poder e Imprensa*. Livros Horizonte.
- Cardoso, C. R. (2012). *Seduzir ou Informar? — A Capa de Newsmagazine como Dispositivo de Comunicação*. MinervaCoimbra.
- Cardoso, C. R. (2015). *A newsmagazine em Portugal: 70 anos até à consolidação do conceito* [Tese de Doutoramento, Universidade Nova de Lisboa]. <http://hdl.handle.net/10362/20009>
- Cardoso, C. R. (2019a). A newsmagazine em Portugal: 70 anos até à consolidação do modelo. *Libro de Atas XVI Congreso AsHisCom*, 224-234. https://docs.wixstatic.com/ugd/a4d920_912d3c9e2a7a417ca1bab672f8e50183.pdf
- Cardoso, C. R. (2019b, Outubro 4). *Observador: A newsmagazine da Primavera Marcelista* [Apresentação de Comunicação]. I Congresso Internacional História do Jornalismo em Portugal, Universidade Nova de Lisboa.
- Cervelló, J. S. (1994). *Cronologia das Organizações de Direita (1973-1976)*. Universidade de Coimbra. <http://www1.ci.uc.pt/cd25a/media/Images/thCervello.pdf>
- Correia, F., & Baptista, C. (2007). *Jornalistas: Do ofício à profissão*. Caminho.
- Correia, N. (1976, Maio 6). Editorial. *Vida Mundial*, 1886, 1.
- Correia, N. (1977, Janeiro 20). Uma despedida que não um adeus. *Vida Mundial*, 1923, 1.
- Costa de Matos, Á. (2006). Revistas Políticas no Estado Novo: Uma primeira aproximação histórica ao problema. *Média & Jornalismo*, 9, 41-56.
- Dr. Guilherme Pereira da Rosa. (1972, Novembro 3). *Vida Mundial*, 1743, 2.
- Ferrão, C. (1970, Junho 25). Editorial — *Vida Mundial*. *Vida Mundial*, 1620, 3.
- Fonseca, P. (2007, Setembro). A pioneira Flama. *JJ — Jornalismo e Jornalistas*, 31, 54-65.
- John F. Kennedy. (1967, Julho 21). *Vida Mundial*, 1467, 36-40.
- Letria, J. (2010, Abril 9). *Entrevista a Joaquim Letria* [realizada por Carla Rodrigues Cardoso].
- Martins, F. E. (1970, Junho 19). Do Director aos leitores de «vida mundial». *Vida Mundial*, 1619, 3.
- M.S.P. (1974, Maio 24). Os acontecimentos na S.N.T. *Vida Mundial*, 1823, 1.
- O que será a nova «Vida Mundial». (1967, Maio 5). *Vida Mundial*, 1456, 5.
- O que tem sido a vida da «Vida Mundial». (1967, Maio 5). *Vida Mundial*, 1456, 2-4.
- Observando... (1978, Novembro 2). *Novo Observador*, 1, 1.
- Parabéns, Leitor! (1972, Fevereiro 18). *Observador*, 53, 17-20.
- Portela Filho, A. (1976, Abril 22). Opção qual, por quem, como? *Opção*, 0, 15.
- Ribas, T. (1977a, Janeiro 27). A nossa carta de marear. *Vida Mundial*, 1924, 1.
- Ribas, T. (1977b, Fevereiro 10). Uma medida que tardava ou um fim que se adia? *Vida Mundial*, 1926, 2,3.
- Rosas, F. (2012). *Salazar e o Poder. A Arte de Saber Durar*. Tinta da China.
- Santamaría Suárez, L., & Casals Carro, M. J. (2000). *La Opinión Periodística — Argumentos y Géneros para la Persuasión*. Fragua.
- Departamento de Património Cultural da Câmara Municipal de Lisboa. (2013). *Toponímia de Lisboa*. João Pereira da Rosa a correr para O Século.
- Ferreira, P. R. (2009). *Culturas de protesto em Portugal na imprensa periódica (1968-1970)*. Universidade de Lisboa.
- Gomes, P. M. (2018). “Por onde vamos Portugal?” A agitação revolucionária de 1975 nos semanários Expresso, O Jornal e Tempo. In J. P. Sousa (Org.), *Notícias em Portugal — Estudos sobre a imprensa informativa (Séculos XVI-XX)* (p. 331-353). ICNOVA.
- Liliana Machado. (2010). *30 Anos de Reportagem na Imprensa Escrita do Porto*. Universidade Fernando Pessoa.
- Madureira, N. L. (1998). O Estado, o patronato e a indústria portuguesa (1922-1957). *Análise Social*, 33(148), 777-822.
- Soares, D. (2008). A (re) definição da identidade da juventude escolar católica (jec) no final da década de 60 *. *Lusitania Sacra*, 483-490.
- Sterling, C. H. (2009). Newsweekly Magazines. Em *Encyclopedia of Journalism* (pp. 1006-1011). Sage. <http://www.sage-ereference.com/view/journalism/n275.xml>
- Sumner, D. E. (2003). Magazines: News. Em *Encyclopedia of International Media and Communications* (pp. 87-99). Elsevier.
- Departamento de Património Cultural da Câmara Municipal de Lisboa. (2013). *Toponímia de Lisboa*. João Pereira da Rosa a correr para O Século.
- Ferreira, P. R. (2009). *Culturas de protesto em Portugal na imprensa periódica (1968-1970)*. Universidade de Lisboa.
- Gomes, P. M. (2018). “Por onde vamos Portugal?” A agitação revolucionária de 1975 nos semanários Expresso, O Jornal e Tempo. In J. P. Sousa (Org.), *Notícias em Portugal — Estudos sobre a imprensa informativa (Séculos XVI-XX)* (p. 331-353). ICNOVA.
- Liliana Machado. (2010). *30 Anos de Reportagem na Imprensa Escrita do Porto*. Universidade Fernando Pessoa.

Madureira, N. L. (1998). O Estado, o patronato e a indústria portuguesa (1922-1957). *Análise Social*, 33(148), 777-822.

Traquina, N. (2005). *Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são*. Insular.

Um ano da nova «V.M.» (1968, Maio 10). *Vida Mundial*, 1509, 3.

Vida Mundial. (1967, Dezembro 29). *Vida Mundial*, 1490, 3.

Vida Mundial. (1972a, Maio 12). *Vida Mundial*, 1718, 2.

Vida Mundial. (1972b, Setembro 1). *Vida Mundial*, 1734, 1.

Vida Mundial. (1972c, Setembro 8). *Vida Mundial*, 1735, 1.

Vida Mundial. (1973, Maio 11). *Vida Mundial*, 1770.

«Vida Mundial» completou 31 anos. (1970, Maio 15). *Vida Mundial*, 1614, 2.